



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE FEIRA DE SANTANA
DEPARTAMENTO DE LETRAS E ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS LINGÜÍSTICOS
MESTRADO EM ESTUDOS LINGÜÍSTICOS

JOANA GOMES DOS SANTOS FIGUEREIDO

A EXPRESSÃO DO FUTURO VERBAL NA ESCRITA
ESCOLAR DE IRARÁ-BA

Feira de Santana
2015

JOANA GOMES DOS SANTOS FIGUEREIDO

**A EXPRESSÃO DO FUTURO VERBAL NA ESCRITA
ESCOLAR DE IRARÁ-BA**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, da Universidade Estadual de Feira de Santana – UEFS.

Orientadora: Professora Doutora Josane Moreira de Oliveira

Feira de Santana
2015

Ficha Catalográfica – Biblioteca Central Julieta Carteado

Figuereido, Joana Gomes dos Santos
F488e A expressão do futuro verbal na escrita escolar de Irará - BA
/ Joana Gomes dos Santos Figueredo. –Feira de Santana, 2015.

130 f.: il.

Orientadora: Josane Moreira de Oliveira

Dissertação (Mestrado) – Universidade Estadual de Feira de Santana, Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, 2015.

1. Estudos sociolinguísticos. 2. Escrita escolar – futuro verbal. 3. Irará - BA. I. Oliveira, Josane Moreira de, orient. I. Universidade Estadual de Feira de Santana. II. Título.

CDU: 81'27 (814.22)

JOANA GOMES DOS SANTOS FIGUEREIDO

**A EXPRESSÃO DO FUTURO VERBAL NA ESCRITA
ESCOLAR DE IRARÁ-BA**

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Josane Moreira de Oliveira – UEFS/PPGEL (Orientadora)

Profa. Dra. Leila Maria Tesch – UFES (Avaliador externo)

Profa. Dra. Tânia Maria Alkmin – UEFS (Avaliador interno)

Dissertação defendida e aprovada em: 16 de março de 2015

Dedico este trabalho

Aos meus pais, Justina e Apolinário, pelo apoio incondicional e por terem me ensinado a olhar com otimismo para a vida.

AGRADECIMENTOS

A Deus,

por me iluminar na realização de mais um projeto e por sua existência em minha vida.

À minha família,

em especial, aos meus pais, pelo amor incondicional, apoio e incentivo. Às minhas irmãs, Suzane, Paula e Márcia, pelo amor demonstrado, carinho dispensado e conselhos que me fizeram seguir com força e determinação. À tia Del, minha segunda mãe, pelas preces e palavras de carinho, as quais trouxeram conforto ao meu coração nos momentos difíceis. Ao meu cunhado João, exemplo de determinação, sempre pronto para ajudar.

A Josane, minha orientadora,

desde a graduação, foi minha maior fonte de inspiração. Agradeço por sua amizade, carinho, confiança e, acima de tudo, generosidade intelectual. Aprendi muito com suas orientações e “puxões de orelha”. Sou muito feliz por tê-la como minha orientadora e conselheira.

Aos colegas de curso,

pela companhia e apoio durante os dois anos de curso. Em especial, a Fernanda e Emerson, amigos queridos, cujas palavras de motivação e carinho jamais serão esquecidas.

Aos amigos não-acadêmicos,

por me arrancarem risos quando quis chorar, por estarem sempre ao meu lado mesmo nos momentos mais estressantes. Amanda, Paulinho, Liu, Marconi, Nando, Nara, Thi, Vini, Mari, Júnior, Má, Kali, Renata, Quelle, saibam que sou extremamente grata por cada palavra afável.

Aos amigos conquistados nesta jornada,

Marly, Carol e Branca obrigada pelo carinho e tempo dispensados a mim.

Aos Colégios Joaquim Inácio de Carvalho e Social de Aprendizagem e Cultura Integrada,
por tão gentilmente permitirem a construção do meu *corpus* com as redações produzidas por
seus discentes.

A Márcia e Nanci,

por sempre torcerem pelo meu crescimento intelectual. Agradeço todo o apoio e o carinho
dispensados a mim.

Aos meus professores no Mestrado,

pelos ensinamentos imprescindíveis para a minha formação acadêmica e moral.

À FAPESB,

pela bolsa concedida, que me permitiu realizar meus estudos de Mestrado e este trabalho.

Agradeço a todos que, direta ou indiretamente, fazem parte da minha história e vibram por
minhas conquistas.

RESUMO

O futuro verbal na língua portuguesa é um fenômeno variável que, atualmente, é expresso pelas formas verbais: futuro simples, perífrase com *ir* + infinitivo, presente do indicativo e futuro gerundivo. Dentre elas, o futuro simples é a forma padrão, enquanto o futuro perifrástico é considerado pelos gramáticos uma forma coloquial da língua. Vários estudos (GIBBON, 2000; OLIVEIRA, 2006; BRAGANÇA, 2008; SILVA, 2010; TESCH 2011; SANTOS, 2012) têm atestado esse fenômeno variável ao longo da história da língua portuguesa e apontam para a implementação da forma perifrástica com *ir* + *infinitivo* como possível substituta da forma de futuro simples. Segundo tais estudos, esta mudança está quase concluída na fala e já está invadindo a escrita. De posse dessas informações acerca dos usos do futuro verbal na língua portuguesa, neste estudo, faz-se uma análise de redações de alunos de Ensino Médio de escolas públicas e particulares na cidade de Irará-Ba, dentro de uma perspectiva variacionista e funcionalista, a partir de um estudo sincrônico, com o intuito de observar a presença do futuro perifrástico em redações escolares, considerando o seu processo da gramaticalização. Os resultados encontrados sobre o futuro verbal nas redações escolares das turmas de primeiro, segundo e terceiro anos do Ensino Médio, a partir do controle de vários grupos de fatores linguísticos e sociolinguísticos, demonstraram que a variante que ocorre mais costumeiramente na língua falada (futuro perifrástico) também se faz presente na língua escrita. Os resultados revelam que o fenômeno em estudo é motivado por fatores como tipo de escola, paradigma verbal, zona residencial, estatuto sintático do verbo, conjugação verbal, papel temático do sujeito, natureza semântica do verbo, tipo de sujeito e tipo de verbo. Ficou evidente, através da análise realizada, que há um processo de mudança em curso no sentido de a forma de futuro simples, mais usada em textos escritos por falantes ditos “cultos”, ser substituída pela forma perifrástica, comumente encontrada na fala, que sofre menos pressões normativas.

Palavras-chave: Escrita escolar. Futuro verbal. Teoria da variação e da mudança.

ABSTRACT

The verbal future tense in Portuguese is a variable phenomenon currently expressed by the verb forms: the simple future tense, the periphrasis with *gø* + infinitive, the indicative present tense, and the gerundive future form. Among them, the simple future tense is the standard way, and the periphrastic future form is considered by grammarians like a colloquial form of the language. Several studies (GIBBON, 2000; OLIVEIRA, 2006; BRAGANÇA, 2008; SILVA, 2010; TESCH 2011; SANTOS, 2012) have attested to this variable phenomenon throughout history of the Portuguese language and point to the implementation of the periphrastic way of *to gø* + infinitive as a possible replacement of the simple future tense. According to these studies, this change is almost complete in speech and is already invading writing. With this information about the uses of the verbal future tense in Portuguese, in this study, we analyzed data of high school students from public and private schools in the city of Irará-Ba, within a variational and functionalist perspective, with a synchronic study, in order to observe the presence of the periphrastic future form in school texts, considering the process of grammaticalization. The results of the verbal future tense in school writing of the first, second and third classes of high school, with the control of various groups of linguistic and sociolinguistic, factors, showed that the variant that more customarily occurs in spoken language (the periphrastic future form) is also present in written language. The results show that the phenomenon under study is motivated by factors such as type of school, verbal paradigm, residential area, syntactic status of verb, verb conjugation, thematic role of the subject, semantic nature of the verb, type of subject and type of verb. It was evident through the review that there is an ongoing change process towards the simple future form, more used in texts written by speakers said "cults", be replaced by the periphrastic future form, commonly founded in speech, suffering less normative pressures.

Keywords: School writing. Verbal future tense. Theory of variation and change.

SUMÁRIO

| | |
|--|-----------|
| LISTA DE ILUSTRAÇÕES E GRÁFICOS | 10 |
| LISTA DE TABELAS | 11 |
| INTRODUÇÃO | 13 |
| 1 REVISÃO DE LITERATURA | 16 |
| 1.1 O FUTURO NAS GRAMÁTICAS TRADICIONAIS | 16 |
| 1.2 O FUTURO NAS GRAMÁTICAS E MANUAIS ESCOLARES | 18 |
| 1.3 VARIAÇÃO E ENSINO DA LÍNGUA PORTUGUESA | 21 |
| 1.4 ENSINO DA NORMA PADRÃO | 22 |
| 1.5 ESTUDOS SOCIOLINGUÍSTICOS SOBRE O FUTURO VERBAL | 26 |
| 2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA | 37 |
| 2.1 A SOCIOLINGUÍSTICA LABOVIANA | 37 |
| 2.2 O PROCESSO DE GRAMATICALIZAÇÃO | 41 |
| 2.3 A GRAMATICALIZAÇÃO DA PERÍFRASE <i>IR</i> + INFINITIVO | 51 |
| 3 METODOLOGIA E AMOSTRA | 58 |
| 3.1 A COMUNIDADE | 58 |
| 3.2 <i>CORPUS</i> | 61 |
| 3.3 FATORES LINGUÍSTICOS | 65 |
| 3.3.1 Extensão fonológica do verbo | 66 |
| 3.3.2 Pessoa verbal | 67 |
| 3.3.3 Conjugação verbal | 68 |
| 3.3.4 Paradigma verbal | 68 |
| 3.3.5 Tipo de sujeito | 69 |
| 3.3.6 Animacidade do sujeito | 70 |
| 3.3.7 Papel temático do sujeito | 71 |
| 3.3.8 Tipo de verbo | 71 |
| 3.3.9 Estatuto sintático do verbo | 72 |
| 3.3.10 Presença/ausência de clítico | 73 |
| 3.3.11 Natureza semântica do verbo | 74 |
| 3.3.12 Presença/ausência de futuridade fora do verbo | 75 |
| 3.3.13 Projeção de futuridade | 77 |
| 3.3.14 Paralelismo sintático-discursivo | 78 |
| 3.4 FATORES SOCIAIS | 79 |
| 3.4.1 Faixa etária | 79 |
| 3.4.2 Gênero/sexo | 80 |
| 3.4.3 Escolaridade | 81 |
| 3.4.4 Tipo de escola | 82 |
| 3.4.5 Zona residencial | 83 |
| 3.5 GOLDVARB X | 83 |

| | | |
|----------|---|------------|
| 4 | ANÁLISE DOS DADOS | 85 |
| 4.1 | A RODADA ENEÁRIA | 85 |
| 4.2 | A RODADA BINÁRIA | 87 |
| 4.3 | GRUPOS DE FATORES SELECIONADOS | 89 |
| 4.3.1 | Tipo de escola | 89 |
| 4.3.2 | Paradigma verbal | 90 |
| 4.3.3 | Zona residencial | 91 |
| 4.3.4 | Estatuto sintático do verbo | 92 |
| 4.3.5 | Conjugação verbal | 94 |
| 4.3.6 | Papel temático do sujeito | 95 |
| 4.3.7 | Natureza semântica do verbo | 97 |
| 4.3.8 | Tipo de sujeito | 99 |
| 4.3.9 | Tipo de verbo | 101 |
| 4.4 | GRUPOS DE FATORES NÃO-SELECIONADOS | 103 |
| 4.4.1 | Extensão fonológica do verbo | 104 |
| 4.4.2 | Pessoa verbal | 104 |
| 4.4.3 | Animacidade do sujeito | 106 |
| 4.4.4 | Presença/ausência de clíticos | 107 |
| 4.4.5 | Presença/ausência de futuridade fora do verbo | 108 |
| 4.4.6 | Projeção de futuridade | 109 |
| 4.4.7 | Paralelismo sintático-discursivo | 110 |
| 4.4.8 | Faixa etária | 112 |
| 4.4.9 | Sexo/gênero | 114 |
| 4.4.10 | Escolaridade | 115 |
| 4.5 | CRUZAMENTO ENTRE GRUPO DE FATORES SOCIAIS | 116 |
| 4.5.1 | Faixa etária x escolaridade | 116 |
| 4.5.2 | Faixa etária x gênero/sexo | 117 |
| 4.5.3 | Gênero/sexo x escolaridade | 118 |
| 4.5.4 | Gênero/sexo x zona residencial | 119 |
| | CONCLUSÕES | 121 |
| | REFERÊNCIAS | 125 |

LISTA DE ILUSTRAÇÕES E GRÁFICOS

| | |
|---|-----|
| <i>Figura 1: Mapa de localização – Ipirá no Estado da Bahia</i> | 59 |
| <i>Gráfico 1: Distribuição geral das ocorrências de futuro verbal</i> | 85 |
| <i>Gráfico 2: Redistribuição das variantes de futuro verbal</i> | 87 |
| <i>Gráfico 3: Uso da perífrase e faixa etária</i> | 110 |

LISTA DE TABELAS

| | |
|---|-----|
| <i>Tabela 1: Distribuição das variantes na língua escrita por séculos</i> | 29 |
| <i>Tabela 2: Distribuição das ocorrências pelas quatro variantes de futuro pesquisadas em números absolutos</i> | 32 |
| <i>Tabela 3: Distribuição dos informantes</i> | 64 |
| <i>Tabela 4: Distribuição geral das variantes de futuro verbal</i> | 84 |
| <i>Tabela 5: Redistribuição das variantes de futuro verbal</i> | 87 |
| <i>Tabela 6: Aplicação da perífrase e tipo de escola</i> | 88 |
| <i>Tabela 7: Aplicação de perífrase e paradigma verbal</i> | 89 |
| <i>Tabela 8: Aplicação da perífrase e zona residencial</i> | 90 |
| <i>Tabela 9: Aplicação da perífrase e estatuto sintático do verbo</i> | 91 |
| <i>Tabela 10: Aplicação da perífrase e conjugação verbal</i> | 93 |
| <i>Tabela 11: Aplicação da perífrase e papel temático do sujeito</i> | 95 |
| <i>Tabela 12: Aplicação da perífrase e natureza semântica do verbo</i> | 96 |
| <i>Tabela 13: Aplicação da perífrase e tipo de sujeito</i> | 98 |
| <i>Tabela 14: Aplicação da perífrase e tipo de verbo</i> | 100 |
| <i>Tabela 15: Uso da perífrase e extensão fonológica do verbo</i> | 102 |
| <i>Tabela 16: Uso da perífrase e pessoa verbal</i> | 103 |
| <i>Tabela 17: Uso da perífrase e animacidade do sujeito</i> | 104 |
| <i>Tabela 18: Uso da perífrase e presença/ausência de clíticos</i> | 105 |
| <i>Tabela 19: Uso da perífrase e presença/ausência de futuridade fora do verbo</i> | 107 |
| <i>Tabela 20: Uso da perífrase e projeção de futuridade</i> | 107 |
| <i>Tabela 21: Uso da perífrase e paralelismo sintático-discursivo</i> | 109 |
| <i>Tabela 22: Uso da perífrase e faixa etária</i> | 109 |
| <i>Tabela 23: Uso da perífrase e sexo/gênero</i> | 112 |
| <i>Tabela 24: Uso da perífrase e escolaridade</i> | 113 |
| <i>Tabela 25: Aplicação da escolaridade x faixa etária</i> | 114 |
| <i>Tabela 26: Aplicação da faixa etária x gênero/sexo</i> | 115 |
| <i>Tabela 27: Aplicação da faixa etária x escolaridade</i> | 116 |

| | |
|--|------------|
| <i>Tabela 28: Aplicação do gênero/sexo x zona residencial</i> | <i>117</i> |
| <i>Tabela 29: Síntese da rodada geral das variantes de futuro verbal</i> | <i>118</i> |
| <i>Tabela 30: Síntese da rodada binária das variantes de futuro verbal</i> | <i>119</i> |

INTRODUÇÃO

A língua não é uma entidade estanque, sua dinamicidade e heterogeneidade permitem o surgimento de mudanças que são causadas por fatores estruturais e sociais. Sabe-se que a língua é um meio de interação entre o indivíduo e a sociedade, propiciando a comunicação, e é através dos atos comunicativos que ela emerge e muda.

Notamos tais mudanças ao observar a variação futuro simples (*farei*) ~ futuro perifrástico com *ir* + infinitivo (*vou fazer*). Esta última variante é bastante recorrente na fala, avançando de forma progressiva também na escrita (OLIVEIRA, 2006).

Sabemos que o futuro verbal é um fenômeno variável na língua portuguesa, a qual vem passando por um processo de reestruturação no sistema de modo, tempo e aspecto verbais. Conforme Almeida Santos (2008), pelo menos cinco formas distintas de futuro convivem neste início de século XXI: o futuro simples (*farei*); o futuro perifrástico (*vou fazer/irei fazer*); o presente (*faço*); a perífrase formada por *estar* (*futuro simples*) + gerúndio (*estarei fazendo*) e a perífrase formada por *ir* (*presente*) + *estar* + gerúndio (*vou estar fazendo*). Vários estudos têm atestado esse fenômeno variável ao longo da história da língua portuguesa e apontam para implementação da forma perifrástica com *ir* + *infinitivo* como possível substituta da forma de futuro simples (GIBBON, 2000; OLIVEIRA, 2006; BRAGANÇA, 2008; SILVA, 2010; TESCH, 2011; SANTOS, 2012).

Mesmo sendo esse fenômeno relativamente antigo e muito pouco estigmatizado pelos falantes, a maioria das gramáticas tradicionais e dos manuais escolares de língua portuguesa ainda registra apenas o futuro simples, considerando o *ir* + infinitivo forma coloquial da língua.

Só a partir da década de 60, a heterogeneidade linguística passou a ser mais estudada, através dos estudos sociolinguísticos, ciência que se interessa não só pelo sistema linguístico em si mas também pelo seu uso, buscando mostrar que todas as línguas estão sujeitas a mudanças, desmistificando a ideia de homogeneidade difundida por gramáticos, já que a língua funciona como elemento de interação entre indivíduo e sociedade (LABOV, 1972). É através da língua que a realidade se transforma, sendo a mesma um sistema heterogêneo e plural.

Percebemos que, com os estudos sociolinguísticos, abordagens tradicionalistas, que veem a língua como repertório de bem escrever e falar, vêm sendo desconstruídas. Compreendemos uma preocupação com a diversidade linguística em documentos de planejamento curricular de línguas brasileiras, como os Parâmetros Curriculares Nacionais, ao postularem que a escola deve oferecer condições para o desenvolvimento linguístico dos discentes. Notamos assim que a língua, nos PCNs, é vista como uma atitude social e que as situações reais de interação devem ser consideradas para que o ensino da língua portuguesa não seja preconceituoso e as diferentes variantes não sejam estigmatizadas.

Motivados a entender as situações reais de uso da língua e a forma como as variantes de futuro verbal são aplicados por discentes em suas produções textuais, propomo-nos a analisar redações produzidas por alunos da 1ª, 2ª e 3ª série do Ensino Médio de escolas (pública e particular) na cidade de Ipirá-BA.

O estudo sincrônico das redações escolares foi realizado dentro de uma perspectiva variacionista e funcionalista. Consideramos também o processo da gramaticalização, já que o verbo *ir* em sua forma plena significa movimento no espaço e, ao tornar-se verbo auxiliar de futuro, ganha o sentido de movimento no tempo.

Adotando como hipótese que a implementação da perífrase (*ir* + infinitivo) está ocorrendo de forma progressiva na escrita escolar monitorada, pretendemos responder aos seguintes questionamentos: os alunos, ao escreverem textos que exigem o padrão formal da língua, aplicam o uso do futuro perifrástico ou seguem o padrão imposto pelas gramáticas (futuro simples)? Quais variáveis linguísticas e extralinguísticas influenciam o uso da perífrase?

Temos como objetivo contribuir para uma teoria mais geral da linguagem, considerando o paradigma da gramaticalização. Analisamos os contextos que condicionam o uso de cada variante encontrada, sua distribuição e as possíveis relações entre os usos das formas verbais de futuro e fatores sociais do tipo faixa etária, gênero/sexo, zona residencial, tipo de escola, escolaridade.

No primeiro capítulo deste trabalho, fazemos uma *Revisão de literatura* do tema estudado, analisamos as perspectivas de diferentes gramáticos em relação ao futuro verbal, e como os livros didáticos adotados pelas escolas no município de Ipirá expressam as formas de futuro; encerrando o capítulo com uma revisão sobre os estudos sociolinguísticos sobre o futuro verbal.

No segundo capítulo, *Fundamentação teórica*, apresentamos os pressupostos teóricos da sociolinguística laboviana bem como discutimos a proposta funcionalista de mudança por gramaticalização da perífrase de futuro composta pelo verbo auxiliar *ir* + infinitivo em português.

No terceiro capítulo, *Metodologia e amostra*, caracterizamos os aspectos socioeconômicos da comunidade linguística iraraense, apresentamos o *corpus* examinado e os procedimentos de análise adotados, descrevendo os fatores linguísticos, de ordem estrutural, e extralinguísticos, de ordem social.

No quarto capítulo, *Análise dos dados*, apresentamos os resultados quantitativos através da frequência e pesos relativos obtidos por meio de ferramenta estatística - GoldVarb X - como também os qualitativos, uma vez que a interpretação dos dados é indispensável para entender como os processos de mudança e variação ocorrem.

Ao final do trabalho, *Considerações finais*, elencamos os resultados gerais da pesquisa, caracterizando o português escrito e as diferenças linguísticas entre a língua escrita e a falada. Tais resultados são importantes tanto para a teoria sociolinguística como também para os estudos sobre ensino de língua portuguesa nas escolas e ajudarão, esperamos, os docentes a entenderem de fato como a língua é falada pelos iraraenses, proporcionando, conforme Tesch (2011, p. 89), “um ensino de língua materna mais próximo da realidade linguística dos alunos, contribuindo para uma revisão do conceito de norma, visto que nem sempre os falantes se utilizam da norma-padrão no seu cotidiano”. Possibilitamos ainda discussões futuras sobre o preconceito linguístico e a relativização da ideia do erro, já que é inegável que variantes populares usadas por diferentes falantes devem ser trabalhadas e discutidas nas escolas.

1 REVISÃO DE LITERATURA

1.10 FUTURO NAS GRAMÁTICAS TRADICIONAIS

Sabemos que a maioria dos autores das gramáticas normativas e dos manuais escolares indica o futuro simples como forma canônica. Alguns autores até citam o uso do presente do indicativo com valor de futuro (chegando lá, *assisto* ao Domingão do Faustão), mas com o valor semântico diferente da forma sintética, ou seja, nas gramáticas tradicionais, “a variação de futuro verbal não é formalmente apresentada. E, mesmo nos casos em que ela é reconhecida, admite-se uma diferença de significado entre formas” (TESCH, 2011, p. 28).

Said Ali (1966 [1923], p. 69), em sua *Gramática secundária da língua portuguesa*, não cita o verbo *ir* como exercendo a função de auxiliar. Para ele, os verbos que exercem essa função são *estar*, *ter* e *haver*. O autor define verbo auxiliar como aquele que “se combina com formas infinitas de outros verbos para constituir conjugação composta”, não fazendo distinção entre o tempo composto e as construções perifrásticas.

Oliveira (2006, p. 21) diz que Said Ali (1964 [1931]), em sua *Gramática histórica da língua portuguesa*, reconhece a combinação *ir* + infinitivo para designar locomoção, desejo de realizar algo ou um fato que não tardará a se realizar. O autor aponta a combinação *ir* + infinitivo (vou fazer a atividade de biologia) como forma substituta do futuro do presente (farei a atividade de biologia) e indicadora de uma ação futura imediata.

Bechara (2003 [1961], p. 276, 279), em sua *Moderna gramática portuguesa*, afirma que “o tempo futuro denota uma ação que ainda se vai realizar”. O autor diz que o futuro do presente pode exprimir, em lugar do presente, incerteza ou ideia aproximada, simples possibilidade ou asseveração modesta, fornecendo o seguinte exemplo: “Ele terá seus vinte anos.” Afirma ainda que o uso do presente pelo futuro dá ênfase a uma decisão. O autor não faz afirmações categóricas em relação à expressão perifrástica, mas considera equivalentes expressões como “farei” e “irei fazer”.

Bechara (2003 [1961], p. 230) faz uso do critério sintático para definição do que seria locução verbal ou construção perifrástica: a combinação “das diversas formas de verbo auxiliar com o infinitivo, gerúndio ou particípio de outro verbo que se chama principal”.

Bechara (2003 [1961], p. 233) diz que nem sempre podemos considerar que estamos diante de uma locução verbal, só por termos a ligação de um verbo auxiliar mais um principal: “nem sempre a aproximação de dois ou mais verbos constitui uma locução verbal, a intenção da pessoa que fala ou escreve é que determinará a existência ou inexistência da locução”.

Há, assim, uma mistura de critérios para a definição do que seria locução verbal, uma vez que o autor utiliza não só critérios sintáticos mas também critérios semânticos, pouco coerentes, uma vez que o pesquisador nem sempre pode contar com a intenção do interlocutor.

Cunha e Cintra (2001 [1985]), na *Nova gramática do português contemporâneo*, afirmam que o futuro do presente é empregado para indicar fatos certos ou prováveis, seguidos ao momento da fala. Para evitar qualquer ambiguidade, geralmente é acompanhado de um adjunto adverbial. Entretanto o futuro simples, empregado na escrita, na língua falada é raramente utilizado, uma vez que os falantes preferem substituí-lo pelo presente do indicativo do verbo *ir* + infinitivo do verbo principal, indicando uma ação futura imediata.

Os autores supracitados afirmam ainda em relação à variação do uso do futuro do presente do indicativo que “convém atentar nos efeitos estilísticos opositivos: se o emprego do presente pelo futuro empresta ao fato a ideia de certeza, o uso do futuro pelo presente provoca efeito contrário, por transformar o certo em possível (CUNHA e CINTRA, 2001 [1985], p. 460).

Rocha Lima (2003 [1957], p. 123, 134), em sua *Gramática normativa da língua portuguesa*, caracteriza o tempo futuro como “algo expresso pelo verbo a ocorrer numa ocasião que ainda esteja por vir”. O autor faz referência ao uso dos verbos auxiliares “a fim de melhor se expressarem certos aspectos especiais não traduzíveis pelas formas simples”, mas só destaca o verbo *ir* como auxiliar em construções gerundivas.

Percebemos, assim, que nas gramáticas normativas a variação de futuro verbal não é apresentada formalmente e, mesmo nos contextos em que ela é reconhecida, há uma diferença de significados entre as formas.

1.2 O FUTURO NAS GRAMÁTICAS E MANUAIS ESCOLARES

Sabemos que tanto a escola quanto o livro didático de língua portuguesa têm funções importantes na construção de uma metodologia que focalize as diferentes variedades linguísticas. Esse enfoque é reconhecido pelos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs, 1998), em que a língua é vista como uma atitude social, uma vez que as situações reais de interação devem ser consideradas para que o ensino de língua portuguesa não seja preconceituoso e as diferentes variantes não sejam estigmatizadas:

A variação é constitutiva das línguas humanas, ocorrendo em todos os níveis. Ela sempre existiu e sempre existirá, independente de qualquer ação normativa. Assim, quando se fala em “Língua Portuguesa” está se falando de uma unidade que se constitui de muitas variedades. [...] A imagem de uma língua única, mais próxima da modalidade escrita da linguagem, subjacente às prescrições normativas da gramática escolar, dos manuais e mesmo dos programas de difusão da mídia sobre “o que se deve e o que não se deve falar e escrever”, não se sustenta na análise empírica dos usos da língua. (BRASIL, 1998, p.29)

O Programa Nacional do Livro Didático de Ensino Médio (PNLD- EM), a partir de 2005, vem incluindo a variação linguística como um critério de avaliação na abordagem do eixo dos conhecimentos linguísticos nas coleções destinadas a esse nível de ensino. Entretanto notamos que, em muitos manuais escolares, a variação linguística é trabalhada de forma fragmentada e superficial, uma vez que tais manuais apresentam capítulos isolados sobre os processos de variação, desconsiderando a verdadeira importância em se conhecer as diferentes variáveis linguísticas.

Há uma superficialidade ao discutir-se sobre a expressão do futuro verbal nas gramáticas e manuais escolares. A maioria dos autores enfoca apenas o estudo do futuro do presente do indicativo (farei, estudarei, comprarei) como forma “correta” a ser empregada nas produções escritas. Percebemos ainda que os produtores dos livros didáticos e gramáticas escolares mencionam o uso do presente do indicativo (faço, estudo, compro) com valor de futuro para anunciar um acontecimento próximo.

Na coleção produzida por Abaurre et alii (2013, p.263), intitulada “Português: contexto, interlocução e sentido”, adotada pelo Colégio Social de Aprendizagem e Cultura como também pelo Colégio Estadual Joaquim Inácio de Carvalho, o futuro simples é definido como a forma padrão da língua que se refere a um fato futuro com relação ao momento presente: “tenho certeza que comprarei um carro no próximo ano. Como ocorre com toda ação futura, sua realização é uma probabilidade. Já que o desejo de comprar um carro vem expresso pelo futuro do presente, assume-se que tal fato provavelmente acontecerá”.

As autoras afirmam ainda que o presente pode ser empregado com valor de futuro, todavia esta informação é apresentada em uma nota de rodapé intitulada “De olho na fala”, o que nos faz entender que o emprego do presente como forma de futuro é realizado apenas na fala e não na escrita:

Um dos usos correntes do presente do Indicativo, em português, é a identificação de uma ação ou acontecimento que certamente se realizará em um futuro próximo. Exemplos: Parto para o Rio de Janeiro amanhã bem cedo. Vou ao cinema hoje à noite. Nos dois casos, embora o verbo esteja flexionado no presente, seu sentido está claramente associado a uma ação futura. (ABAURRE et alii, 2013, p. 261)

As autoras fazem referência, ainda que de forma sucinta, à forma perifrástica de futuro, quando falam em locuções verbais e verbos auxiliares. Citam o *ir* como auxiliar combinado com o infinitivo ou o gerúndio:

em construções perifrásticas, funcionam como auxiliares verbos como *ir*, *vir*, *andar*, *poder*, *querer*, *precisar*, *mandar*, etc. No exemplo: Na natureza esta empresa vai durar uns 450 anos, o verbo *ir* atua como auxiliar na forma perifrástica *vai durar*. O verbo *durar* é considerado principal, porque é ele que contém a ideia central expressa pela locução verbal. (ABAURRE et alii, 2013, p. 290)

Entretanto trazem como nota de rodapé, também intitulada “de olho na fala”, que as perífrases são expressões essencialmente orais:

A forma sintética do futuro do presente é pouco usada pelos falantes. O que se observa na fala é a ocorrência de uma expressão constituída pelo verbo *ir*

no presente do Indicativo + infinitivo do verbo principal. Assim, em lugar de dizerem amanhã farei uma prova importante, as pessoas costumam dizer amanhã vou fazer um prova importante. (ABAURRE et alii, 2013, p. 263)

Desta forma, percebemos que, nos livros didáticos adotados pelos professores de língua portuguesa das escolas analisadas, o uso do futuro perifrástico é abordado de forma resumida, mencionando-se o seu uso na fala e em textos informais, esquecendo-se da importância de salientar a sua presença em textos formais escritos, uma vez que os discentes já fazem uso da forma perifrástica nos textos escolares.

Infante (1995, p. 205-206), no *Curso de gramática aplicada aos textos*, diz que o presente pode ser usado para indicar um fato futuro próximo e de realização considerada certa. Em relação ao futuro do presente, destaca que este tempo tem uso limitado na língua cotidiana, uma vez que, em seu lugar, temos o hábito de empregar locuções verbais com o infinitivo, *ir* + infinitivo, por exemplo.

Tesch (2011), em sua tese de doutorado, traz considerações importantes sobre a *Moderna gramática brasileira*, de Celso Pedro Luft (2000). Segundo a autora, no capítulo relacionado aos tempos verbais, Luft (2000, p. 131) comenta não aceitar a tripartição temporal, afirmando que o tempo futuro não existe. O autor tem uma visão temporal dicotômica (presente/passado), justificando-a da seguinte maneira:

os chamados ‘futuros’ são locuções de infinitivo + haver mascaradas: cantar hei, cantar hia, com aglutinação na pronúncia (1º acento tônico absorvido pelo segundo), representada na escrita: cantarei, cantaria. A semântica de ‘decisão, projeto (irei), hipótese (onde está Fulano?), etc.’ é ‘modo’ (e não ‘tempo’), próprio de haver – auxiliar ‘modal’; tempo, só na implicação secundária de que planos, decisões, etc. se projetam no futuro.

Os termos da NGB – futuro do presente/futuro do pretérito – permitem, pois esta paráfrase: o ‘futuro’ está na semântica de projeto, decisão, etc. e presente/ pretérito (imperfeito) são os do verbo haver aí camuflado: hei/havia = hia. (LUFT, p. 131)

Sobre a *Gramática*, de Faraco e Moura (1999, p. 356), Oliveira (2006), em sua tese de doutorado, explana que, embora os autores não façam referência à forma perifrástica, tratam do tempo futuro quando falam de locução verbal e mencionam o verbo *ir* como auxiliar combinado com infinitivo ou gerúndio, dando como exemplos: *vai viajar*, *vai partir* e *vou saindo*.

Entendemos, assim, que a maioria dos gramáticos admite o uso do presente com valor de futuro, todavia com o valor semântico diferenciado, sendo, ainda, reticentes quanto à indicação da forma perifrástica como estratégia de expressão de futuridade nas produções escritas formais.

1.3 VARIAÇÃO E ENSINO DA LÍNGUA PORTUGUESA

A abordagem tradicionalista que vê a língua como repertório de bem escrever e falar vem sendo desconstruída. Percebe-se uma preocupação com a diversidade linguística em documentos de planejamento curricular, como os Parâmetros Curriculares Nacionais, ao postularem que a escola deve oferecer condições para o desenvolvimento linguístico dos discentes. Os alunos devem:

a) ler e escrever conforme seus propósitos e demandas sociais; b) expressar-se adequadamente em situações de interação oral diferentes daquelas próprias do seu universo imediato; c) refletir sobre os fenômenos da linguagem, particularmente os que tocam a questão da variedade linguística, combatendo a estigmatização, discriminação e preconceitos relativos ao uso da língua. (BRASIL, 1998, p. 59)

Nota-se assim que a língua, nos PCNs, é vista como uma prática social e que as situações reais de interação devem ser consideradas para que o ensino da língua portuguesa não seja preconceituoso e as diferentes variantes não sejam estigmatizadas.

A variação é constituída das línguas humanas, ocorrendo em todos os níveis. Ela sempre existiu e sempre existirá, independente de qualquer ação normativa. Assim, quando se fala em “Língua Portuguesa”, está se falando de uma unidade que se constitui de muitas variedades. [...] A imagem de uma língua única, mais próxima da modalidade escrita da linguagem, subjacente às prescrições normativas da gramática escolar, dos manuais e mesmo dos programas de difusão da mídia sobre “o que se deve e o que não se deve falar e escrever”, não se sustenta na análise empírica dos usos da língua. (BRASIL, 1998, p. 29)

Gorski e Coelho (2009, p. 75) consideram que a escola, seguindo os postulados dos PCNs, “[...] deve fornecer condições favoráveis à apropriação de mecanismos linguísticos

discursivos e gramaticais”, ao passo que os discentes precisam, como seres sociais, interatuar em diferentes instâncias, ajudando os alunos a intuir a realidade e contradições da língua, corroborando o desenvolvimento sociocultural e linguístico deles.

Entretanto observa-se que a fala e a escrita de pessoas de classes sociais desprestigiadas são estigmatizadas e desvalorizadas. Os professores de língua portuguesa ainda ensinam a gramática normativa, prescrevendo regras a serem seguidas, como se “a análise sintática e morfológica dos termos da oração ajudasse na leitura e interpretação do mundo; como se a memorização de todas as conjunções fizesse do aluno um redator capaz de conferir maior coesão a suas frases e ideias no texto” (COELHO, 2007, p. 18).

As aulas de língua portuguesa ficam restritas, assim, à gramática como única forma de ensinar a língua, desconsiderada em seu processo de variação, presas, ainda, ao tradicionalismo linguístico que enxerga a língua como uma entidade estanque e homogênea.

Conforme Lemle (1978), a heterogeneidade linguística em um país diversificado como o Brasil é um fator inelutável. Os processos variacionais são inerentes às línguas, resultando da diversidade de grupos sociais, de suas histórias e das relações que estes grupos mantêm com língua.

Dessa forma, os valores culturais dos alunos e os saberes linguísticos adquiridos antes de ingressar à escola devem ser considerados, pois, de acordo com Gorski e Coelho (2009, p. 76), todo falante nativo internaliza o sistema de sua língua antes mesmo de ser alfabetizado, por isso chega à escola sabendo falar e fazendo-se entender. Portanto não pode ser tratado como “tábua rasa”, já que possui uma gramática internalizada que foi desenvolvida independentemente dos ensinamentos escolares.

1.4 ENSINO DA NORMA PADRÃO

Importa ressaltar que é um equívoco considerar que a norma padrão não deva ser ensinada na escola, os moldes de tal ensinamento é que precisam ser reavaliados:

É direito do educando a preservação de sua identidade cultural específica, seja ela rural ou urbana, popular ou elitista. A aprendizagem da norma culta deve significar uma ampliação da competência linguística e comunicativa do

aluno, que deverá aprender a empregar uma variedade ou outra, de acordo com as circunstâncias da situação de fala. (BORTONI-RICARDO, 2005, p. 26)

Torna-se, assim, inegável a importância da variedade padrão. A maioria dos textos que circulam na sociedade é escrita nessa variedade; a mesma é constituída de prestígio social e está na base de todo estado moderno, sendo, como afirma Coelho (2007, p. 2), instrumento de comunicação, mas também de poder, de manutenção da coesão social do grupo, logo o aluno precisa reconhecê-la e dominá-la.

É fato amplamente reportado que a variedade dita padrão em sociedades muito estratificadas é na verdade uma manifestação linguística do poder econômico e social de alguns grupos e nada tem de intrinsecamente superior às outras. Então, num país como o Brasil, em que em termos quantitativos, mas principalmente em termos qualitativos, a educação escolar é artigo de luxo e a língua-padrão associada a classe social e não a contexto de uso, os indivíduos de classes menos favorecidas dificilmente serão cidadãos plenos sem o acesso à cultura letrada e sem o domínio da norma de prestígio, ficando alheios a vários bens culturais, sujeitos a subempregos e excluídos da vida política. (SANTOS, 2008, p. 83)

Deve-se, pois, compreender que o papel da escola é ensinar o português padrão. Possenti (2004, p. 17) diz que “qualquer outra hipótese é um equívoco político e pedagógico”. A escola tem como obrigação criar condições para o aluno aprender a norma padrão, não incorrendo no erro de que os discentes são incapazes de dominar tal variedade, sendo essa hipótese tão falsa e preconceituosa quanto a ideia de que a norma padrão é superior e possui um grau maior de complexidade do que outras variedades. Todas as línguas são estruturas de igual complexidade, dialetos padrões e dialetos populares se diferenciam em vários aspectos, mas não pela complexidade das respectivas gramáticas, e qualquer pessoa, principalmente crianças, tem a capacidade de aprendê-los, desde que, segundo Possenti (2004, p. 19), “sejam expostas conscientemente a eles”.

A norma culta deve ser ensinada capacitando o aluno a dominar outra variante que não a sua, adequando seus usos linguísticos a diferentes contextos situacionais, e não exigindo que o aluno substitua sua variante (vernacular) pela padrão. Para Cecílio e Matos (2009, p. 2052), compete à escola focar prioritariamente, mas não exclusivamente, a variedade padrão. “Usar apenas o dialeto padrão nas situações comunicativas que requerem diferentes estilos é tão

inadequado (ou disfuncional) quanto usar apenas o vernáculo (seja ele estigmatizado ou não)” (GORSKI; COELHO, 2009, p. 84).

Tal posicionamento ainda é muito comum nas escolas. Elas já reconhecem a diversidade linguística e os processos de variação, mas se mantêm arraigadas aos padrões impostos pela gramática normativa e manuais escolares, que rejeitam qualquer fenômeno ocorrido em torno da língua; como tais livros são as principais fontes de pesquisa em sala de aula, os alunos continuam aprendendo normas e regras que não os levam à reflexão.

Segundo Castilho (2001), se o ensino da língua portuguesa se concentrasse também na reflexão da língua falada, o português seria visto de outra forma e se descobriria a importância da língua falada para aquisição da língua escrita. O professor passaria a ser menos preconceituoso e intolerante, aceitando que a diversidade linguística é inerente à língua e deve se fazer presente nas práticas em sala de aula.

Compete ao professor aumentar a capacidade do aluno no uso da linguagem, conscientizando-o de que os dicionários e as gramáticas não são os únicos lugares para se conhecer aspectos da língua. Se os professores sempre se perguntarem o que é certo ou errado e se as respostas para tais perguntas forem sempre baseadas em dicionários e gramáticas, “haverá uma concepção problemática do que seja realmente uma língua, tal como ela existe no mundo real, na sociedade complexa em que é falada” (POSSENTI, 2004, p. 22). É preciso que o aluno aprenda os padrões da norma culta e ao mesmo tempo reconheça que os diferentes dialetos são legítimos e fazem parte da cultura humana.

A dinamicidade linguística deve ser discutida em sala de aula. Luft (2008, p. 23) diz que “a verdadeira gramática, imanente à linguagem, é algo vivo, por isso flexível”. Logo, o discente, auxiliado pelo professor, precisa compreender que as variações trazidas por ele para a sala não são erradas e sim só mais uma variante de uma língua rica, multifacetada e plural.

Desta forma, mitos linguísticos como “português é muito difícil”, “o certo é falar como se escreve”, “pessoas sem instrução falam tudo errado” serão dissipados (BAGNO, 2001). Tais posicionamentos valorativos dos ideais gramaticais são os principais causadores de preconceito, fazendo com que os alunos se inquietem por acharem que não conhecem sua própria língua. Os estudantes não entendem o porquê de a língua que falam ser tão diferente da que o professor ensina em sala de aula.

Provavelmente estão acostumados a ser repreendidos por professores que foram ensinados a ensinar que o “português correto” é o padrão imposto pelas gramáticas e que a língua na sua forma coloquial é errada e decadente. Recriminações nesse sentido fazem com que os alunos não tenham um bom convívio e desempenho em sala de aula, já que, segundo Bortoni-Ricardo (2004), se sentirão à parte do mundo educacional proposto pela instituição de ensino em que estudam.

Quando o professor faz dos modos de falar da criança uma área de conflito, a criança adere ao conflito e torna seu estilo interacional progressivamente mais distinto do estilo do professor. Quando os modos de falar da criança não são campo de conflito, a criança se adapta em direção à língua padrão. (BORTONI- RICARDO, 2004, p. 197)

Para que atitudes discriminatórias não continuem acontecendo, é importante que o ensino de língua portuguesa, conforme Soares (1995, p. 12), coloque o aluno diante da realidade pluricultural e pluridialetoal da sociedade brasileira, proporcionando o convívio de dialetos diferentes, de culturas diferentes. Para tanto, o professor e a instituição escolar precisam se comprometer não só com a transformação do discurso mas também com a prática escolar:

(i) Promovendo atividades variadas que levem em consideração as diferentes variedades que os alunos usam; (ii) criando situações comunicativas diferenciadas em sala; (iii) propondo atividades de reflexão tanto a respeito das imposições sociais relativas ao padrão exigido pela escola, como a respeito do funcionamento da linguagem em seus diversos níveis: fonético-fonológico, morfológico, sintático e semântico-discursivo, evidenciando o uso das regras variáveis que permeiam as diversas variedades linguísticas. (GORSKI; COELHO, 2009, p. 84)

Ou seja, a escola deve valer-se dos ensinamentos linguísticos científicos sobre os processos de variação e mudança, mostrando a ideologia que a língua carrega, para que o aluno compreenda o impacto social que cada variante linguística possui (COELHO, 2007, p. 19).

Para tal, os professores precisam fazer uso de uma pedagogia culturalmente sensível, “criando em sala de aula ambientes de aprendizagem onde se desenvolvam padrões de participação social, modos de falar e rotinas comunicativas presentes na cultura dos alunos”

(BORTONI-RICARDO, 2005, p. 128). Assim, a implementação dessa pedagogia culturalmente sensível pode ser feita aproveitando as experiências e vivências que os falantes trazem consigo, permitindo que o discente fale, respeitando suas particularidades, incentivando-o a manifestar-se, fornecendo-lhe modelos de estilos monitorados da língua e mostrando-lhe quando e como usá-los, ou seja, aceitando a diversidade e a tornando funcional.

1.5 ESTUDOS SOCIOLINGÜÍSTICOS SOBRE O FUTURO VERBAL

A variação do futuro verbal, nas formas sintéticas e perifrásticas, foi analisada por diversos estudiosos da língua portuguesa, como Santos (2000), Gibbon (2000), Gryner (2002), Oliveira (2006), Bragança (2008), Silva (2010) e Tesch (2011).

Santos (2000), em sua dissertação de mestrado, *A variação entre as formas de futuro do presente no português formal e informal falado no Rio de Janeiro*, analisou duas amostras em contextos argumentativos. A primeira foi uma amostra da Rádio Jornal do Brasil, contendo 24 entrevistas de caráter formal, realizadas no programa radiofônico durante a década de 80. A segunda amostra contém 32 entrevistas, de caráter informal, com informantes de várias regiões da cidade do Rio de Janeiro, realizadas também na década de 80.

A autora constata a tendência ao desaparecimento gradual da forma sintética de futuro, favorecendo o uso da forma analítica *ir* + infinitivo, principalmente na fala informal.

Para Santos (2000), o processo de mudança na expressão futuro verbal em português começou com o uso do presente, que, usado em auxiliares modais, originou a perífrase. Concluiu-se, pois, que o uso da forma sintética do futuro do presente está sendo ocupado pela forma inovadora *ir* + infinitivo.

Gibbon (2000), em sua dissertação de mestrado, *A expressão de tempo futuro na língua falada de Florianópolis: gramaticalização e variação*, analisa a variação verbal na fala de Florianópolis, a partir 36 entrevistas do projeto Varsul. A mesma encontrou 743 ocorrências de contexto de futuridade.

A autora observa que há um avanço do futuro perifrástico em detrimento do futuro simples. Isso ocorre devido ao processo de gramaticalização por que o verbo *ir* vem passando, uma vez que, como auxiliar de tempo futuro, ganha o sentido de movimento no tempo.

A autora atesta ainda um processo de mudança em progresso, uma vez que a variável faixa etária se mostrou relevante: os mais jovens usam a forma perifrástica, inovadora, enquanto os mais velhos permanecem utilizando com mais frequência a forma sintética, conservadora.

Gibbon (2000) afirma que a forma perifrástica não indica apenas finalidade, mas também modalidade, já que a forma analítica está vinculada ao traço mais modal, componente que denota intenção, desejo ou certeza.

Gryner (2002), em seu artigo *Emergência do futuro perifrástico no português carioca: princípio da marcação*, analisa a variação entre o futuro simples, perifrástico e presente com sentido de futuro no português carioca.

Mais particularmente, focaliza a evolução das construções perifrásticas em vinte anos, nas décadas de 1980 e de 2000, “discutindo os valores da frequência, da acessibilidade cognitiva e da complexidade formal” (GRYNER, 2002, p. 150). São esses os critérios que definem os valores da marcação na evolução do futuro perifrástico.

Gryner (2002, p. 159) conclui que próximo ao futuro sintético e presente do indicativo surge uma nova variação, inovadora, o futuro perifrástico. O mesmo é derivado do presente em construções com o verbo modal *ir* + infinitivo.

ao lado das formas originais, futuro sintético (flexional) e presente do indicativo (não flexional), surge um nova variante: o futuro perifrástico, derivado do presente em construções com verbo modal *ir* seguido de infinitivo. A frequência de uso das três variantes revela que paralelamente os valores de marcação das formas de futuro passam a inverter-se. A passagem do tempo e o aumento da informalidade tendem a reduzir – e eventualmente eliminar – o uso do futuro sintético conservador, forma menos frequente, menos acessível e formalmente mais complexa, portanto, mais marcada. Ao mesmo tempo, o auxiliar *ir* que, como presente do indicativo era originalmente uma forma mais frequente, mais acessível e formalmente menos marcada, gramaticaliza-se na construção de futuro perifrástico, que passa a desempenhar a função do futuro sintético. Neste processo, a construção se torna gradativamente menos frequente, menos acessível e, portanto, mais marcada.

Oliveira (2006), em sua tese de doutorado, *O futuro da língua portuguesa ontem e hoje: variação e mudança*, analisa a expressão do futuro verbal na norma culta da língua portuguesa, em dados que se distribuem do século XIII ao XX. Vale ressaltar que na coleta feita para o século XX há dados de fala e escrita distribuídos por duas décadas, os anos 1970 e 1990, e por duas cidades – Salvador e Rio de Janeiro.

Por considerar o verbo *ir* um dos mais polissêmicos, já que ele passa por importantes processos de gramaticalização, considera-o um dos verbos mais gramaticalizáveis, uma vez que o *ir* traz consigo, dentre outras noções, as de espaço e tempo, favorecendo, assim, a perífrase.

Oliveira (2006) verifica em que estágio se encontra o processo de implementação da mudança de futuro verbal no português, através da observação em tempo aparente e no tempo real, tanto de longa duração como de curta, em *corpora* diversificados.

Sua pesquisa tem ainda um caráter translinguístico, uma vez que

faz referências ao francês no que concerne ao fenômeno sob análise, a partir da confrontação dos resultados com trabalhos que descrevem essa língua e a partir de dados empíricos escolhidos por ocasião da elaboração desta tese, o que pode permitir que sejam testados princípios e hipóteses mais gerais que caracterizariam as línguas românicas. (OLIVEIRA, 2006, p. 18)

A autora encontrou em seus *corpora*, composto por 2158 dados, as seis formas variantes de futuro, entretanto as perífrases com *haver de* e com *ir* no futuro foram amalgamadas com as formas respectivas no tempo presente, pois só foram encontradas poucas ocorrências:

Como as ocorrências das perífrases com *haver de* e com *ir*, ambos no futuro, foram muito baixas (2 – 1 no séc. XIV e 1 no séc. XX – da primeira e 8 – 1 no séc. XIV, 1 no séc.XV, 1 no séc. XVII, 1 no séc. XVIII, 1 no séc. XIX e 3 no séc. XX – da segunda), estas foram computadas juntamente com as formas de *haver de* e *ir*, ambos no presente, respectivamente. (OLIVEIRA, 2006, p. 91)

Seguem os dados encontrados por Oliveira (2006, p. 92) na Tabela 1:

Tabela 1: Distribuição das variantes na língua escrita por séculos

| Séculos Variantes | XIII | XIV | XV | XVI | XVII | XVIII | XIX | XX |
|---------------------------------|-------------|--------------|-------------|--------------|--------------|--------------|-------------|--------------|
| Futuro simples | 18 54,5% | 433 91,9% | 65 81,3% | 681 87,4% | 358 74,4% | 105 83,3% | 91 85,8% | 122 75,3% |
| <i>Haver de</i> + infinitivo | 15 45,5% | 31 6,6% | 12 15% | 90 11,6% | 108 22,5% | 13 10,3% | 6 5,8% | 3 1,9% |
| <i>Ir</i> + infinitivo | - | 6 1,3% | 1 1,2% | 3 0,4% | 4 0,8% | 5 4% | 8 7,5% | 26 16% |
| Presente | - | 1 0,2% | 2 2,5% | 5 0,6% | 11 2,3% | 3 2,4% | 1 0,9% | 11 6,8% |
| Total | 33 | 471 | 80 | 779 | 481 | 126 | 106 | 162 |

A partir da análise da tabela, podemos perceber que o futuro simples é a variante mais utilizada ao longo dos séculos, considerando-se a língua escrita formal.

O exame da língua falada em comparação com a língua escrita no século XX, apresentado na seção seguinte, revela que esse fato não é válido para a modalidade oral, mesmo formal. Pode-se, então, levantar a hipótese de que a escrita selecionaria o futuro simples ao passo que a fala selecionaria o futuro perifrástico com *ir* + infinitivo, o que corrobora o fato de que a mudança acontece primeiro na fala e só mais tardiamente atinge a língua escrita. (OLIVEIRA, 2006, p. 103)

Em relação ao processo de mudança na fala, “foram computadas 771 ocorrências de formas de futuro simples e de futuro perifrástico, sendo 629 da década de 70 (440 em EFs e 189 em DIDs) e 142 da década de 90” (OLIVEIRA, 2006, p. 114).

Oliveira (2006), ao rodar os dados da década de 70 de EFs¹ e de DIDs² juntos, percebeu que o grupo de fatores *tipo de texto (mais formal ou menos formal)* não foi considerado relevante, o que indica que o estilo de fala não interfere no uso das variantes analisadas.

Em ambos os tipos de gravação, é mais frequente o uso da forma perifrástica (86% nos DIDs e 81% nas EFs). Esse resultado descarta a hipótese de que a

¹ Elocuções formais - representam uma fala mais monitorada (aulas universitárias e palestras).

² Diálogos entre informante e documentador - representam uma fala menos monitorada (o informante conversa com o pesquisador).

fala mais formal selecionaria o futuro simples ao passo que a fala menos formal selecionaria o futuro perifrástico. Isso mostra, porém, que o futuro perifrástico se implementa cada vez mais, atingindo inclusive registros que superam o futuro sintético, preconizado pela norma gramatical. (OLIVEIRA, 2006, p. 115)

Em suas considerações finais, Oliveira (2006, p. 195) afirma que

- a) considerando o tempo real de longa duração, a hipótese de uma inversão parcial (futuro simples para a escrita e futuro perifrástico com *ir* + infinitivo para a fala) se mantém sincronicamente, embora os estudos de tendência para a fala e para a escrita apontem para uma mudança em progresso (futuro simples > futuro perifrástico), mais controlada na escrita e mais avançada na fala;
- b) considerando o tempo real de curta duração, como o futuro perifrástico tende a se implementar cada vez mais na fala, haja vista o decréscimo que sofreu, num intervalo de mais ou menos vinte anos, na faixa mais avançada de idade e o seu espraiamento por contextos que antes favoreciam a forma sintética, considerada apenas essa modalidade, configura-se um quadro de mudança em progresso quase concluída.

Bragança (2008), em sua dissertação de mestrado, *A gramaticalização do verbo ir e a variação de formas para expressar o futuro do presente: uma fotografia capixaba*, pesquisou a variação do futuro verbal em entrevistas com informantes capixabas universitários e editoriais do jornal *A Gazeta*.

A autora acreditava que as formas perifrásticas, inovadoras, estivessem em ascensão na modalidade oral mais informal. Sua hipótese foi confirmada: os resultados demonstrados nas entrevistas comprovaram que a forma analítica de futuro, na modalidade oral, entrevistas, já foi praticamente implementada, pois quase 100% das ocorrências eram perífrases (forma perifrástica com *ir* no presente). Afirma que estamos, pois, “diante de um caso de mudança (forma simples > forma perifrástica) no paradigma verbal para expressão do futuro do presente” (BRAGANÇA, 2008, p. 137).

A autora comprova ainda que nas entrevistas o *ir* aparece bastante gramaticalizado:

Se no início do processo surge com matiz mais aspectual (do que vai acontecer) e modal (intenção de fazer algo) para se opor à noção puramente temporal da forma sintética, nas ocorrências aqui analisadas a forma perifrástica encontra-se mais gramaticalizada para expressar tempo, à medida que ocupa os contextos antes favorecidos pela forma conservadora. (BRAGANÇA, 2008, p. 137)

Com os resultados das análises dos editoriais, por outro lado, Bragança (2008) percebeu resultados diferentes, já que houve a predominância do uso da forma conservadora, futuro simples.

O maior percentual de ocorrência nesse gênero foi o da forma sintética, seguido da forma perifrástica com o auxiliar aparecendo com morfologia de forma sintética. Contudo, como a frequência da forma inovadora foi considerada significativa nos editoriais (25%), representantes de textos mais formais da modalidade escrita, consideramos, inicialmente, que estávamos diante de uma mudança em progresso. Até os contextos mais resistentes à mudança, como a ocorrência dos verbos *ser*, *estar* e os verbos modais, apareceram em nossos dados afetados pela forma inovadora, embora em percentuais baixos. (BRAGANÇA, 2008, p. 137-138)

Bragança (2008) entende, pois, que os textos escritos ainda trazem influências da gramática normatizadora, o que beneficia o uso da forma sintética, uma vez que gêneros textuais publicados em jornais, como editoriais, são mais formais e há uma preocupação maior em manter o padrão gramatical, ainda que a forma analítica não seja estigmatizada.

Silva (2010), em sua tese, *A representação do tempo futuro em textos escritos: análises em tempo real de curta e de longa duração*, descreve diacronicamente a variação do futuro verbal em dois *corpora*, ambos de língua escrita: a revista em quadrinhos Pato Donald, editada no Brasil a partir de 1950 - “essa parte do *corpus* é formada por revistas editadas entre os anos de 1950 e 2004. Tem-se, portanto, 54 anos de recuo, o que possibilita uma análise em tempo real de curta duração” (SILVA, 2010, p. 39) - e romances de autores brasileiros escritos a partir do século XVIII - essa outra parte do *corpus* “é constituída de 46 obras, de 25 autores, da literatura brasileira, publicadas a partir de 1752, o que representa um recuo de mais de dois séculos e meio e possibilita uma *análise em tempo real*”.

Segundo a autora,

Esse segundo *corpus* permitirá ainda um estudo de variação / mudança no indivíduo, já que a análise se dará a partir de um dos primeiros e um dos últimos romances de cada escritor selecionado. Será possível ainda verificar se há diferenças consideráveis nos resultados da análise da representação do tempo futuro entre os dois *corpora*, tendo em vista que um é considerado literatura informal e outro, formal. (SILVA, 2010, p. 6)

A hipótese de Santos (2010), assim como a de autores citados acima, é de que a representação de tempo futuro, de um modo geral, está sendo feita pela perífrase verbal *ir* + infinitivo, independentemente de a referência temporal estar localizada em um tempo próximo ou distante.

Na análise em tempo real feita por Santos (2010) foram encontradas 4.086 ocorrências de representações de futuro nas revistas Pato Donald, conforme Tabela 2, abaixo:

Tabela 2 – Distribuição das ocorrências pelas quatro variantes de futuro pesquisadas em números absolutos

| Tipos de futuro | Ocorrências | % |
|--------------------------------|--------------------|----------|
| Perífrases | 2.338 | 57,24 |
| Futuro sintético | 1.652 | 40,44 |
| Presente do indicativo | 92 | 2,25 |
| Haver + de + infinitivo | 4 | 0,07 |
| Totais | 4.086 | 100 |

Os dados de Silva (2010) nos mostram que a forma de representação do tempo futuro mais presente nas revistas Pato Donald são as perífrases verbais, 2.338 dados. O presente do indicativo apresentou poucos dados, apenas 92 ocorrências. Quase não há ocorrências de *haver* + de + infinitivo, dados pouco significativos.

No segundo *corpus* analisado, por se tratar de narrativas, uma vez que são histórias contadas no presente ou passado, foram encontrados poucos dados de futuro, as formas de futuro se restringiram à fala dos personagens. “Foram 46 obras analisadas, cem páginas cada uma, totalizando 4.600 páginas de texto analisadas e apenas 95 ocorrências de perífrases em um total de 2.530 dados” (SILVA, 2010, p. 123).

Desta forma, a autora percebeu uma baixa frequência de perífrases, apenas 5%, número pouco representativo e pouco oportunizador de análises sobre o comportamento do futuro perifrástico. A autora, ainda assim, conseguiu observar que há um quadro quase definido de marcação desse tempo verbal pela perífrase *ir* + infinitivo nos corpora:

O que se percebe, então, é o *futuro sintético* sendo destronado da posição de representar o tempo ainda não acontecido — de representar o inexistente, o

desejado, o possível — posição essa que está sendo tomada pelas formas *presente do indicativo* e *ir + infinitivo*, o que varia dependendo do *corpus* de análise.

Quanto às *perífrases* os *corpora* mostraram que *ir + infinitivo* está em processo final de gramaticalização, se levarmos em conta somente os textos escritos, uma vez que a construção *vou i(r)* ocorre de maneira profusa na fala, notadamente na fala de crianças e adolescentes, e já é frequente na de adultos, conforme se constata no dia a dia (no oral, a gramaticalização já se consolidou completamente, regularizando o paradigma). (SILVA, 2010, p. 199)

Tanto nas revistas quanto nos romances, o futuro sintético se mostrou como uma variante condicionada pelo elemento texto antigo, ou seja, quanto mais antigo o texto em análise mais era comum o uso do futuro sintético, já em textos mais atuais, maior a chance de ser empregada a perífrase.

Tesch (2011), em sua tese de doutorado, *A expressão do tempo futuro no uso capixaba: variação e gramaticalização*, analisa a variação do futuro verbal em dados da língua falada e escrita. Na modalidade oral, coletou os dados do *corpus* PortVix, constituído de entrevistas com 46 informantes capixabas de diferentes faixas etárias, níveis de escolaridade e sexo. Na modalidade escrita analisou dados do jornal *A Gazeta*, jornal conceituado no Espírito Santo, das décadas de 1930, 1970 e do ano 2008.

A autora tinha como hipóteses:

a) há atualmente uma preferência pelo uso de formas perifrásticas de *ir + verbo* no infinitivo, tanto para o futuro do presente como para o futuro do pretérito, principalmente na modalidade oral; b) o verbo *ir* está passando por um processo de gramaticalização; c) a perífrase *ir* é pouco utilizada na modalidade escrita, nas primeiras décadas do século XX; d) a construção *ir + verbo* no infinitivo não apresenta atualmente perdas de nuances modais/aspectuais, apenas o enfraquecimento dessas categorias; e) há maior predominância da variante futuro simples na modalidade escrita, pois a mudança se implementa inicialmente na fala, incorporando-se mais tardiamente à escrita e f) o futuro simples atualmente está mais atuante na modalidade escrita. (TESCH, 2011, p. 18)

Tesch (2011) escolheu *A Gazeta* por ser o jornal mais antigo do Espírito Santo, o que permitiu o levantamento de dados mais antigos, como da década de 1930. Tal jornal é considerado um formador de opinião para os capixabas, uma vez que traz importantes colonistas que discutem questões políticas, econômicas e culturais.

Segundo Tesch (2011, p. 69), outro ponto importante para sua escolha “é a semelhança a jornais como *O Globo*, do Rio de Janeiro: é dividido em “Cadernos”, como o 2º Caderno, que aborda questões culturais. A Rede Gazeta, responsável pelo jornal, é uma afiliada da Rede Globo, ou seja, apresenta o chamado “padrão Globo de qualidade”. Devido a isso, a autora acredita que o jornal utilize formas mais conservadoras da língua.

No jornal *A Gazeta* de 1930, foram coletados 203 dados de futuro, inclusive uma ocorrência bastante peculiar, não constatada nos outros *corpora*, a perífrase *haver de* + verbo no infinitivo.

Neste jornal, não houve variação expressiva entre o futuro sintético e o analítico. O futuro simples mostrou ser uma variante fortemente predominante, com 81.1% dos dados o favorecendo. Conclui-se, pois, que na modalidade escrita, do ano 1930, há pouca variação entre as formas de expressão de futuro, ocorrendo uma preferência considerável pelas formas de futuro simples, entretanto:

nesse período, o verbo *ir* já era utilizado em construções perifrásticas para indicar futuro. Embora contabilize apenas 6.9% de *ir* no presente + verbo no infinitivo e 1% de *ir* no futuro + verbo no infinitivo dos dados analisados, pudemos comprovar que nessa época o verbo *ir* + infinitivo já passava por um processo de gramaticalização, sendo registrado, inclusive, na modalidade escrita. (TESCH, 2011, p. 127-128)

No jornal *A Gazeta* do ano de 1970, foram coletadas 396 ocorrências de futuro. Como na década de 1930, houve pouca variação entre as formas sintética e analítica, havendo uma preferência pelos escritores pela forma considerada mais formal, o futuro simples, com 81.8% dos dados. “A segunda forma mais utilizada – *ir* no presente + verbo no infinitivo – representa apenas 10.6% dos dados. Esse fato demonstra que no período de 1970, na modalidade escrita, havia uma grande preferência pela forma padrão” (TESCH, 2011, p. 128-129).

Ao submeter os 396 dados ao programa *Goldvarb*, a autora percebeu que as perífrases são favorecidas pelos seguintes fatores:

verbos de 3ª e 1ª conjugação; verbos não relacionais e existenciais, como os verbos comportamentais, mentais e materiais que, em conjunto apresentam um sujeito agente ou experienciador; e, em relação à projeção de futuridade, indiquem um futuro indefinido. (...) a extensão do verbo no infinitivo

influencia na escolha da forma perifrástica, tendo em vista que a perífrase é favorecida em verbos com um maior número de sílabas. O fato de o verbo ser ou não modal também se mostrou importante, uma vez que verbos modais inibem o uso das formas perifrásticas com *ir* com o possível objetivo de evitar várias marcas modais, já que a própria perífrase carrega em si uma noção modal. (TESCH, 2011, p. 138-139)

No jornal *A Gazeta* do ano de 2008, foram analisadas 678 ocorrências de futuro verbal. Diferentemente dos jornais analisados anteriormente, apesar de haver uma preferência pela forma sintética de futuro, 54% dos dados, há uma presença maior de construções perifrásticas, a segunda forma mais utilizada – *ir* no presente + verbo no infinitivo – representa 20% dos dados. “De 1970 a 2008 as mudanças foram mais acentuadas, pois há menos ocorrências de futuro simples e maior uso de *ir* no presente + verbo no infinitivo, embora a forma privilegiada continue sendo o futuro simples” (TESCH, 2011, p. 141).

No *corpus* PortVix, nas 22 entrevistas analisadas, foram coletadas 1077 ocorrências de futuro. Tesch (2011) percebeu que os falantes capixabas preferem, na modalidade oral, utilizar as formas perifrásticas de futuro (*ir* no presente + verbo no infinitivo), 80.5% dos dados. O futuro simples não atinge nem 1% dos dados.

A partir dessas constatações, podemos afirmar que na comunidade de fala capixaba o futuro simples praticamente desapareceu, encaminhando-se para ser uma variante extinta nessa modalidade, principalmente quando verificamos que os informantes mais jovens não fizeram uso dela. (TESCH, 2011, p. 179)

A autora concluiu, assim, que o futuro simples é a forma mais recorrente na modalidade escrita. Entretanto, a partir da década 1970, o uso do futuro simples diminuiu. Já na fala atual dos capixabas pode-se considerar que o futuro simples já está praticamente extinto, uma vez que seu valor percentual na fala dos capixabas não chega a 1%.

As mudanças, na escrita, são mais paulatinas, principalmente em contextos mais formais, como nos gêneros do domínio jornalístico. Esse fato pode justificar a preferência do uso do presente do indicativo em detrimento da forma perifrástica, em 2008. O presente do indicativo, nas gramáticas tradicionais, como as revisitadas neste trabalho em 2.1, aparece como um possível substituto para o futuro simples, enquanto a perífrase com *ir* não é sequer mencionada. (TESCH, 2011, p. 184-185)

Como podemos observar, as pesquisas realizadas sobre a variação do futuro verbal apontam para um processo de mudança em curso. Percebemos, a partir dos dados acima apresentados, que a mudança ocorre por um processo de substituição da forma sintética de futuro por uma forma analítica através do processo de gramaticalização do verbo *ir* como auxiliar de futuro.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 A SOCIOLINGUÍSTICA LABOVIANA

Sabemos que as línguas são dinâmicas e heterogêneas e que normalmente suas mudanças são motivadas por fatores estruturais e sociais. Estudar tais mudanças e as formas como ocorrem é de suma importância para se conhecer verdadeiramente uma língua e suas diferentes formas de uso.

Sabemos que uma gramática não pode ser autônoma e independente do discurso, já que formas linguísticas surgem e se modificam pela regularização do uso da língua que ocorreria a partir da criação de expressões novas e de rearranjos vocabulares feitos pelo falante para atender a seus propósitos comunicativos: “É no processo comunicativo que a língua é adquirida e que a gramática emerge e muda. Uma forma linguística ajusta-se, de forma criativa e estimulada pelo contexto, a novas funções e novos significados” (OLIVEIRA, 2011, p. 54).

É nesse contexto que se destaca a sociolinguística, “[...] ciência que se faz presente num espaço interdisciplinar, na fronteira entre língua e sociedade, focalizando precipuamente os empregos linguísticos concretos, em especial os de caráter heterogêneo” (MOLLICA; BRAGA, 2004, p.9).

O termo Sociolinguística fixou-se em 1964, em um congresso organizado por William Bright, na Universidade da Califórnia, em Los Angeles, que propunha que esse novo campo da linguística deveria “demonstrar a covariação sistemática das variações linguística e social” (ALKMIM, 2001, p. 28).

Desta forma, entendemos que esta ciência dedica-se a estudar a variação da língua dentro da estrutura social da comunidade, considerando importante provar que a variação é essencial à própria natureza da linguagem humana. Faz-se necessário ressaltar que a variação pode conduzir a uma mudança no sistema, no entanto nem toda variabilidade na estrutura linguística implica mudança, mas toda mudança envolve, obrigatoriamente, variabilidade (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006 [1968]).

Segundo Oliveira (2006, p. 44), “por ser impossível desvincular a língua de sua função sócio-comunicativa, a sociolinguística é entendida como um espaço de investigação que estuda e correlaciona aspectos dos sistemas linguísticos e dos sistemas sociais, focalizando empregos concretos da língua”.

A variável social gênero/sexo é bastante importante para entendermos as variações linguísticas. Estudos comprovam que, no processo de variação estável, os homens tendem a usar as variantes inovadoras, já nos casos de mudança, são as mulheres que estão à frente do processo. Homens e mulheres possuem papéis sociais diferentes, vivências diversas, e essas diferenças contribuem para a escolha de uma ou outra forma linguística.

Outra importante variável social é a escolaridade, sabemos que há na língua formas que são consideradas de prestígio e outras estigmatizadas. Os gramáticos pregam que a língua “correta” é a prescrita nos manuais escolares, influenciando os falantes a pensarem desta forma. Assim, as variantes linguísticas que não são ensinadas nas escolas são consideradas “erro” e por isso são estigmatizadas.

A variável idade é também um importante fator para entendermos os processos de mudança linguística, já que sabemos que os falantes mais jovens são mais inovadores, favorecendo as mudanças linguísticas, enquanto os mais velhos são mais conservadores, preservam as formas mais antigas da língua.

Segundo Weinreich, Labov e Herzog (2006 [1968]), o processo de mudança linguística pode envolver estímulos e restrições tanto da sociedade quanto da estrutura linguística. Entendemos, portanto, que a língua não é um sistema estanque e fechado em si mesmo. As várias maneiras de dizer a mesma coisa em um mesmo contexto, e com o mesmo valor de verdade, fazem com que a língua não seja estática, mas sim mutável e heterogênea por natureza (LABOV, 1994).

Segundo Bragança (2008), a Sociolinguística, como um novo campo de estudo, torna imprescindível a discussão de questões como cultura, sociedade e linguagem, inseparáveis, para que se possa realmente entender como ocorrem os processos de variação e mudança linguística.

A mudança não deve ser identificada como deriva aleatória procedente da variação inerente na fala, uma vez que a mudança linguística começa quando há generalização de uma

alternância particular num subgrupo da comunidade em uma dada direção, assumindo um caráter de diferenciação ordenada (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006 [1968]).

É por essa união que a Sociolinguística nasce marcada pela interdisciplinaridade: “linguistas e outros estudiosos formados em campos das ciências naturais, como os antropólogos, trabalham lado a lado na tentativa de descrever e interpretar fenômenos linguísticos” (BRAGANÇA, 2008, p. 45).

Dentre os diversos estudiosos que se preocuparam em relacionar as questões sociais, culturais e linguísticas, destaca-se William Labov, ao relacionar, em pesquisas realizadas na comunidade de Martha’s Vineyard, litoral de Massachusetts, fatores sociais, como sexo, idade, ocupação e atitude/julgamento ao comportamento linguístico aos fenômenos linguísticos estudados.

Labov, Weinreich e Herzog (2006 [1968], p. 121), em estudos posteriores, buscando entender a estrutura linguística e seu processo de evolução, postularam a Teoria da Variação e Mudança na qual há cinco problemas para serem resolvidos:

- a) *O problema dos fatores condicionantes* – fatores linguísticos e extralinguísticos podem determinar mudanças em uma dada direção. Desta forma, há uma necessidade, ao estudar a variação linguística, de identificar os fatores e condições que favorecem ou restringem a mudança.
- b) *O problema da transição* – sabendo que a língua é variável, faz-se importante, assim, entender como uma língua muda, ou seja, como ocorre a passagem de um estágio para outro.

Segundo Bragança (2008), a mudança se processa em um *continuum* de variação e mudança, rompendo com a dicotomia saussuriana (sincronia/diacronia):

o problema da transição destaca a necessidade de se definir o percurso de uma mudança, com a consideração de que ela se processa em um *continuum* de variação e mudança. Essa consideração parece encerrar a dicotomia sincronia/diacronia, pois rejeita a consideração de estágios discretos da língua. (BRAGANÇA, 2008, p. 46)

- c) *O problema do encaixamento* – as mudanças linguísticas precisam ser vistas como encaixadas no sistema linguístico como um todo. É importante saber como uma mudança linguística pode desencadear outras. “Assim, a tarefa do linguista não é

tanto demonstrar a motivação social de uma mudança quanto determinar o grau de correlação social que existe e mostrar como ela pesa sobre o sistema linguístico abstrato” (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006 [1968], p. 123).

- d) *O problema da avaliação* – a avaliação diz respeito a como os falantes vão avaliar a mudança e quais os efeitos desse julgamento para a mudança.

Segundo Weinreich, Labov e Herzog (2006 [1968], p.124),

o nível de consciência social é uma propriedade importante da mudança linguística que tem de ser determinada diretamente. Correlatos subjetivos da mudança são por natureza mais categóricos do que os padrões cambiantes do comportamento: a investigação destes correlatos aprofunda nosso entendimento dos modos como a categorização discreta é imposta ao processo contínuo da mudança.

- e) *O problema da implementação* – a propagação da mudança ocorre e se difunde em ambientes favoráveis. Assim, entendemos que “uma mudança linguística começa quando um dos muitos traços característicos de variação na fala se difunde através de um subgrupo específico da comunidade de fala. Este traço linguístico então assume uma certa significação social” (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006 [1968], p. 124). Segundo Oliveira (2006), é importante investigar que fatores propiciam que uma determinada mudança ocorra em uma língua em uma determinada época e não em outra. Essa parece ser a questão mais difícil a ser respondida pela teoria variacionista. Para resolvê-la devemos considerar, ao estudar as mudanças linguísticas, a junção dos resultados para todos os problemas anteriores.

Sabemos que os primeiros estudos variacionistas foram de cunho fonológico. Com o passar dos anos, novas pesquisas, seguindo a metodologia laboviana de análise quantitativa, foram surgindo. Tais pesquisas passaram a analisar não só fenômenos fonético-fonológicos mas também a variação em contextos morfossintáticos e discursivos.

Entretanto a análise de fenômenos além do nível fonético-fonológico causou muitas críticas e discussões acerca da validade da aplicação do modelo teórico-metodológico da sociolinguística, uma vez que, para estudiosos como Lavandera (1978), não há variação em

outros níveis além do fonético-fonológico, já que cada variante sintática tem seu próprio significado, ou seja, para a autora não há equivalência semântica entre variantes.

Todavia esse impasse não impediu que estudos morfossintáticos fossem realizados com base na teoria da variação:

Labov conseguiu elaborar um método probabilístico de investigação sociolinguística que permite correlacionar variantes linguísticas sistemáticas a parâmetros linguísticos e sociais, que podem ser usados para fenômenos que não se restringem à fonologia. A abordagem variacionista é válida para fenômenos variáveis em todos os níveis, desde que o pesquisador seja sensível à natureza do fenômeno estudado, superando a exigência estrita de “um mesmo significado”. (TESCH, 2011, p. 41)

Tesch (2011, p. 42) diz ainda que possivelmente as formas de futuro não tenham exatamente o mesmo significado, mas, por partilharem a mesma função gramatical, ao indicarem tempo futuro, podem constituir uma mesma variável. “Mesmo analisando um fenômeno não fonológico, é possível estudá-lo seguindo os princípios da Teoria da Sociolinguística Variacionista, já que há a possibilidade de se encontrar formas preenchendo a mesma função, expressando o mesmo valor de verdade”.

2.2 O PROCESSO DE GRAMATICALIZAÇÃO

A língua é dinâmica e heterogênea, é um produto social da faculdade da linguagem que se modifica constantemente, buscando tornar a comunicação mais eficiente. Um falante ao comunicar-se precisa ser entendido e para tal faz-se necessário que o ouvinte compreenda a mensagem passada. Por isso, é de grande importância estudar a língua considerando os atos comunicativos, visto que, em uma perspectiva funcionalista, a língua não é um sistema fechado em si mesmo, está exposta às mais variadas situações comunicativas e são essas situações que produzem mudanças contínuas na língua.

Os linguistas funcionalistas baseiam-se na ideia de que a língua, de certa forma, é uma representação de como o homem vê o mundo, havendo uma relação entre linguagem humana e a experiência do homem com o mundo. (...) Supõem que a estrutura linguística é uma expressão do funcionamento

da mente, assim como das propriedades necessárias para que o homem conceitualize o mundo. (GONÇALVES, 2010, p. 35)

Entende-se, assim, que uma gramática não pode ser autônoma e sim dependente do discurso, já que formas linguísticas surgem e se modificam pela regularização do uso na língua, que ocorreria a partir da criação de expressões novas e de rearranjos vocabulares feitos pelo falante para atender aos seus propósitos comunicativos, ou seja, “é no processo comunicativo que a língua é adquirida e que a gramática emerge e muda. Uma forma linguística ajusta-se, de forma criativa e estimulada pelo contexto, a novas funções e novos significados” (OLIVEIRA, 2006, p. 54).

Givón (1979 apud OLIVEIRA, 2006) diz que a gramática se organiza em função de dois tipos de pressões: a) cognitivas, decorrentes da forma como o homem interpreta e organiza mentalmente as informações (aspecto regular); e b) de uso, decorrentes do aspecto criativo e inédito do discurso (geradoras de irregularidades).

Hopper (1998 apud GONÇALVES, 2010) acredita que as formas da linguagem não são particularidades de um indivíduo, mas sim difundidas entre os falantes através do ato comunicativo. Desse modo, entende-se que “os signos implicam uma constante competição entre os falantes pelo controle do significado das palavras e expressões, e a linguagem passa ser um material que é transmitido de falante a falante, seja pelo uso, prestígio ou eficiência” (GONÇALVES, 2010, p. 35).

Ainda segundo Gonçalves (2010), o interesse pelas mudanças linguísticas deriva do pressuposto de que as línguas naturais, em uma perspectiva funcionalista, são sistemas flexíveis e heterogêneos que se adaptam às exigências comunicativas dos falantes e de seus discursos, propiciando uma nova visão para a gramática, definida por Hopper (1987 apud GONÇALVES, 2010, p. 36) como Gramática Emergente:

A noção de Gramática Emergente significa que a estrutura, ou regularidade, vem do discurso e é moldada por ele em um processo contínuo. Nesse sentido, gramática é simplesmente o nome de certas repetições de categorias observadas no discurso. A gramática não é um pré-requisito para o discurso. Suas formas não são fixas e emergem da interação face-a-face, no sentido de que refletem a experiência individual passada que os falantes têm dessas formas, e sua avaliação no contexto atual, incluindo especialmente seus interlocutores, cujas experiências e avaliações podem ser bem diferentes.

Apesar de as variações e mudanças não serem tão perceptíveis aos olhos dos falantes, são contínuas. As línguas variam e é o uso contínuo que permite, através do processo de gramaticalização, o surgimento de novas palavras e expressões, já que os falantes, ao sentirem a necessidade de serem entendidos, dão novos sentidos a palavras já existentes que serão paulatinamente agregadas ao seu vocabulário.

O termo gramaticalização é considerado ambíguo (HOPPER e TRAUGOTT, 1993; OLIVEIRA, 2006; GONÇALVES et alii, 2007), uma vez que pode se referir tanto ao conjunto de pressupostos acerca de um processo de mudança como ao processo de mudança em si.

The term “grammaticalization” has two meanings, one to do with a research framework within which to account for language phenomena, the other with the phenomena themselves. In this respect the term “grammaticalization” resembles not only other terms in linguistics such as “grammar”, “syntax” and “phonology”, but the terminology of all higher-level concepts in scholarly disciplines. As a term referring to a research framework, “grammaticalization” refers to that part of the study of language change that is concerned with such questions as lexical items and constructions come in certain linguistic context to serve grammatical functions or how grammatical items develop new grammatical functions. (...) As a term referring to actual phenomena of language, “grammaticalization” refers most especially to the steps whereby particular items become more grammatical through time. Grammaticalization in this sense is part of the wider linguistic phenomenon of structuration, through which combinations of forms may in time come to be fixed in certain functions. (HOPPER; TRAUGOTT, 1993, p. 2)

Gonçalves et alii (2007, p.16) dizem ainda que ao se falar em gramaticalização há muitas controvérsias. Para alguns estudiosos, a gramaticalização pode ser um processo, enquanto para outros pode ser paradigma:

A gramaticalização é considerada paradigma se observada num estudo da língua que se preocupe em focalizar a maneira como formas gramaticais e construções surgem e como são usadas. É considerada processo se se detiver na identificação e análise de itens que se tornam mais gramaticais.

Gonçalves et alii (2007, p. 58) dizem ainda que alguns estudiosos têm se referido ao processo de gramaticalização como teoria ou paradigma da gramaticalização, mas

e elevar os estudos sobre gramaticalização ao status de teoria ou paradigma parece hipervalorizar a alocação desses estudos dentro da linguística. Uma

designação mais neutra é encontrada em Naro & Braga (2000), que consideram a gramaticalização uma vertente dos estudos da mudança linguística.

Gonçalves (2010, p. 37) ressalta que

os estudiosos de gramaticalização devem se preocupar com as regularidades de uso da língua mediante a observação da fala e escrita, de um lado, e da mudança da língua, de outro. O primeiro aspecto de mudança observado é semântico, pois é esse processo que lidera a mudança de um item menos gramatical para um mais gramatical. O segundo aspecto é pragmático, no que diz respeito à frequência de uso e ao contexto. Deve-se observar, no entanto, que a gramaticalização está baseada na interação entre fatores pragmáticos, semânticos, morfossintáticos e fonéticos.

Pereira (2005, p. 36) afirma que através da abordagem funcionalista os processos de gramaticalização tornaram-se expressivos:

Numa abordagem funcionalista, ganham especial relevo os processos de gramaticalização entendidos, na sua forma clássica, como a transformação de itens lexicais em instrumentos gramaticais através de uma ação dos falantes sobre língua. As pesquisas sobre gramaticalização estão intimamente associadas a uma visão funcional da linguagem, na medida em que defendem a hipótese de que o uso da língua nas situações reais de comunicação motiva a criação ou desenvolvimento de formas gramaticais ao longo do tempo.

A noção de gramaticalização, processo de mudança linguística, foi introduzida por Meillet (1912) para designar certo tipo de fenômeno linguístico que tratava da transição gradual de “palavras principais” para “palavras gramaticais” em estágios de uma língua.

Segundo Gonçalves et alii (2007), Meillet, primeiramente, analisou a gramaticalização como uma ferramenta linguística histórica, mostrando que gradualmente palavras acessórias e palavras gramaticais podem se desenvolver de palavras principais, mas a distinção dessas três classes feita pelo próprio autor mostra também uma visão sincrônica, já que palavras acessórias e/ou gramaticais (preposições, conjunções e auxiliares) e sua forma-fonte podem conviver num mesmo recorte de tempo.

Givón (1995, apud OLIVEIRA, 2006) acredita que o processo de gramaticalização pode ser visto tanto diacrônica como sincronicamente, já que as construções linguísticas podem se desenvolver gradualmente no tempo, passando por diferentes estágios, chegando a

uma gramaticalização plena, tendo como resultado um processo diacrônico. Mas, ao analisar o ponto de vista cognitivo, a gramaticalização torna-se um processo instantâneo, em que há uma relação de similaridades entre termos, ou seja, um item lexical, em determinado contexto, passa a ser empregado como gramatical, num processo sincrônico.

Autores como Poggio (2003) e Hopper e Traugott (1993) optam por relacionar diacronia e sincronia, adotando uma perspectiva panocrônica:

A gramaticalização tem sido estudada de duas perspectivas. Uma dessas é a histórica, investigando as fontes das formas gramaticais e os caminhos típicos de mudança que os afetam. Dessa perspectiva, a gramaticalização é pensada normalmente como um subconjunto de mudanças linguísticas pelas quais um item lexical em certos usos se torna um item gramatical, ou pelo qual um item gramatical se torna mais gramatical. A outra perspectiva é mais sincrônica, vendo a gramaticalização principalmente como um fenômeno sintático ou discurso-pragmático, a ser estudado do ponto de vista de padrões fluidos de uso do idioma. (HOPPER; TRAUGOTT, 1993, p. 2)

Hopper e Traugott (1993), Oliveira (2006), Gonçalves et alii (2007) e Carvalho e Silva (2013) consideram que as mudanças ao longo dos processos de gramaticalização não ocorrem de forma abrupta. Elas podem durar anos, o que não significa a exclusão de uma forma mais antiga em detrimento de uma nova, haja vista que durante algum tempo ambas as formas permanecerão em competição, o que corrobora para que os estudos de expressões gramaticalizadas seja feito de forma panocrônica.

A gramaticalização, portanto,

oferece uma explicação plausível que dá conta de como e por que as categorias gramaticais surgem e se desenvolvem ao longo do tempo. Sua principal motivação é a necessidade de comunicação ser efetivamente efetuada. Para alcançar esse objetivo, uma estratégia humana altamente utilizada e comprovada cientificamente, consiste na utilização de formas linguísticas concretas para a expressão de formas linguísticas mais abstratas, menos facilmente acessíveis e cujos significados são menos claramente delineados. (ROSÁRIO, 2010, p. 8)

Para Castilho (2010, p. 982), gramaticalização refere-se ao “trânsito de uma forma livre, menos gramatical, para uma forma ligada, mais gramatical.” Distinguindo itens lexicais de itens gramaticais, considera que o lexical passa a status de gramatical, como afirmam os linguistas Gonçalves et alii (2007, p. 20):

em concordância, então, com a acepção mais clássica de gramaticalização, palavras de uma categoria lexical plena (nomes, verbos e adjetivos) podem passar a integrar a classe das categorias gramaticais (preposições, advérbios, auxiliares etc.), as quais, em momento posterior, podem vir até mesmo a se tornar afixos.

Conforme Gonçalves (2010 p. 30), “as mudanças por gramaticalização são motivadas por aspectos envolvidos na comunicação, portanto funcionais”. Os falantes utilizam-se de formas linguísticas concretas, de fácil compreensão, com o intuito de expressar significados mais abstratos e menos compreensíveis.

Os linguistas Hopper e Traugott (1993) dizem que a gramática surge do discurso, tendo a função pragmática grande importância para o surgimento e variação de palavras e expressões. A gramática sendo emergente se modificará à medida que os falantes, no ato comunicativo, sintam a necessidade de rearranjos vocabulares em busca do sucesso comunicativo, como afirma Tavares (2003, p. 39):

é na troca comunicativa que o falante busca estratégias, com base em suas experiências pessoais, a fim de obter sucesso na comunicação, ou seja, conseguir interagir com o ouvinte. Como as estratégias surgem no discurso, é comum surgirem formas criativas, consequência de estratégias inovadoras que, ao se repetirem com frequência, acabam por fixarem-se, tornando-se fórmulas gramaticais.

Hopper e Traugott (1993), assim como Gonçalves et alii (2007), definem gramaticalização, processo de mudança linguística, como o conjunto de alterações ocorridas sobre um item lexical (substantivos, adjetivos, verbos), transformando-o em um item gramatical (conjunções, preposições, afixos) ou ainda que o gramatical passe a sê-lo de forma mais determinante.

Gonçalves (2012, p. 395), diz que itens lexicais, ao serem gramaticalizados, continuam a desenvolver novas funções gramaticais, tornando-se cada vez mais regulares e previsíveis. Desta forma,

o processo de gramaticalização é, portanto, irrecorrente, interminável e sempre ativo. Uma construção analítica, por exemplo, pode gramaticalizar-se em uma construção sintética que pode ser pretendida em relação outra construção analítica, que se gramaticaliza e, assim, sucessivamente.

Entende-se, pois, que, através da interação entre falantes e de seus processos criativos ao se comunicarem, palavras e expressões são gramaticalizadas. O uso contínuo/frequente de certas palavras e expressões as tornam gramaticais ou mais gramaticais, podendo em casos mais “extremos” atingirem morfemização zero.

Para caracterizar a gramaticalização, Hopper (1991) estabeleceu cinco importantes princípios:

- Estratificação (novas formas convivem e interagem com formas antigas, já que o processo de mudança é lento, podendo nunca ocorrer a substituição de uma forma por outra).
- Divergência (princípio que superpõe o anterior, remete aos diferentes graus de gramaticalização de um mesmo item lexical, sendo aplicado aos casos em que um mesmo item lexical autônomo se gramaticaliza em um contexto e não em outro).
- Especialização (escolha de formas pertencentes a um mesmo domínio. Quando a gramaticalização ocorre, uma forma passa a ser utilizada com mais frequência).
- Persistência (quando uma forma se gramaticaliza do léxico para uma função gramatical, mantendo alguns traços de seu significado lexical na nova forma constituída).
- Decategorização (formas que se gramaticalizam perdem ou neutralizam marcadores morfológicos e características sintáticas, passando a assumir atributos mais secundários).

Hopper e Traugott (1993) destacam também um importante princípio da gramaticalização, a unidirecionalidade. Conforme os autores, a gramaticalização é um processo linear, tendo a mudança um sentido único, que vai do menos gramatical para o mais gramatical. A postulação básica é que existe uma relação entre dois estágios A e B, tal que A ocorre antes de B, mas não o inverso.

Assim, ao assumir que um estágio A pode atingir um estágio B, não há, portanto, “desgramaticalização”. A gramaticalização é unidirecional, sendo considerada um processo irreversível que só pode desenvolver-se da esquerda para a direita.

Rosário (2010, p. 6) ratifica tal princípio ao postular que:

a unidirecionalidade prevê que as mudanças linguísticas no escopo da gramaticalização ocorrem num *continuum*, do ‘menos gramatical’ para o ‘mais gramatical’ e não vice-versa. Os outros exemplos são incipientes se comparados à enorme gama de exemplos atestadores da unidirecionalidade.

Gonçalves et alii (2007, p. 41) afirmam que

metaforicamente falando, a unidirecionalidade seria o bisturi que recorta um tipo específico de mudança, a que promove o rebaixamento de categoria de um elemento, rumo a uma estrutura mais gramatical, e nunca o contrário. Assim é que nem toda mudança pode ser identificada como envolvendo gramaticalização, mas toda gramaticalização, necessariamente, pressupõe estágios de mudança.

Falando em unidirecionalidade, faz-se necessário explanar sobre a proposta de transferência metafórica, já que muitos linguistas consideram as mudanças semânticas que ocorrem nos processos de gramaticalização motivadas por processos metafóricos. A metáfora é considerada um processo em que há uma projeção de um elemento determinado (fonte) utilizado para fazer referência a outro (alvo). Assim, como afirma Gonçalves (2010), o movimento de criação das metáforas, partindo, sempre, do mais concreto para o mais abstrato, seguindo uma escala unidirecional de categorias semânticas Pessoa > Objeto > Processo > Espaço > Tempo > Qualidade, possibilita o surgimento de expressões gramaticalizadas.

Gonçalves et alii (2007, p. 42) expõem que muitas mudanças semânticas que ocorrem através do processo de gramaticalização são estimuladas por processos metafóricos, pois

A metáfora, em gramaticalização, envolve a abstratização de significados, os quais, de domínios lexicais ou menos gramaticais, são estendidos metaforicamente para mapear conceitos de domínios gramaticais ou mais gramaticais. Essa abstratização diz respeito à forma como os seres humanos compreendem e conceituam o mundo que os cerca. É nesse sentido que as coisas mais próximas são mais claramente estruturadas e delimitadas, menos abstratas, do que as que estão mais distantes.

A metáfora é um dos principais mecanismos colaboradores para o processo de gramaticalização. Lins (2007, p. 138-139) acrescenta ainda que

é através da transferência metafórica que conceitos mais complexos são descritos por meio de conceitos menos complexos (concretos); estes últimos constituem os chamados conceitos fonte do processo de gramaticalização, os lexemas que se referem a experiências humanas concernentes a estado físico, comportamento ou meio ambiente. Entre os possíveis conceitos-fonte

podem-se destacar os lexemas que designam parte do corpo; fenômenos naturais, verbos dinâmicos, de processos mentais, de postura; qualificadores; demonstrativos, além de outros.

Vale salientar que a existência de uma expressão metafórica não é o suficiente para afirmar a ocorrência de gramaticalização. É necessário que ocorra uma mudança semântica para tal concretização.

Outro processo que possibilita o surgimento de palavras gramaticalizadas é a metonímia, “a mesma é uma motivação pragmática que envolve reinterpretação induzida pelo contexto” (HEINE; CLAUDI; HUNNEMEYER, 1991 apud GONÇALVES, 2010, p. 44). A metonímia possibilita a reorganização de enunciados dando novas interpretações aos elementos que os compõem, estando assim vinculada à reanálise, importante mecanismo de gramaticalização, pois implica, conforme Gonçalves (2010), que estímulos externos possam afetar as propriedades mentais humanas, fazendo com que a mudança ocorra em um contexto e gradativamente passe para outros contextos, alterando a relação que havia sido estabelecida pelos constituintes da sentença.

Gonçalves et alii (2007, p. 47) declaram que a metonímia, no processo gramaticalização,

remete também a um tipo de inferência pragmática, uma associação conceitual, fundamentada no mundo discursivo, ou uma transferência semântica licenciada por contiguidade. É uma espécie de permuta que decorre do uso de uma palavra em uma frase na qual uma ideia, de alguma maneira ligada ao significado da palavra em questão, é passível de formar um elemento do contexto.

Lins (2007, p. 139) complementa tal ideia ao afirmar que no processo de gramaticalização por metonímia

um mecanismo de mudança é a interferência por pressão de informatividade, que designa o processo em que, por convencionalização de implicaturas conversacionais, o item linguístico assume um valor novo inferido do valor original, que emerge do contexto de uso.

Juntamente com a reanálise, a analogia é um significativo mecanismo facilitador para os processos de gramaticalização. Conforme Oliveira (2006, p. 57), embora tais mecanismos

não sejam obrigatórios para que ocorra a mudança por gramaticalização, facilitam tal processo.

A reanálise é definida por Castilho (1997, p. 53-54) como

um processo por meio do qual os falantes mudam sua percepção de como os constituintes de sua língua estão ordenados no eixo sintagmático. Essa mudança de percepção se deve a um tipo de raciocínio conhecido como abdução. (...) Através da abdução, apagamos os limites entre determinados constituintes, estabelecendo novos ‘cortes’, sem alterar a manifestação superficial da unidade sobre que estamos operando.

Percebe-se, pois, que a reanálise não atinge a estrutura superficial, atuando no eixo sintagmático. Esse processo modifica representações sintáticas, semânticas e morfológicas, redefinindo as fronteiras da forma, motivando novas estruturas gramaticais, diferentemente da analogia, que, operando no eixo paradigmático, modifica manifestações de superfície, promovendo mudanças de regra e disseminando novas formas no sistema linguístico (HOPPER; TRAUGOTT, 1993).

Castilho (1997, p. 52) ratifica essa ideia ao dizer que analogia “é uma sorte de aproximação psicológica entre categorias situadas no eixo paradigmático. (...) A analogia não dá surgimento a expressões ou estruturas novas, ela simplesmente estende regras a itens ainda não atingidos, ‘uniformizando’, por assim dizer, as formas da língua”. Gonçalves et alii (2007, p. 48) corroboram isso ao se referirem à analogia como “atração de formas preexistentes por outras construções também já existentes no sistema envolvendo inovações ao longo do eixo paradigmático”.

Ambos são importantes mecanismos do processo de gramaticalização, pois fortalecem o entendimento do princípio da unidirecionalidade. “A reanálise altera as relações entre os constituintes sem que isso seja perceptível, enquanto a analogia proporciona a existência de novas formas através de similaridades com outras já existentes” (SILVA, 2010, p. 15).

Sendo assim, compreende-se que a gramaticalização é

um processo dinâmico que reflete não somente o movimento contínuo em torno da estrutura (nas relações estabelecidas), mas ainda como uma atividade cognitiva com reflexos na própria estrutura. Nesse processamento, que se inicia por motivações devidas aos usuários da língua, sobreposições da combinação sentindo/forma geram ambiguidades, polissemias, que se traduziriam numa assimetria. Tal assimetria, por se constituir um problema

comunicativo ao falante-ouvinte, será resolvida pela reanálise e analogia que provocariam a paradigmaticização da nova forma. Portanto, a movimentação do processo de gramaticalização pode ser representada num continuum que tanto envolve a variação conceptual quanto a contextual. (GONÇALVES et alii, 2007, p. 34)

2.3 A GRAMATICALIZAÇÃO DA PERÍFRASE *IR* + INFINITIVO

Muitas expressões que hoje fazem parte do arcabouço vocabular português passaram pelo processo de gramaticalização. Pode-se observar tal processo ao analisar as mudanças recorrentes com o verbo *ir*, que apresenta a ideia de movimento e localização como verbo pleno “pretendo *ir* na casa dos meus vizinhos” (1ª Série Ensino Médio, escola pública) e passa a coexistir com uma nova forma, em que o verbo passa a ser auxiliar com a ideia de tempo futuro: “pela tarde *vou entrar* no facebook” (1ª Série Ensino Médio, escola pública).

Os verbos de movimento são polissêmicos. Para Câmara Jr. (2002, p. 194), “polissemia é a propriedade da significação linguística de abarcar toda uma gama de significações, que se definem e precisam dentro de um contexto”. Tais características são evidenciadas ao se observar o verbo *ir*, que apresenta, em diferentes contextos, diversos significados, deixando de ser pleno, abandonando sua acepção concreta e livre, passando a ter uma acepção mais abstrata e posição fixa, passando por diferentes níveis de gramaticalização, como nos exemplos:

(1) Verbo pleno – movimento no espaço

Irei para casa dos meus primos (1ª Série Ensino Médio, escola pública)

(2) Verbo aspectual – progressão

Vou me orgulhar com esse médico que *vai surgindo* a cada dia. (1ª Série Ensino Médio, escola particular)

(3) Movimento abstrato – busca de objetivo

Eu sei que *vou* até o fim para alcançar meus objetivos. (3ª Série Ensino Médio, escola particular)

(4) Verbo auxiliar de futuro

Pela manhã *vou acordar* e dar aquele beijo no meu amado irmão. (1ª Série Ensino Médio, escola particular)

(5) Expressão cristalizada

Tudo pode *ir* por água abaixo. (2ª Série Ensino Médio, escola particular)

Percebe-se, pois, que o uso do verbo *ir* na construção perifrástica de futuro está avançando de forma progressiva não só na fala como nas expressões escritas, observando-se assim uma mudança em curso na expressão do futuro verbal:

A perífrase é a forma verbal inovadora, que convive com a forma simples (conservadora). Trata-se, pois, de um fenômeno variável no português em que a variante perifrástica, concorrente da forma sintética para codificar a função que situa a ação ou o processo à direita do ponto da fala, é muito pouco discriminada. E a entrada do verbo *ir* como auxiliar para expressar o futuro vem encontrando resposta positiva entre os falantes. (OLIVEIRA; OLINDA, 2008, p. 96-97)

Esse processo acontece pela ocorrência da reanálise e analogia, mecanismos que atuam na gramaticalização de verbos de movimento em auxiliares de tempo, e pelos processos de transferência metafórica e associação metonímica, como explica Oliveira (2006, p. 59):

A metáfora permite ao homem compreender as ideias em função do mundo concreto. Ela possibilita a transferência de um domínio cognitivo a outro. No caso da gramaticalização do verbo *ir* como auxiliar de futuro, o domínio fonte é movimento, localização (domínio de mundo humano). Já no domínio alvo, as funções relativas a tempo e a valor de verdade do discurso pertencem ao mundo das funções discursivas abstratas.

Gonçalves et alii (2007, p. 52) comentam que a transferência metafórica ocorre nos processos de gramaticalização do verbo *ir* por motivação icônica, uma vez que

um conceito mais concreto, do domínio lexical, é mapeado em um conceito mais abstrato, do domínio gramatical. É o caso, por exemplo, da gramaticalização do verbo *ir*. Pode-se dizer que a alteração categorial verificada em torno dos diferentes usos desse verbo encontra sua fundamentação cognitiva na transferência de um conceito de domínio espacial para o domínio temporal, motivada pela representação de deslocamento, antes no espaço, codificado por um verbo pleno, e, depois, no tempo, codificado por um verbo auxiliar.

Gonçalves et alii (2007, p. 48) acreditam ainda que “a mudança de significado por associação metonímica é resultado de um raciocínio ‘abduativo’, por meio do qual o falante observa determinado resultado no discurso, invoca uma lei (da linguagem) e infere que, a um uso posterior, pode ser aplicada essa mesma lei”. É através deste processo de percepção humana que surgem novas ideias. É o que acontece com construções com o verbo *ir*.

Em uma frase do tipo *João vai comprar um carro*, cabe tanto uma leitura de movimento (*Aonde João vai?*) quanto uma leitura de futuridade (*O que João vai fazer?*). Contextos como esses permitem que, em momentos posteriores, somente a leitura de futuridade esteja disponível, como *em O prédio vai cair*, deixando de lado a leitura de movimento que exige um sujeito animado que se move. (GONÇALVES et alii, 2007, p. 48)

Conforme Hopper e Traugott (1993, p. 61), os mecanismos de reanálise e analogia atuam igualmente no processo de gramaticalização dos verbos de movimento. Percebe-se, pois, que a representação de tempo futuro *ir* + *infinitivo* está passando pelo processo de reanálise, uma vez que o *ir* está passando da condição de verbo pleno para verbo auxiliar.

Notas-se, assim, que a estrutura atual *ir* + *infinitivo* traz consigo fortes mudanças semânticas. O falante, ao dizer expressões como *vou fazer*, *vou comer* e *vou estudar* modifica semanticamente o verbo, havendo uma extensão semântica de movimento no espaço para movimento no tempo, passando o verbo a funcionar “simplesmente” como verbo auxiliar de tempo futuro.

Algumas formas relacionadas ao *ir* como verbo auxiliar ainda são estigmatizadas devido à permanência de características do verbo pleno (movimento no espaço). Os falantes considerados cultos estranham ao ouvir expressões como *vou ir*, já que a mesma é considerada por esses falantes como redundante. No entanto, expressões como *vou ficar* e *vou estar* são aceitas de forma natural, embora haja a ligação de um suposto verbo de movimento a verbos de permanência.

Segundo Silva (2010, p. 12), muitos professores de português corrigem seus alunos quando os ouvem proferir “Eu vou ir...”.

(6) No sábado pela manhã *vamos ir* ao zoológico. (1ª Série Ensino Médio, escola pública)

- (7) Nem todas as pessoas da minha família *vai ir*. (1ª Série Ensino Médio, escola pública)

Argumentam que seria errado utilizar duas vezes o mesmo verbo, não causando estranheza, entretanto, a oposição em uma mesma expressão de verbos de movimento e permanência (*vou ficar*), nem mesmo a expressão com o verbo *vir* repetido (*vai vir, vem vindo*).

- (8) *Vou ficar* lá até o dia amanhecer. (1ª Série Ensino Médio, escola pública)

- (9) ... quando eu chegar *vou estar* super cansada. (1ª Série Ensino Médio, escola pública)

Segundo Oliveira (2006), a alternância entre formas simples e perifrásticas de futuro verbal é recorrente na história das línguas românicas, tomando como base para tal afirmação exemplos da passagem da língua latina ao português: *cantare habeo* > *cantar hei* > *cantarei*. Mas o processo analisado no português é o inverso, já que se observa a passagem de formas verbais sintéticas para analíticas a partir da gramaticalização do verbo *ir*, que, além da sua forma plena (verbo de movimento), desenvolve-se como marca morfossintática de futuro (verbo auxiliar), na construção *ir* + infinitivo.

Bragança (2008, p. 24) comenta, em sua dissertação de mestrado, que o uso dessa construção (*ir* + infinitivo) no português atual do Brasil não é algo inédito, representa uma repetição do que ocorreu na fase românica, sendo que nesse período o futuro perifrástico, que marcava com maior intensidade a modalidade, substituiu o futuro sintético.

Bragança (2008, p. 24) apresenta algumas definições do verbo *ir* presente em dicionários. Nota-se que inicialmente a acepção é de movimento.

[...] passar, mover ou deslocar-se de um lugar para outro, por movimento próprio, impulso imprimido, qualquer mecanismo ou com auxílio de transporte ou veículo: Carlos viaja e eu vou também; o criado foi com o patrão, transportando as bagagens; o barco ia velozmente. (FERREIRA, 1999, p.1135-1136 apud BRAGANÇA, 2008, p. 24)

De acordo com Bragança (2008, p. 24), o *Dicionário Houaiss* (2001) traz outras acepções além da de movimento, como: atirar-se com impacto, investir (o avião *foi* contra a torre de controle); dissipar-se, desaparecer (*foi-se* o verão); morrer (logo ele que queria viver muito, *foi-se* antes dos avós).

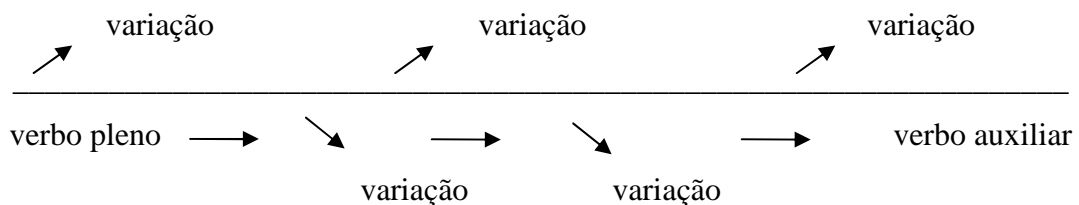
Bragança (2008, p. 25) completa dizendo que o *Dicionário Houaiss* (2001, p. 1648-1649) também traz a noção temporal do verbo *ir*:

15) Estender-se (no tempo); prolongar-se, seguir (A conversa amena foi pela madrugada adentro); 16) ter decorrido (certo período de tempo); passar-se (separaram-se já lá iam três anos); 17) perfazer ou haver decorrido um número estimado, aproximado de (dias, meses, anos, etc.) (quando a conheci, a Paula ia pelos vintes anos; Vai para mais de cem anos que o perdi de vista); 18) haver diferença ou distância, no espaço, no tempo ou valor (do natal ao carnaval vão cerca de dois meses; da minha à tua cidade vão dois dias de viagem).

O *Dicionário Aurélio* (1997, p. 401) também traz as acepções de movimento e tempo presentes no verbo *ir*, como também outros diferentes sentidos pertencentes a esse verbo polissêmico:

1. Passar, ou deslocar-se de um lugar para outro, por movimento próprio, impulso imprimido, etc., ou com auxílio de transporte ou veículo. 2. Partir. 3. Ser mandado ou remetido. 4. Extinguir-se; ir-se. 5. Continuar, achar-se (em certo grau de adiantamento, em certa fase, etc.) 6. morrer. 7. Achar-se em certa situação, fase em dados termos. [...] 12. Estar, achar-se de saúde. 13. Simpatizar-se. 14. Dar início; começar. 15. Tratar (de um assunto). [...] 23. Como verbo auxiliar exprime tempo futuro, ou significa concorrer para, ou estar preste a, ou dispor-se ou preparar-se para, tencionar.

Menon (2003, p. 79) apresenta um esquema explicativo que demonstra o processo de gramaticalização de um verbo pleno em auxiliar:



Entende-se, pois, a partir do esquema, que o verbo pleno assume novas funções em diferentes contextos e essas novas funções concorrerão com formas linguísticas já existentes

no sistema, ou seja, o verbo pleno vai perdendo seu significado original de deslocamento no espaço e passa a assumir um novo significado de deslocamento no tempo.

Segundo Silva (2010, p. 34), esse processo de perda do significado original é devido ao fato de a metáfora espacial gerar a metáfora temporal. “O verbo *ir* denota espaço, deslocamento de um lugar a outro, ou seja, o sentido pleno do verbo tem essa denotação metafórica de deslocamento temporal”, como atestam os exemplos:

- (10) No domingo eu sempre *vou* para casa da minha irmã. (2ª Série Ensino Médio, escola pública)
- (11) À noite *irei* a uma típica pizzaria da região. (2ª Série do Ensino Médio, escola particular)
- (12) *Vou estudar* para me sair bem nas provas. (2ª Série Ensino Médio, escola particular)

Nos exemplos (10) e (11) percebe-se que o verbo está na sua forma plena e não como auxiliar, mas o verbo *ir* já apresenta nesta fase dois sentidos, já que a ideia de movimento está presente nas frases, assim como a de tempo futuro.

No exemplo (12), *vou* como forma gramaticalizada está indicando tempo futuro, perdendo o sentido de movimentação e deslocamento do verbo pleno. Nota-se também a intencionalidade marcada na oração (verbo modal), uma vez que há a intenção e finalidade de estudar.

Silva (2010, p. 35), informa que o sentido de deslocamento no espaço passa a coexistir com o sentido de deslocamento no tempo, a ação de ir, como verbo auxiliar, se dá no tempo, não no espaço. “O verbo *ir* nas perífrases temporais passa a ser entendido como presente (daqui onde estou) para o futuro (para lá onde estarei)”.

Menon (2003, p. 79) acrescenta que o processo de auxiliarização do verbo *ir* ocorreu, inicialmente, a partir de um deslocamento espacial simples para um deslocamento espacial com finalidade específica:

- (13) Devo *ir* a uma das praças da cidade *namorar*. (1ª Série Ensino Médio, escola particular)
- (14) *Vou* para casa *acessar* o facebook. (1ª Série Ensino Médio, escola particular)

Na etapa seguinte, deixa de ser algo na iminência de ser realizado para o provável cumprimento de algo que ainda será realizado (metáfora temporal). Como explica Silva (2010, p. 35) através do exemplo “vamos ver” (Senhora, José de Alencar, p. 9, 1850, tutor para Aurélia), o verbo *ir* ainda pode ser considerado pleno - “ir em algum lugar para ver algo” - , mas já traz consigo a ideia de auxiliarização de futuridade “vamos ver”, “veremos depois, futuramente”.

3 METODOLOGIA E AMOSTRA

3.1 A COMUNIDADE

Irará, a cidade na qual foi realizada a pesquisa, tem este nome desde o dia 08 de agosto de 1895, quando a vila foi elevada à condição de cidade através da lei estadual de 08.08.1895. O nome do município tem origem tupi e designa uma espécie de formiga de asas brancas semelhante aos cupins: é uma alteração da palavra "arará", que, por sua vez, significa nascida na luz do dia, pois estas formigas surgem ao alvorecer³.

Inicialmente, o município era governado por intendentess. O primeiro deles foi Pedro Nogueira Portela. Posteriormente, surgiu a administração dos interventores: Elpídio Nogueira foi o primeiro a assumir o cargo em Irará. Somente em 1948 a cidade passou a ser administrada por prefeitos, tendo Elísio dos Reis Santana como seu primeiro prefeito⁴.

Atualmente, Irará possui 28.000 habitantes, uma área total de 277 quilômetros quadrados e densidade demográfica de 98,87 hab./km² segundo pesquisa realizada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) em 2010. A sede fica a cerca 137 quilômetros da capital do Estado, Salvador. As principais vias de acesso à cidade são as rodovias de ligação à capital, a BA-084, via Coração de Maria, e a Feira de Santana, via Santanópolis, através da BA-504 (cf. Mapa 1, a seguir).

³ NOGUEIRA, Aristeu. **Histórico do município de Irará**. Prefeitura Municipal de Irará, 1988.

⁴ NOGUEIRA, Aristeu. **Histórico do município de Irará**. Prefeitura Municipal de Irará, 1988.

*Figura 1 – Mapa de localização – Irará no Estado da Bahia*⁵



Na regionalização do Estado da Bahia, está inserida na Região Econômica 7 de Paraguaçu e na Região Administrativa de Feira de Santana, composta por 42 municípios, que, em sua maioria, localizam-se no semi-árido baiano.

Os dados oficiais fornecidos pelo IBGE de 2010 imputam à região o perfil do semi-árido, mas os moradores da cidade não reconhecem essa característica climática, já que a palavra “sertão”, para os iraraenses, está associada à incapacidade produtiva:

O codinome “sertão” está vinculado à seca, à incapacidade produtiva da economia, ao subdesenvolvimento cultural: enfim tem a ver com atraso. Essas considerações estão presentes nos depoimentos de populares, tais como: “Irará não é sertão, pois está um pouco perto do litoral... E não é recôncavo também, mas aqui tem massapê que só dá perto do recôncavo”. (SANTOS, 2008, p. 17)

⁵ Mapa de localização disponível em:

<http://pt.wikipedia.org/wiki/Irar%C3%A1#mediaviewer/Ficheiro:Bahia_Municip_Irara.svg>. Acesso em: 02 jun. 2013.

Desta forma, os iraraenses identificam a região como uma área de transição, “uma espécie de porta para o Sertão” (SANTOS, 2008, p. 17).

A cidade é dividida em zona rural e zona urbana. Além do distrito-sede de Iará, o município também é composto pelas vilas de Bento Simões e da Caroba, e por povoados e fazendas que formam sua zona rural.

Na zona rural destacam-se as propriedades de pequeno porte, onde se desenvolve a agricultura de subsistência. Destacam-se também, a avicultura, a apicultura e a pecuária, com a criação de bovinos para o abate no mercado local. A agricultura é produzida em pequenas e médias propriedades com utilização de mão-de-obra familiar, técnicas tradicionais e rudimentares e se destina à subsistência da família. A mão-de-obra doméstica aplicada na agricultura se organiza em torno da e para a família, por uma lógica que reúne saberes e valores que asseguram a reprodução da unidade familiar. (SANTOS, 2008, p. 19)

Sendo a agricultura a principal atividade econômica da cidade, os principais produtos agrícolas produzidos são: mandioca, milho, feijão. Hoje em dia, a mandioca é o principal sustento do município. Quase toda a produção de mandioca de Iará é utilizada para a fabricação de farinha, que é vendida nas cidades circunvizinhas e no mercado municipal local. “A farinha é vista em Iará como o principal termômetro que mede a economia local: quando falta a farinha, falta tudo também. Ou seja, a economia de Iará gira em torno da produção e da venda de farinha” (SANTOS, 2008, p. 20).

Na sede, o comércio é bem diversificado, sendo encontrados supermercados, lojas de calçados e roupas, farmácias, postos de gasolina, salões de beleza, bares, entre outros. O setor industrial ainda não é tão desenvolvido, a cidade possui apenas uma fábrica de calçados, algumas madeireiras, granjas e abatedouros.

Sabemos que poucos estudos foram realizados sobre o município de Iará. Há poucas informações sobre essa comunidade, principalmente ao se falar em estudos linguísticos. Desta forma há a necessidade de desenvolver esta pesquisa para identificar as características linguísticas desta comunidade e os processos de mudanças linguísticas pelos quais os iraraenses vêm passando.

Em relação a variáveis linguísticas escritas pelos iraraenses, há apenas um único estudo, realizado por mim, intitulado: “A expressão do futuro verbal em Iará-Bahia”.

No referido trabalho, fruto de pesquisa que teve como *corpus* o jornal *A Gazeta de Irará*, foram encontrados 287 dados, 36 (13%) foram de perífrase e 251 (87%) de futuro simples. É notória a predominância do futuro simples na escrita jornalística de Irará, mas, ainda que de forma sutil (13%), o futuro perifrástico, considerado forma inovadora, já se faz presente nessa modalidade de língua.

Entendemos que a predominância do futuro simples em textos escritos jornalísticos está associada à “obrigatoriedade” de o jornalista aplicar a língua padrão em periódico de circulação social e de referência para o ensino de língua portuguesa.

Todavia o percentual de 13% de uso do futuro perifrástico encontrado nessa pesquisa aponta que a forma inovadora, praticamente implementada na língua falada, começou a adentrar a língua escrita padrão, ainda que muito timidamente.

Percebemos também esse uso inovador ao analisar a escrita escolar em Irará, uma vez que os textos escritos em sala de aula já apresentam a forma perifrástica, nos levando a crer que há uma mudança em curso futuro simples > futuro perifrástico nas produções escolares.

3.2 O CORPUS

Com o intuito de estudar e conhecer as variações do futuro verbal em Irará – Bahia, considerando a língua escrita, com base na hipótese de que a mudança implementada na fala se apresentará posteriormente na escrita, foi feita uma análise minuciosa de redações produzidas por alunos do Ensino Médio, no ano de 2013, em uma escola pública, Colégio Estadual Joaquim Inácio de Carvalho, e em outra particular, Colégio Social de Aprendizagem e Cultura. Vale salientar que tais escolas são as únicas no Município que oferecem Ensino Médio à população.

Selecionadas três turmas por escola (1ª Série do Ensino Médio, 2ª Série do Ensino Médio e 3ª Série do Ensino Médio), foram aplicadas duas redações em cada turma, as quais estimulavam que os discentes escrevessem o primeiro texto sobre um futuro próximo - “Escreva um texto contando quais os seus planos para o próximo fim de semana” - e o segundo sobre um futuro mais distante - “Escreva um texto falando do seu futuro. O que você quer ser? Conte seus planos e imagine sua vida adulta”.

Foram selecionadas vinte redações por turma, dez escritas sobre um futuro próximo e outras dez sobre um futuro mais distante. Desta forma, foram selecionadas, no total, 120 redações. Usamos como critério para seleção das redações a legibilidade do texto e a quantidade de linhas escritas (as produções deveriam ter no mínimo quinze linhas). Ao adotar este critério, sabíamos que provavelmente teríamos uma disparidade em relação ao sexo, idade e zona residencial dos informantes.

Por pertencermos a uma sociedade heterogênea, entendemos que a homogeneidade na estratificação dos fatores sociais pode ser rompida. A comunidade escolar iraraense é essencialmente heterogênea. Não há uma mesma quantidade de meninos e meninas nas salas de aula, da mesma forma que não há a mesma quantidade de alunos da zona urbana e zona rural frequentando as escolas. Além disso, os programas estatísticos, trabalhando com variáveis, corrigem e ponderam as médias dos dados, transformando percentuais em pesos relativos.

Dessa forma os dados apresentados nesta dissertação também são heterogêneos. Para haver um controle em relação à escolaridade (1^a, 2^a ou 3^a série do Ensino Médio), ao tipo de escola (particular ou pública), à faixa etária (14-16 ou 17-19 anos), ao sexo (masculino/feminino) e à zona residencial (rural/urbana) dos informantes, os discentes, antes de produzirem seus textos, preencheram um cabeçalho que solicitava tais informações.

Das vinte produções textuais realizadas na 1^a série do Ensino Médio do colégio público, sete foram feitas por alunos do sexo masculino e três por alunos do sexo feminino. Quatro destes alunos moram na zona urbana e seis na zona rural. Todos pertencem à faixa etária 14-16 anos. Em conversas com a direção escolar, percebemos que as turmas são organizadas por idade. A tendência é de que os mais novos fiquem amalgamados nas mesmas turmas. Vale salientar que só foi possível controlar duas faixas etárias (14-16 e 17-19), uma vez que analisamos séries sequenciais, o que impossibilita um intervalo maior entre uma faixa e outra.

Das produções realizadas no 1^o ano do Ensino Médio do colégio particular, foram selecionadas sete redações produzidas por alunos do sexo feminino e três produzidas por alunos do sexo masculino, na maioria moradores da zona urbana (apenas um discente reside

na zona rural). Todos os alunos também pertencem à faixa etária 14-16 anos, pois a escola também organiza as turmas por idade.

Das produções feitas pelos alunos da 2ª Série do Ensino Médio do colégio público, foram consideradas cinco feitas por mulheres e outras cinco por homens. Em relação à zona residencial, há cinco moradores da zona urbana e cinco moradores da zona rural. Coincidentemente, houve o mesmo número de informantes, entretanto, em relação à faixa etária, há oito alunos pertencentes à faixa etária 17-19 e outros dois à faixa etária 14-16. Percebemos que, mesmo a administração da escola determinando a idade como fator para organização das turmas, nem sempre é possível mantê-lo, uma vez que há alunos repetentes. Ainda segundo a direção da escola, os alunos que se matriculam no meio do ano letivo são remanejados para as turmas com menos alunos, independentemente da idade que possuem.

As redações escritas pelos alunos da 2ª Série do colégio particular foram produzidas por seis discentes do sexo feminino e quatro discentes do sexo masculino. A zona residencial preponderante foi a urbana (sete alunos moram no centro da cidade, enquanto apenas três moram na zona rural). Há alunos das duas faixas etárias nesta turma, a grande maioria (oito alunos) com idade entre 14 e 16 anos (apenas dois com idade entre 17 e 19 anos).

Das redações produzidas pelos alunos da 3ª Série do Ensino Médio do colégio público, seis foram escritas por alunos do sexo masculino e quatro por alunos do sexo feminino. Destes alunos, seis moram na zona rural e quatro na zona urbana. Encontramos alunos pertencentes às duas faixas etárias controladas, sendo cinco com idade entre 14 e 16 anos e os outros cinco com idade entre 17 e 19 anos.

As redações da 3ª Série do Ensino Médio do colégio particular foram produzidas por oito mulheres e dois homens. Todos são moradores da zona urbana da cidade. Apenas um aluno faz parte da primeira faixa etária, 14-16 anos; os demais alunos pertencem à segunda faixa etária, têm entre 17 e 19 anos. Observemos a distribuição dos informantes na tabela 3, a seguir:

Tabela 3 – Distribuição dos informantes

| | | | Escola Particular | | Escola Pública | |
|---------------------------------|------------|---|-------------------|------------|----------------|------------|
| | | | Zona urbana | Zona rural | Zona urbana | Zona rural |
| 1 ^a série (40) | 14-16 anos | H | 2 | 1 | 1 | 2 |
| | | M | 7 | - | 3 | 4 |
| | 17-19 anos | H | - | - | - | - |
| | | M | - | - | - | - |
| 2 ^a série (40) | 14-16 anos | H | 3 | - | - | - |
| | | M | 4 | 1 | - | 2 |
| | 17-19 anos | H | - | 1 | 4 | 1 |
| | | M | - | 1 | 1 | 2 |
| 3 ^a série (40) | 14-16 anos | H | 1 | - | 1 | 1 |
| | | M | - | - | 1 | 2 |
| | 17-19 anos | H | 1 | - | - | 2 |
| | | M | 8 | - | 2 | 1 |
| Total | | | 60 | | 60 | |

Sabemos que a realidade escolar das duas comunidades estudantis é diferente. Apesar de o Colégio Estadual Joaquim Inácio de Carvalho não ter problemas relacionados a indisciplina e violência estudantil, é sabido que a qualidade escolar deixa a desejar. Os professores que fazem parte do quadro escolar explanam sua indignação em ter que trabalhar em turmas tão grandes - há turmas com quarenta alunos - e com uma carga horária excessiva, uma vez que muitos professores trabalham sessenta horas para garantir um salário mais elevado. Desta forma, o trabalho em sala de aula não é feito com excelência. Controlar turmas grandes para que todos os discentes se mantenham concentrados torna-se uma tarefa difícil. O monitoramento em relação à escrita fica a desejar, quando o assunto são as regras normativas impostas pelas gramáticas.

Já o Colégio Social de Aprendizagem e Cultura não passa por tais dificuldades. As turmas são menores – máximo de vinte alunos por turma. Os professores estão mais

satisfeitos com os salários que recebem e, segundo os próprios professores, se sentem mais cobrados em relação ao aprendizado dos discentes. As aprovações em vestibulares, cursos técnicos e concursos são metas para a escola. Desta forma, os professores são mais rigorosos em suas avaliações e exigem sempre o padrão formal defendido pelas gramáticas normativas.

Vale salientar que as turmas do Colégio Social de Aprendizagem e Cultura são mais frequentadas por alunos da zona urbana, já que os discentes possuem um poder aquisitivo maior que os alunos da zona rural. As famílias que moram na sede têm melhores condições econômicas.

Sabemos que a agricultura, principal fonte de renda da comunidade, é de subsistência, ou seja, as famílias da zona rural vivem do cultivo em pequena escala. Muitas vezes, devido à seca, os produtores rurais não obtêm sucesso no cultivo do feijão, milho e mandioca e passam por dificuldades financeiras. Já as famílias dos estudantes da zona urbana, vivem do comércio ou têm emprego público, possuem uma maior estabilidade salarial e melhor condição de vida.

Coletadas as redações, procedemos aos passos seguintes da pesquisa. No primeiro momento houve a leitura, o levantamento e a coleta de dados de todas as ocorrências de futuro verbal presentes nas redações selecionadas, em quaisquer das suas variantes (futuro simples, futuro perifrástico com *ir* no presente, futuro perifrástico com *ir* no futuro, presente indicando futuro, futuro perifrástico com *ir* no presente mais gerúndio, futuro simples mais gerúndio, futuro perifrástico com *ir* no futuro mais gerúndio).

No segundo momento, os dados foram digitados, codificados e analisados de acordo com os grupos de fatores apresentados na seção seguinte.

3.3 FATORES LINGUÍSTICOS

A sociolinguística tem por objeto de estudo a variação linguística. É sabido que toda variação é motivada e controlada por fatores externos e internos. Percebemos que os fatores sociais são bastante aventados ao se analisar as mudanças na língua. Entretanto, a sociolinguística evoluiu e não pode se restringir apenas a estudos de fenômenos variáveis

relacionados a fatores sociais. Os fatores linguísticos, internos à língua, são também de grande importância, uma vez que podem estimular ou reprimir as mudanças linguísticas.

3.3.1 Extensão fonológica do verbo

Refere-se ao número de sílabas que há nos verbos em análise medido na sua forma infinitiva. A hipótese aventada é: quanto maior a extensão do verbo maior o uso da perífrase. Vale salientar que consideramos o número de sílabas do verbo no infinitivo, porque é a esta forma que será acrescentada ao verbo *ir*, na construção perifrástica.

Conforme Oliveira (2006, p. 138) e Santos (2012, p. 122), o futuro sintético é muito pouco utilizado, exceto com verbos monossilábicos. Os verbos, pois, que possuem grande extensão fonológica favorecem a perífrase verbal, já que, ao acrescentar uma sílaba às formas sintéticas de futuro, os verbos se tornariam polissilábicos e esse grande número de sílabas dificultaria a pronúncia, uma vez que os falantes da língua portuguesa estão habituados a pronunciarem palavras com extensão fonológica entre duas e três sílabas.

Tesch (2011), em sua tese de doutorado, afirma que

diversas pesquisas têm constatado a relevância do número de sílabas do verbo na influência da escolha entre as formas sintéticas e perifrásticas do verbo, demonstrando que o maior número de sílabas favorece o uso das formas perifrásticas. Esses estudos têm considerado que o falante, ao selecionar uma forma, busca facilitar o processamento da comunicação. Assim, evitaria, sempre que possível, usar grandes quantidades de massa fônica. A partir de seus resultados, Costa (1997 e 2003) pôde confirmar a hipótese de que as línguas parecem demonstrar uma tendência a evitar palavras extensas e o falante prefere distribuir o peso fonológico de um vocábulo ao usar uma perífrase. (TESCH, 2011, p. 77-78)

Exemplos:

Verbos monossilábicos:

- (15) Esta é uma questão que SERÁ resolvida no próximo fim de semana. (3ª Série do Ensino Médio, escola particular)
- (16) DAREI curso de inglês e espanhol nos turnos matutino e vespertino... (3ª Série do Ensino Médio, escola pública)

Verbos com mais de uma sílaba:

(17) Não SAIREI tanto e nem VOU ME DISTRAIR com bobagens. (3ª Série do Ensino Médio, escola pública)

(18) VOU FREQUENTAR diariamente ao Centro Espírita. (3ª Série do Ensino Médio, escola particular)

3.3.2 Pessoa verbal

Refere-se à primeira, segunda e terceira pessoas verbais. Segundo Oliveira (2006, p. 156), a hipótese associada ao grupo de fatores pessoa verbal indica que o futuro perifrástico é mais utilizado quando se emprega a primeira pessoa, já que “expressa um maior comprometimento do sujeito com a ação verbal a ser realizada”.

Santos (2012, p. 46) corrobora essa hipótese ao afirmar que a primeira pessoa do singular é a pessoa do discurso mais marcada morfologicamente e por isso favorece o uso da perífrase verbal, garantindo um maior grau de assertividade em relação ao tempo futuro. No *corpus* analisado, não houve ocorrências de P2 (segunda pessoa do singular) nem P5 (segunda pessoa do plural).

Seguem exemplos com verbos em P1 (primeira pessoa do singular), em P3 (terceira pessoa do singular), em P4 (primeira pessoa do plural) e P6 (terceira pessoa do plural), respectivamente:⁶

(19) À noite VOU FAZER as atividades escolares. (1ª Série do Ensino Médio, escola particular)

(20) A minha vida no futuro SERÁ mais feliz e também muito corrida... (2ª Série do Ensino Médio, escola pública)

⁶ Conhecemos o sistema desses pronomes, ditos pessoais, cuja função básica é indicar a noção de pessoa. Há um falante – eu, que pode associar a si uma ou mais pessoas – nós, constituindo a primeira pessoa do singular, ou P1, e a primeira pessoa do plural, ou P4. A eles se opõe um ouvinte (segunda pessoa do singular ou P2) – tu, ou mais de um ouvinte (segunda pessoa do plural ou P5) vós. Todos os seres que ficam fora do eixo falante – ouvinte, constituem a terceira pessoa do singular, ou P3, ou terceira pessoa do plural (P6) (CÂMARA JR., 1970, p. 107).

(21) Chegando à casa dela, DECIDIREMOS nosso destino... (3º Série do Ensino Médio, escola particular)

(22) Os meus pais não FICARÃO de fora... (1ª Série do Ensino Médio, escola particular)

3.3.3 Conjugação verbal

Refere-se às três conjugações verbais: primeira conjugação, segunda conjugação e terceira conjugação. Conforme Câmara Jr. (1980 [1970], p. 95), os verbos de primeira conjugação, com vogal temática *-a*, são os mais frequentes na língua portuguesa. Desta forma, o futuro perifrástico atinge primeiramente este tipo de verbo, sendo os verbos de segunda conjugação, com vogal temática *-e*, e terceira conjugação, com vogal temática *-i*, mais comumente empregados no presente.

Exemplos:

(23) VOU MORAR com minha mulher e meus dois filhos. (1ª Série do Ensino Médio, escola pública)

(24) O meu trabalho SERÁ feito da melhor maneira possível. (1ª Série do Ensino Médio, escola particular)

(25) VOU INVESTIR bastante em minha carreira de modelo... (2ª Série do Ensino Médio, escola pública)

3.3.4 Paradigma verbal

Este grupo é organizado com dois fatores: os verbos que seguem o paradigma geral (verbos regulares) e os verbos de padrão especial (verbos irregulares), considerando o critério morfológico.

Segundo Oliveira (2006, p. 116), pensando na possibilidade de o futuro perifrástico substituir o futuro simples, tal processo ocorre primeiramente com as formas regulares.

Percebe-se que a ocorrência do futuro simples é favorecida pelos verbos irregulares, “os que não seguem o padrão geral morfológico”, conforme Oliveira (2006, p. 116). Segundo Câmara Jr. (1975) tal processo pode estar relacionado à extensão vocabular, já que a maioria dos verbos irregulares em português possui uma ou duas sílabas.

Para Bybee (2003 apud OLIVEIRA, 2006, p. 117), um fator importante para o fato de os irregulares não favorecerem a perífrase verbal é a sua alta frequência na língua, resistindo a mudanças, estando sempre presentes na memória dos falantes, que os consideram únicos.

Exemplos:

(26) No próximo fim de semana, eu IREI APROVEITAR para acordar mais tarde.
(3ª Série do Ensino Médio, escola pública)

(27) A minha vida no futuro SERÁ mais feliz e também muito corrida... (3ª Série do Ensino Médio, escola particular)

3.3.5 Tipo de sujeito

Refere-se à classificação do sujeito em: desinencial, preenchido lexicalmente, pronominal, oracional, indeterminado e inexistente. Segundo Oliveira (2006, p. 70), esse grupo de fatores não exerce grande influência na variável futuro verbal. Em suas pesquisas, esse fator não foi selecionado, uma vez que os resultados encontrados sobre tipo de sujeito traziam valores percentuais muito próximos. Entretanto Oliveira (2006, p. 70) observou que o sujeito oracional foi o que mais favoreceu a perífrase verbal, enquanto o sujeito inexistente favoreceu o futuro simples, devido à impessoalidade dos verbos. No *corpus* analisado não há casos de sujeito oracional e indeterminado. Abaixo seguem alguns exemplos dos sujeitos encontrados no *corpus*.

Desinencial:

(28) ESTAREI sempre em contato com minha família. (3ª Série do Ensino Médio, escola particular)

Preenchido lexicalmente:

- (29) A minha vida no futuro VAI SER diferente... (1ª Série do Ensino Médio, escola pública)

Pronominal:

- (30) Eu VOU VER meus colegas dançarem. (1ª Série do Ensino Médio, escola pública)

Inexistente

- (31) A rotina não será fácil... mas não HAVERÁ satisfação maior para mim. (3ª Série do Ensino Médio, escola particular)

3.3.6 Animacidade do sujeito

Esta variável distribui os dados de acordo com o traço de animacidade do sujeito. Assim, foram divididos em verbos com sujeito [+ animado] e verbos com sujeito [-animado].

Lima (2001 apud OLIVEIRA, 2006) considera a animacidade do sujeito um traço muito importante para o processo de gramaticalização do verbo *ir*, explicando que o verbo se torna auxiliar de futuro através de processos metafóricos e metonímicos e que inicialmente tal processo ocorre com sujeito [+ animado].

Oliveira (2006) considera, a partir de seus estudos, que o sujeito [+ animado] confere um grau maior de certeza e de compromisso em relação à ação verbal, favorecendo assim a implementação do futuro perifrástico.

Também nas pesquisas de Santos (2012, p. 128) o sujeito [- animado] condicionou o uso da forma sintética, enquanto o sujeito [+ animado] favoreceu a perífrase. Seguem abaixo exemplos de sujeitos encontrados no *corpus*.

Sujeito animado:

- (32) No próximo final de semana, eu IREI COMEÇAR uma nova rotina de estudos... (3ª Série do Ensino Médio, escola particular)

Sujeito inanimado:

- (33) As dificuldades encontradas ao longo do caminho SERÃO apenas vestígios...
(3ª Série do Ensino Médio, escola particular)

3.3.7 Papel temático do sujeito

Este grupo identifica se o sujeito pratica a ação, sofre ou a experiencia. Oliveira (2006, p. 118) constatou a hipótese de que o sujeito agente favorece a ocorrência da perífrase verbal de futuro, devido ao maior comprometimento entre o sujeito agente e a ação verbal. O sujeito paciente inibe a perífrase, favorecendo o futuro sintético, enquanto o experienciador, sujeito que nem pratica uma ação e nem a sofre, apenas experiencia algo, permanece em situação intermediária.

Santos (2012, p. 50) legitima a hipótese defendida por Oliveira (2006). Entretanto, os fatores que compõem esse grupo são um pouco diferentes, “por conta da dificuldade de enquadramento das ocorrências em apenas três fatores”.

Exemplos:

Agente:

- (34) Durante à tarde VOU JOGAR bola... (3º Série do Ensino Médio, escola particular)

Paciente:

- (35) Meu tempo SERÁ destinado à revisão... 3ª Série do Ensino Médio, escola particular)

Experienciador:

- (36) A minha vida no futuro SERÁ mais feliz e também muito corrida... (3ª Série do Ensino Médio, escola particular)

3.3.8 Tipo de verbo

Esta variável distribui os verbos em quatro tipos: principal, modal, aspectual, passivo (*ser*). Segundo Almeida e Oliveira (2012, p. 2444), os verbos modal e auxiliar *ser* tendem a inibir a perífrase, estimulando a forma sintética de futuro, considerada padrão:

os verbos modais selecionariam o futuro simples, devido à extensão fonológica destes verbos, os quais se apresentam com uma ou duas sílabas, já que, de acordo com Oliveira (2006), quanto menor a quantidade de sílabas, maior a ocorrência de futuro simples. (ALMEIDA; OLIVEIRA, 2012, p. 2444)

Exemplos:

Principal:

- (37) O restante do dia USAREI para estudar pra o ENEM... (3ª Série do Ensino Médio, escola pública)

Modal:

- (38) Provavelmente TEREI QUE trabalhar em hospitais particulares. (3ª Série do Ensino Médio, escola particular)

Aspectual:

- (39) COMEÇAREI a estudar física, pois exige um pouco mais... (3ª Série do Ensino Médio, escola particular)

Passivo (*ser*):

- (40) Esta é uma questão que SERÁ resolvida no próximo fim de semana. (3ª Série do Ensino Médio, escola particular)

3.3.9 Estatuto sintático do verbo

Esse grupo de fatores classifica os verbos em: copulativo, intransitivo, transitivo direto, transitivo indireto, bitransitivo. Oliveira (2006, p. 68) confirma, através de sua pesquisa, que os verbos transitivos favorecem a perífrase verbal, enquanto os verbos copulativos desfavorecem a perífrase. Os verbos transitivos, “ao projetarem vários argumentos,

favoreceriam a forma perifrástica para que houvesse um maior equilíbrio na distribuição dos constituintes da oração” (OLIVEIRA, 2006, p. 68)

Exemplos:

Verbo copulativo:

- (41) A minha casa SERÁ de tamanho médio... (3ª Série do Ensino Médio, escola particular)

Verbo intransitivo:

- (42) O próximo fim de semana, eu, como em todos os dias da minha vida e desde que me conheço por estudante do ensino médio, VOU ESTUDAR. (3ª Série do Ensino Médio, escola particular)

Verbo transitivo direto:

- (43) Em meu próximo final de semana, VOU DEIXAR de lado as festas e diversões... (3ª Série do Ensino Médio, escola particular)

Verbo transitivo indireto:

- (44) OPTAREI por dar preferência às coisas importantes... (3ª Série do Ensino Médio, escola particular)

Verbo bitransitivo:

- (45) Meus pais já estarão idosos e, assim, DEDICAREI um tempo para eles. (1ª Série do Ensino Médio, escolar particular)

3.3.10 Presença/ausência de clíticos

Esse grupo de fatores está relacionado à presença ou ausência de clíticos como: *se* e *me*. Consideramos como hipótese que a presença do clítico favoreceria a perífrase verbal, pois

o falante evitaria a próclise em posição inicial de frase e, sobretudo, a mesóclise com as formas de futuro simples.

Com clítico:

- (46) No domingo pela manhã IREMOS SE REUNIR toda a família na casa de minha avó... (3ª Série do Ensino Médio, escola pública)

Sem clítico:

- (47) Os meus pais ESTARÃO orgulhosos de ver que todo o gasto e desgaste valeu a pena. (3ª Série do Ensino Médio, escola particular)

3.3.11 Natureza semântica do verbo

Esta variável é responsável pelo controle do valor semântico dos verbos, os quais foram organizados em verbos que indicam processo, evento, estado e verbos cognitivos (que expressam estado psicológico), de acordo com a classificação de Oliveira (2006, 2011).

Segundo Oliveira (2006), o verbo *ir*, por ser um verbo de movimento, exprime uma ação que envolve dois momentos, o da partida e o da chegada. Assim, levantamos a hipótese de que o futuro perifrástico se implementa pelos verbos que denotam processo.

A gramaticalização do verbo *ir* é a grande responsável por tal hipótese, já que o referido verbo em sua forma plena significa movimento no espaço, mas em sua forma perifrástica, como verbo auxiliar, ganha o sentido de movimento no tempo, implicando alterações entre dois momentos temporais. Esperamos também que, ao contrário dos verbos que indicam processo, os verbos que indicam estado favoreçam o emprego do futuro simples, como nos trabalhos de Oliveira (2006, 2011), Tesch (2011), Almeida e Oliveira (2012).

Seguem exemplos de cada um desses verbos:

Processo:

- (48) ... Durante a tarde VOU JOGAR bola até umas 18 horas... (3ª Série do Ensino Médio, escola particular)

Evento:

- (49) VOU ACORDAR mais cedo para ajudar minha mãe em casa... (3ª Série do Ensino Médio, escola particular)

Estado:

- (50) Esta é uma questão que SERÁ resolvida no próximo fim de semana. (3ª Série do Ensino Médio, escola particular)

Verbos cognitivos:

- (51) Meus pais e minha família sempre falam que vou encontrar muitas dificuldades nessa profissão, que VOU ME ARREPENDER... (3ª Série do Ensino Médio, escola particular)

3.3.12 Presença/ausência de futuridade fora do verbo

O referido grupo de fatores está relacionado à presença/ausência de algum fator temporal de futuro além do verbo, como oração temporal, advérbio de tempo, contexto discursivo, ausência de marca. Segundo Oliveira (2006, p. 188), havendo marca de futuridade fora do verbo há uma incidência maior das formas de presente.

Parece que o presente, sendo uma forma verbal não marcada, é mais utilizado quando o contexto permite que seja recuperada a informação de tempo futuro, que pode ser atualizada por uma expressão adverbial, por uma oração temporal ou mesmo por inferências do contexto discursivo. (OLIVEIRA, 2006, p. 188)

Conforme Tesch (2011), a perífrase é favorecida quando não há marcas de futuridade fora do verbo:

acreditamos que ela já esteja codificando tempo, apresentando, pois, mais noção gramatical que modal. (...) A variante *ir* no presente + verbo no infinitivo é favorecida em contexto sintático em que não há marcas temporais explícitas. Esse resultado pode confirmar a especialização dessa forma, uma vez que ela sozinha é capaz de expressar no texto o futuro. Por outro lado, parece que o presente do indicativo é mais utilizado quando o contexto permite que seja recuperada a informação de tempo futuro, que pode ser indicada por uma expressão adverbial, por uma oração ou mesmo por uma marca não contígua. (TESCH, 2011, p. 157)

Santos (2012, p. 58) corrobora essas hipóteses ao dizer, em sua pesquisa, que a presença de futuridade fora do verbo oportuniza o uso do presente do indicativo, já que, por o próprio verbo não indicar futuro, carece de outro elemento indicador de futuridade. Já a ausência de futuridade favorece o futuro perifrástico, uma vez que o verbo auxiliar, na perífrase de futuro, traz consigo a marcação temporal, sendo desnecessária a presença de outro constituinte de valor temporal.

Exemplos:

Oração temporal:

(52) Quando eu for adulto, tudo fará mais sentido, SEREI independente e reconhecida profissionalmente... 3ª Série do Ensino Médio, escola particular)

Advérbio de tempo:

(53) No domingo ESTUDAREI geometria... (3ª Série do Ensino Médio, escola particular)

Contexto discursivo:

(54) Assim que eu voltar da longa viagem DORMIREI bastante. (3ª Série Ensino Médio, escola pública)

Ausência:

... TENTAREI me dedicar mais aos estudos, ler mais e resolver algumas atividades pendentes. Não SAIREI tanto e nem VOU ME DISTRAIR com bobagens. (3ª Série do Ensino Médio, escola particular)

3.3.13 Projeção de futuridade

O grupo projeção de futuridade indica se o futuro é próximo ou distante. Nesta pesquisa, não foi necessário o fator indefinido, uma vez que as produções solicitadas já estimulavam que os discentes escrevessem o primeiro texto sobre um futuro próximo, fim de semana, e o segundo texto sobre um futuro distante, a vida adulta.

Conforme Oliveira (2006, p. 124),

quando o falante se refere a um futuro próximo ao ato de fala, ou seja, que ocorrerá em breve, espera-se que a perífrase seja preferida em detrimento da forma simples, pois, por expressar maior modalidade, reflete uma maior certeza em relação ao futuro. [...] Quanto mais próximo do falante o ponto projetado no futuro, maior o uso da perífrase; quanto mais distante do ponto temporal do ato de fala, portanto mais distante do falante, menor o uso da perífrase.

Tesch (2011) corrobora Oliveira (2006) ao afirmar que o futuro próximo favorece a perífrase verbal, enquanto o futuro distante a inibe. A autora, em sua tese de doutorado, assim como Oliveira (2006), utilizou a indicação de futuro próximo, distante e indefinido. Em seus resultados, o futuro indefinido foi o ambiente que mais favoreceu a perífrase com *ir*, em seguida, com resultados significativos, está o futuro próximo, sendo o único inibidor à perífrase o futuro distante:

Esse resultado pode indicar que a forma perifrástica já está tão bem estabelecida para indicar o tempo futuro que, mesmo em contextos em que não é possível definir em que momento futuro ocorrerá o fato, a perífrase seja a variante preferida. Assim, parece que está ocorrendo uma crescente implementação da perífrase, em alguns contextos. (TESCH, 2011, p. 156)

Exemplos:

Futuro próximo:

(55) Meu fim de semana também VAI SER um pouco triste... (1ª Série do Ensino Médio, escola pública)

Futuro distante:

- (56) Quando eu crescer, não TEREI pressa alguma para sair de casa. (2ª Série do Ensino Médio, escola particular)

3.3.14 Paralelismo sintático-discursivo

Essa variável refere-se à estrutura de orações consecutivas. Classificamos as orações em: ocorrência isolada, primeira ocorrência de uma série, ocorrência após forma idêntica e ocorrência após forma diferente. Segundo Scherre (1998), seguindo o princípio do paralelismo, há uma tendência à repetição de uma mesma variante em situações nas quais os dados apareçam em cadeia. Assim, Oliveira (2006) lança como hipótese em seus estudos que

o emprego do futuro simples levaria a uma outra forma de futuro simples subsequente e a de que o uso da perífrase desencadearia outras perífrases em sequência. A ocorrência de formas em cadeia pode acontecer no discurso do próprio locutor ou pode ocorrer que uma forma apareça depois de outra emitida pelo interlocutor, fenômeno também conhecido como “efeito gatilho”. Neste último caso, a forma presente na fala do interlocutor “engatilha” um uso que pode ou não ser repetido pelo informante. (OLIVEIRA, 2006, p. 119)

Santos (2012), assim como Oliveira (2006), comprovou em suas pesquisas que as construções com ocorrência única favorecem o futuro perifrástico, assim como aquelas que sejam a primeira de uma série e as precedidas dessa mesma forma. Entretanto, as formas precedidas por futuro simples desfavorecem a perífrase.

Tesch (2011) acredita que o fator paralelismo, quando se fala em expressão de futuro, é um dos grandes motivadores para o uso de formas linguísticas idênticas. Segundo a autora, o paralelismo é tão importante que em diversas pesquisas passou a ser visto com um princípio linguístico. Devido à sua importância, esse fator foi analisado em vários trabalhos, como Silva (1999), Gibbon (2000), Bragança (2008).

Nas redações analisadas, assim como Tesch (2011, p.73), consideramos ocorrência em cadeia aquela precedida por uma forma dentro do mesmo parágrafo.

Exemplos:

Como ocorrência isolada:

(57) Eu TEREI uma vida muito digna. (1ª Série do Ensino Médio, escola particular)

Como primeira ocorrência de uma série:

(58) VOU ESTUDAR até o meio da tarde e vou assistir TV o resto do dia. (1ª Série do Ensino Médio, escola particular)

Como ocorrência após forma idêntica:

(59) Vou estudar até o meio da tarde e VOU ASSISTIR TV o resto do dia. (1ª Série do Ensino Médio, escola particular)

Como ocorrência após forma diferente:

(60) No dia seguinte acordarei por volta das oito horas, IREI PASSAR a tarde jogando tekken com meus amigos... (1ª Série do Ensino Médio, escola particular)

3.4 FATORES SOCIAIS

Os fatores sociais, extralinguísticos, são de grande importância para os estudos sociolinguísticos. Sabemos que a sociolinguística tem como uma de suas preocupações investigar as motivações sociais de algumas mudanças, demonstrando sua distribuição na escala social, uma vez que os fatores sociais são grandes influenciadores no modo e na forma como os falantes da língua se expressam. Desta forma, investigaremos os seguintes fatores sociais: faixa etária, gênero/sexo, nível de escolaridade, tipo de escola, zona residencial.

3.4.1 Faixa etária

A faixa etária é um grupo de fatores bastante relevante para os estudos sociolinguísticos, uma vez que é através dele que são feitos estudos de mudança linguística em tempo aparente.

Oliveira (2006, p. 129) afirma que a faixa etária é “um grupo de fatores de grande importância, pois a estratificação das variantes em tempo aparente permite identificar o curso do fenômeno em estudo: se se trata de variação estável ou de mudança em curso”.

Tesch (2011, p. 171) ratifica Oliveira (2006) ao dizer que “a variável idade é de extrema importância, uma vez que pode servir como indício de certo fenômeno estar em processo de mudança ou ser apenas uma variação estável”.

A hipótese aqui aventada é a de que os mais jovens empregam mais a perífrase verbal, enquanto os mais velhos utilizam com mais frequência o futuro sintético. Essa hipótese foi confirmada em estudos anteriores, como os de Gibbon (2000) e Oliveira (2006). Ambas as pesquisadoras observaram que os jovens preferem a forma inovadora, perífrase verbal, “há um padrão linear na distribuição das variantes sintética e analítica, com esta última aumentando progressivamente à medida que diminui a faixa etária do informante” (OLIVEIRA, 2006, p. 131), indicando, portanto, uma mudança em progresso.

3.4.2 Gênero/sexo

Essa variável refere-se à influência que o gênero/sexo exerce no processo de mudança linguística. Sabemos que homens e mulheres exercem papéis sociais diferentes. Desta forma, comportamentos, atitudes e formas de falar também o serão.

Labov (2008 [1972], p. 281) afirma que “na fala monitorada, as mulheres usam menos formas estigmatizadas do que os homens e são mais sensíveis do que os homens ao padrão de prestígio”.

Paiva (2012, p. 36) ratifica:

No estudo da correlação entre gênero/sexo e mudança linguística, um aspecto a considerar é o valor social da variante inovadora. Um processo de mudança pode ser a instalação de uma forma prestigiada socialmente ou de uma forma estigmatizada, que infringe padrões linguísticos vigentes. A distinção entre esses dois tipos de mudança permite definir com maior clareza o papel da variável gênero/sexo nos processos de mudança. Quando se trata de implementar na língua uma forma socialmente prestigiada [...] as mulheres tendem a assumir a liderança da mudança. Ao contrário, quando se trata de implementar uma forma socialmente desprestigiada, as mulheres assumem uma atitude conservadora e os homens tomam a liderança do processo.

Tesch (2011, p. 177) confirma o posicionamento de Paiva (2012), lembrando-nos de uma consideração relevante feita por Labov:

em processos de variação estável, as mulheres tendem a preferir as formas ‘padrão’ de maior prestígio, evitando as formas estigmatizadas. Por outro lado, em processos de mudança linguística, as mulheres apresentam comportamento inovador, introduzindo as variantes ‘não-padrão’. Entretanto, Labov (2001) comenta que é preciso também considerar a variável gênero/sexo em interação com outras categorias sociais.

Sabemos que as formas de futuro do português não são estigmatizadas (OLIVEIRA, 2011). Podemos apenas considerar que o futuro simples é mais conservador, uma vez que está presente nas gramáticas normativas, as quais são a base para o ensino padrão da língua, enquanto o futuro perifrástico é a forma inovadora, mas aceita socialmente, ou seja, não sofre estigma. Ainda assim, adotamos a mesma hipótese de Oliveira (2006), de que as mulheres lideram o processo de implementação da perífrase.

No trabalho de Oliveira (2006) o grupo gênero/sexo foi selecionado apenas nos *corpora* de fala mais formal, mostrando-nos que a distinção homem X mulher não é relevante na fala menos formal. Já Freitag (2012, p. 291) afirma que “os homens tendem a usar a forma inovadora (perífrases e pretérito imperfeito), impulsionando a mudança, ao passo que as mulheres tendem a fazer uso da forma canônica, abonada pela gramática normativa”.

3.4.3 Escolaridade

A variável escolaridade está relacionada ao nível de escolarização dos falantes. Sabemos que há fenômenos na língua que são estigmatizados, considerados “erros” pelos gramáticos. Desta forma, os professores, seguindo os manuais escolares, estimulam o uso da forma padrão, conservadora, rotulando as formas estigmatizadas como “vícios de linguagem”. Assim, a escolaridade torna-se um fator relevante para os estudos sociolinguísticos, uma vez que o falante, a partir do seu grau de instrução, pode condicionar-se a usar as formas linguísticas de prestígio.

Segundo Santos (2012, p. 64), esta variável está diretamente associada ao valor social que as variantes possuem. Entendemos, pois, que, quanto maior o nível de escolarização, maior o uso das formas padrão, já que são estas que têm prestígio social.

Entretanto, ao se falar de futuro verbal, percebemos que não há um estigma social, ambas as formas de futuro, simples ou perifrástico, são aceitas pelos falantes, “apesar de as gramáticas normativas descreverem quase que exclusivamente a forma sintética como expressão de futuro” (SANTOS, 2012, p. 63-64).

No trabalho de Oliveira (2006), a variável escolaridade não foi considerada. Tesch (2011, p. 107) a considerou em sua pesquisa, comprovando a hipótese de que “a escola possibilita uma maior aproximação do falante em relação às formas recomendadas pela norma”. Os seus dados apontaram que os falantes com maior grau de escolaridade – ensino superior e médio – preferem a variante sintética, enquanto os falantes que só frequentaram a escola até o ensino fundamental, preferem a forma analítica.

Santos (2012, p. 138), em sua pesquisa, também considerou a variável escolaridade. Entretanto, tal variável não foi considerada relevante, uma vez que não foi selecionada pelo programa que mede as frequências e percentuais: “as variantes em análise não sofrem nenhum tipo de avaliação social negativa ou positiva, nem correção escolar; isso inibe o efeito dessa variável.”

3.4.4 Tipo de escola

Ao analisarmos o grupo de fatores tipo de escola (particular ou pública), almejamos averiguar se o fato de os falantes estudarem em redes escolares diferentes influencia no uso das formas de futuro. É perceptível que hoje, no Brasil, há um questionamento muito grande sobre o ensino das escolas públicas. O baixo salário dos professores juntamente com o excesso de carga horária (é sabido que muitos professores da rede pública ensinam sessenta horas em turmas com mais de quarenta alunos) fazem com que o docente sinta-se desestimulado e sem condições adequadas para desenvolver um bom trabalho, diferentemente das escolas particulares, em que as turmas e cargas horárias são menores, assim como os salários são maiores, permitindo, dessa forma, que o professor realize um melhor trabalho.

Essa é a realidade escolar iraraense. Muitos professores reclamam do excesso de trabalho e do número de alunos por turma. O colégio Estadual Joaquim Inácio de Carvalho, apesar de não ter grandes problemas em relação à indisciplina discente, não tem o melhor desenvolvimento educacional, as turmas são muito grandes, os alunos não se sentem estimulados a aprender e os professores não têm as melhores condições para ensinar. Desta forma é inegável que há uma diferença entre o ensino oferecido na rede pública e na rede privada da cidade de Irará.

Pensando dessa forma, a hipótese aventada é a de que os alunos da escola particular do Ensino Médio, Colégio Social de Aprendizagem e Cultura, utilizem mais o futuro simples, uma vez que é a forma mais conservadora e prescrita pelos gramáticos, e, por isso, será mais estimulada nas redes privadas.

3.4.5 Zona residencial

Ao analisarmos o grupo de fatores zona residencial, pretendemos verificar se o local de residência do falante interfere nos usos das formas de futuro. Assim como Santos (2012), acreditamos que os moradores da zona urbana, por terem uma maior mobilidade e um maior contato com redes midiáticas, devem ter um maior acesso às formas perifrásticas de futuro, enquanto os moradores da zona rural preferirão o futuro simples, forma mais conservadora.

Com esse grupo de fatores, pretende-se verificar se o local de residência do informante no município (sede ou zona rural) interfere na escolha das formas linguísticas. A hipótese é a de que os moradores da sede do município, por sua maior rede de contatos, sua maior mobilidade, seu maior contato com meios de comunicação de massa e seu maior acesso à escolarização, devem usar mais a forma perifrástica para expressar a futuridade verbal; essa variante é considerada a forma inovadora e não sofre nenhum tipo de avaliação negativa por parte de membros da comunidade. (SANTOS, 2012, p. 64)

3.5 GOLDVARB X

Após a codificação dos dados, foi usada a ferramenta GoldVarb X, um programa computacional que faz o tratamento matemático e estatístico dos dados para gerar as

frequências e os pesos relativos necessários a uma análise quantitativa (SANKOFF, TAGLIAMONTE e SMITH, 2005). O programa examina o efeito de cada fator individual e mede a influência relativa dos fatores sobre a variável estudada, testando a significância estatística dos grupos de fatores que influenciam o uso da variável dependente. O nível de significância estabelecido (0,05) possibilita a seleção das variáveis. E o cálculo de verossimilhança máxima (*log likelihood*) mede a adequação dos pesos relativos às frequências observadas. Com base nos resultados quantitativos fornecidos pelo programa, foi feita a análise qualitativa para situar o fenômeno no sistema linguístico e verificar os contextos linguísticos e sociais que condicionam o uso de cada variante.

4 ANÁLISE DOS DADOS

Neste capítulo, apresentamos os resultados quantitativos gerados pelo programa GoldVarb X e analisamos não só os grupos de fatores que condicionam as formas de futuro verbal analítico como também os fatores que desfavorecem a perífrase verbal na comunidade linguística iraraense.

4.1 A RODADA ENEÁRIA

Foram coletados 717 dados de cinco variantes: futuro simples (*farei*), futuro perifrástico com *ir* no presente + infinitivo (*vou fazer*), futuro perifrástico com *ir* no futuro + infinitivo (*irei fazer*), presente (*faço*) e futuro gerundivo (*estarei fazendo*).

A distribuição dos dados por variantes encontra-se na Tabela 4, a seguir:

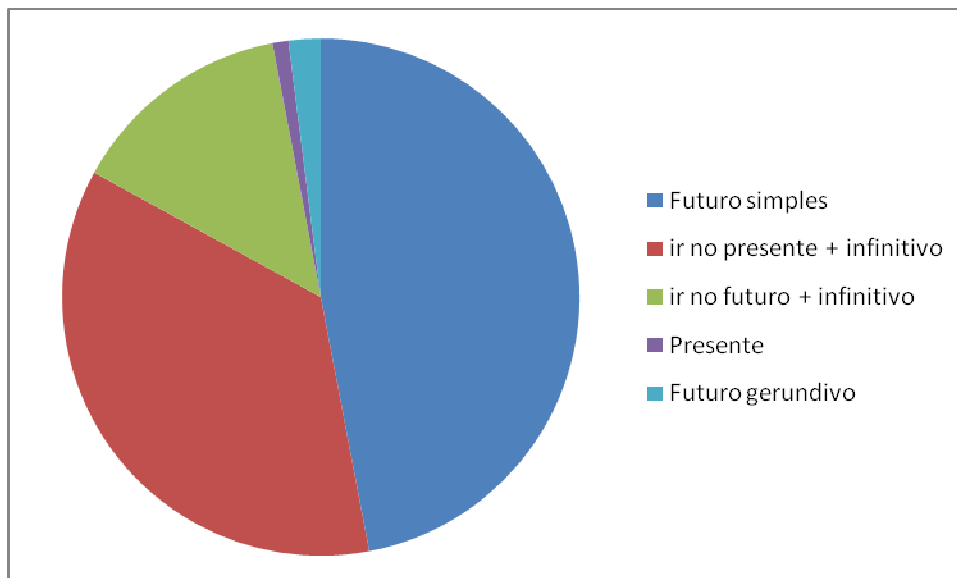
Tabela 4: Distribuição geral das variantes de futuro verbal

| Dados | Futuro simples | <i>Ir</i> no presente + infinitivo | <i>Ir</i> no futuro + infinitivo | Presente | Futuro gerundivo | Total |
|-------------|----------------|------------------------------------|----------------------------------|----------|------------------|-------|
| Ocorrências | 342 | 264 | 104 | 2 | 5 | 717 |
| Percentual | 47% | 36% | 14% | 1% | 2% | 100% |

Essa distribuição geral revela que, na escrita escolar, o futuro simples ainda é o mais usado (47%), seguindo a norma prescrita e ensinada nas aulas de português. As perífrases formadas pelo verbo *ir* + infinitivo ocupam o segundo lugar (36% com o verbo *ir* no presente e 14% com o verbo *ir* no futuro). O presente do indicativo com valor de futuro, forma não marcada morfologicamente, foi usado em 1% dos dados. Oliveira (2006, p. 175) constata em sua tese que só a partir do século XX o uso do presente com valor de futuro tornou-se mais significativo. Entretanto, segundo as evidências, trata-se de uma variante que não concorre propriamente com o futuro perifrástico, mas sim com a forma de futuro simples. “Do ponto de

vista da mudança, parece que essa variante não faz parte do ‘tabuleiro de xadrez’” (OLIVEIRA, 2006, p. 175). No outro extremo, com 2% dados, documentamos o futuro gerundivo, forma altamente estigmatizada e, inclusive, alvo de críticas na mídia.

Gráfico 01: Distribuição geral das ocorrências de futuro verbal



Como só houve 2 ocorrências de presente e 5 de futuro gerundivo, esses dados foram retirados da rodada final. Seguem, abaixo, os dados de presente e de futuro gerundivo, respectivamente:

Presente:

(61) ... se nós formos campeões vamos fazer uma viagem para o jorro e VOLTAMOS no mesmo dia (1º Série do Ensino Médio, escola pública)

(62) ... chegando lá ASSISTIMOS ao Domingo do Faustão... (1ª Série do Ensino Médio, escola particular)

Futuro gerundivo:

- (63) ... provavelmente ESTAREI TRABALHANDO como vendedor ou em uma empresa de eletrônico. (2º Série do Ensino Médio, escola particular)
- (64) A minha família ESTARÁ VIVENDO como sempre... (2º Série do Ensino Médio, escola particular)
- (65) No domingo pela manhã ESTAREI DORMINDO... (2º Série do Ensino Médio, escola particular)
- (66) ...ainda ESTAREI MORANDO com minha avó. (2º Série do Ensino Médio, escola pública)
- (67) ... o tempo que restará do meu dia ESTAREI NECESSITANDO somente de um bom banho. (3º Série do Ensino Médio, escola particular)

Pela semelhança estrutural e também pela baixa ocorrência, as formas perifrásticas com *ir* + infinitivo foram computadas conjuntamente (*ir* no presente e *ir* no futuro + infinitivo).

É importante ratificar que tivemos pouquíssimos dados de presente, por isso foram retirados. Vale salientar ainda que o interesse maior neste trabalho está em analisar a implementação da forma perifrástica em concorrência com o futuro simples na língua escrita.

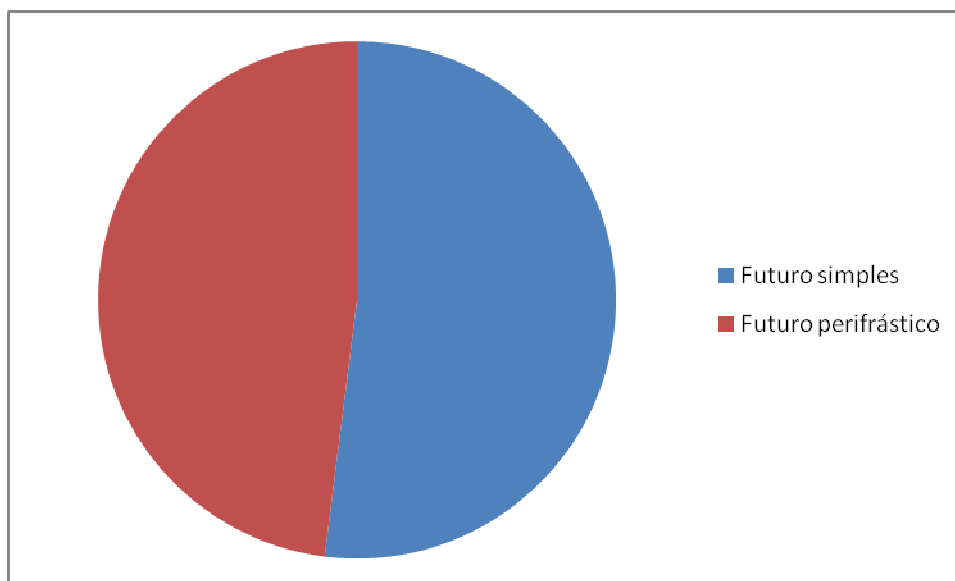
4.2 A RODADA BINÁRIA

Excluídos, pois, os dados de presente com valor de futuro e de futuro gerundivo e amalgamados os dados de futuro perifrástico, a distribuição binária passou a ser a apresentada na Tabela 5, abaixo:

Tabela 5: Redistribuição das variantes de futuro verbal

| Dados | Futuro simples | Futuro perifrástico | Total |
|-------------|----------------|---------------------|-------|
| Ocorrências | 368 | 342 | 710 |
| Percentual | 52% | 48% | 100% |

Dos 710 dados, 342 (48%) foram de perífrase e 368 (52%) de futuro simples. Os dados apresentam uma forte concorrência entre o futuro simples e futuro perifrástico na escrita escolar de Irará, já que os valores percentuais estão divididos quase igualmente. A diferença é quase insignificante, mostrando-nos que o futuro perifrástico, considerado forma inovadora, já se faz muito presente nessa modalidade de língua (48%).

Gráfico 02: Redistribuição das variantes de futuro verbal

Procedendo então à rodada dos pesos relativos, os resultados das variáveis selecionadas como estatisticamente relevantes e também das não selecionadas (estas apenas com os resultados percentuais) estão expostos nas seções seguintes.

4.3 GRUPOS DE FATORES SELECIONADOS

De todos os grupos controlados neste estudo, nove foram selecionados pelo GoldVarb X como relevantes para a implementação da perífrase, nesta ordem: tipo de escola, paradigma verbal, zona residencial, estatuto sintático do verbo, conjugação verbal, papel temático do sujeito, natureza semântica do verbo, tipo de sujeito, tipo de verbo. O *input* inicial de aplicação da regra de futuro perifrástico foi 0,52, o input final foi 0,53, o nível de significância foi 0,009 e o *log likelihood* foi - 491,658. Nas seções seguintes, são apresentados e discutidos os resultados para as variáveis selecionadas.

4.3.1 Tipo de escola

A variável social tipo de escola foi selecionada como fator preponderante à mudança. A hipótese aventada para esse grupo de fatores foi comprovada, já que os alunos de escolas públicas utilizam mais a forma analítica de futuro, com peso relativo .74. Já na escrita da escola particular, a perífrase foi pouco encontrada, com peso relativo .30.

Nossos resultados estão apresentados na Tabela 6, a seguir:

Tabela 6: Aplicação da perífrase e tipo de escola

| Fatores | Total de ocorrências | Percentuais | Pesos relativos |
|-------------------|-----------------------------|--------------------|------------------------|
| Escola particular | 139/391 | 35% | .30 |
| Escola pública | 229/319 | 71% | .74 |

Os alunos da instituição privada utilizam, portanto, mais a forma sintética, forma mais conservadora. Acreditamos que a escola particular monitore mais a escrita dos alunos e, mesmo que a perífrase não seja estigmatizada, não é ela a que é prescrita pelos gramáticos e pelos manuais escolares.

Sabemos que a realidade escolar das duas comunidades estudantis é diferente. Apesar de o Colégio Estadual Joaquim Inácio de Carvalho não ter problemas relacionados a

indisciplina e violência estudantil, é sabido que a qualidade escolar deixa a desejar. Os professores que fazem parte do quadro escolar explanam sua indignação em ter que trabalhar em turmas tão grandes e com uma carga horária excessiva. Controlar turmas grandes para que todos os discentes se mantenham concentrados e manter-se disposto diante de uma carga horária exaustiva de trabalho é uma tarefa bastante difícil para os professores que trabalham em instituições públicas

Já o Colégio Social de Aprendizagem e Cultura não passa por tais dificuldades. As turmas são menores – máximo de vinte alunos por turma. Os professores estão mais satisfeitos com os salários que recebem e, segundo os próprios professores, se sentem mais cobrados em relação ao aprendizado dos discentes. As aprovações em vestibulares, cursos técnicos e concursos são metas para a escola. Desta forma, os professores são mais rigorosos em suas avaliações e exigem sempre o padrão formal defendido pelas gramáticas normativas.

4.3.2 Paradigma verbal

Os resultados encontrados para a variável paradigma verbal confirmam a hipótese proposta. Percebemos que os verbos regulares (como, por exemplo, *amar, beber, partir*) favorecem a perífrase, com peso relativo .61, enquanto os irregulares (como, por exemplo, *dar, ser, vir*) a inibem, com peso relativo .37, como podemos observar na Tabela 7:

Tabela 7: Aplicação de perífrase e paradigma verbal

| Fatores | Total de ocorrências | Percentuais | Peso relativo |
|----------------|-----------------------------|--------------------|----------------------|
| Regular | 214/365 | 58% | .61 |
| Irregular | 154/345 | 44% | .37 |

Sabemos que os verbos irregulares fogem ao padrão geral morfológico, a maioria destes verbos possui uma ou duas sílabas, o que favorece o futuro simples. Ainda podemos destacar a sua alta frequência na língua, estando sempre presentes na memória dos falantes, o que desfavorece a mudança, já que são únicos, pois têm um padrão especial.

Bragança (2008), em sua pesquisa, também considerou a variável paradigma verbal como relevante para a implementação da perífrase verbal na fala/escrita dos capixabas. Para as entrevistas analisadas, este grupo de fatores foi preponderante, uma vez que os falantes utilizaram mais as formas analíticas de futuro com verbos regulares, peso relativo .65, enquanto os irregulares têm peso relativo .34, inibindo a perífrase.

Santos (2012), ao analisar o *corpus* formado por inquéritos do Acervo de Fala Vernacular do Português Rural do Estado da Bahia, mais especificamente o vernáculo da cidade de Santo Antônio de Jesus, confirmou a hipótese defendida no presente trabalho. Mostrou-nos, através dos pesos relativos, que verbos regulares favorecem a perífrase, com peso relativo .68, enquanto os verbos irregulares inibem a mudança com peso relativo .25, uma vez que são mais utilizados com o futuro simples.

4.3.3 Zona residencial

A hipótese para a zona residencial era a de que os moradores da zona urbana, por terem uma maior mobilidade e um maior contato com redes midiáticas, deveriam ter um maior acesso às formas perifrásticas de futuro, enquanto os moradores da zona rural utilizariam mais o futuro simples, forma mais conservadora.

A hipótese aventada foi comprovada, os moradores da zona urbana estimulam uso da perífrase, peso relativo .55, enquanto os moradores da zona rural inibem o futuro perifrástico, peso relativo .39. Contudo, vale ressaltar que há uma má distribuição dos dados, o que causa uma incongruência entre os valores dos pesos relativos e percentuais. Percebemos que a quantidade de informantes da zona urbana influenciou na frequência dos dados, uma vez que os percentuais indicam um maior uso da perífrase na zona rural, 61%. Todavia sabemos o quão importante são os resultados gerados pelo GoldVarb X, o programa corrige e pondera as médias dos dados, garantindo-nos uma maior confiabilidade nos resultados gerados.

Santos (2012) constata em sua pesquisa uma neutralização dessa variável, já que os percentuais são muito próximos entre si: moradores da zona rural com 81,9% de uso da perífrase e moradores da zona urbana com 81,8% de uso dessa variante. Desta forma, na

comunidade de Santo Antônio de Jesus, morar na zona rural ou urbana não exerce influência na seleção das variantes verbais, diferentemente da cidade de Irará.

Tabela 8: Aplicação da perífrase e zona residencial

| Fatores | Total de ocorrências | Percentuais | Peso relativo |
|----------------|-----------------------------|--------------------|----------------------|
| Urbana | 227/481 | 47% | .55 |
| Rural | 141/229 | 61% | .39 |

4.3.4 Estatuto sintático do verbo

Este grupo de fatores distribui os dados em verbos copulativos, transitivos e intransitivos.

Pela baixa ocorrência de verbos bitransitivos, apenas dois dados, e devido à proximidade sintático-semântica dos verbos transitivos indiretos com os verbos transitivos diretos, eles foram amalgamados na rodada final no fator ‘verbos transitivos’.

Seguem exemplos desses três tipos de verbo:

Verbo intransitivo:

- (68) VOU ACORDAR mais cedo para ajudar minha mãe em casa... (3ª Série do Ensino Médio, escola particular)

Verbo transitivo:

- (69) VOU CUMPRIR minhas obrigações e me acomodar por mais tempo. (3ª Série do Ensino Médio, escola particular)

Verbo copulativo:

- (70) O meu trabalho SERÁ, neste instante, proporcionar a eles conforto e descanso. (3ª Série do Ensino Médio, escola particular)

A hipótese aventada para este grupo de fatores não foi comprovada, uma vez que acreditávamos que os verbos transitivos, por projetarem vários argumentos, favoreceriam a perífrase verbal para que houvesse um maior equilíbrio na distribuição dos constituintes da oração, mas não foi isso que ocorreu. Os verbos intransitivos, com peso relativo .61, são os que favorecem a perífrase, como vemos na Tabela 9:

Tabela 9: Aplicação da perífrase e estatuto sintático do verbo

| Fatores | Total de ocorrências | Percentuais | Pesos relativos |
|----------------------|-----------------------------|--------------------|------------------------|
| Verbos intransitivos | 118/178 | 66% | .61 |
| Verbos transitivos | 183/377 | 42% | .41 |
| Verbos copulativos | 67/155 | 26% | .54 |

Estes resultados vão de encontro aos apresentados por Oliveira (2006) e Santos (2012). Em ambas as pesquisas, os verbos transitivos favoreceram a perífrase, o que não é comprovado em nossa pesquisa. Oliveira (2006) e Santos (2012) ainda comprovam através de seus trabalhos que os verbos copulativos são os que desfavorecem a perífrase, todavia nossos dados revelam que os verbos copulativos encontram-se próximos a um estágio intermediário com peso relativo .54, ou seja, os verbos copulativos pouco inibem ou estimulam uso da variante perifrástica de futuro.

Santos (2012) confirma, a partir dos seus dados, que os verbos transitivos favorecem a perífrase com peso relativo de .73. Ainda comprova que os verbos copulativos isoladamente desfavorecem o futuro perifrástico, com o peso relativo de .58, enquanto os verbos intransitivos, com peso relativo de .28, desfavorecem o uso da forma perifrástica, favorecendo o futuro simples.

Entretanto, no trabalho de Almeida e Oliveira (2012), encontramos peso relativo para os verbos intransitivos semelhante ao da nossa pesquisa. As autoras mostram que os verbos intransitivos favorecem a perífrase com peso relativo .78 e trazem como justificativa o fato de esse tipo de verbo estar associado ao traço de agentividade do sujeito. Sabemos que a grande maioria dos verbos intransitivos apresenta sujeito agente, enquanto os verbos copulativos

apresentam, em sua grande maioria, sujeito paciente, o que justifica também o fato de os verbos copulativos desfavorecerem a perífrase.

Vale salientar, entretanto, que não houve amalgamação dos verbos transitivo direto, transitivo indireto e bitransitivos nos trabalhos de Oliveira (2006) e Santos (2012). O fato dos autores citados não amalgamar os seus dados pode ter influenciado para que seus resultados fossem diferentes dos aqui apresentados.

4.3.5 Conjugação verbal

Acreditávamos que neste grupo de fatores os verbos de primeira conjugação, com vogal temática *-a*, favoreceriam a perífrase por serem verbos mais frequentes na língua portuguesa.

A análise dos dados comprova tal hipótese, já que nos mostra que os verbos de 1ª conjugação favoreceram a perífrase com peso relativo .70, enquanto os de 2ª conjugação desfavorecem a perífrase com peso relativo .38, assim como os verbos de 3ª conjugação com peso relativo .37. Vale ratificar que os verbos de 3ª conjugação normalmente favorecem o presente. Abaixo, seguem os resultados para todas as conjugações:

Tabela 10: Aplicação da perífrase e conjugação verbal

| Fatores | Total de ocorrências | Percentuais | Peso relativo |
|----------------|-----------------------------|--------------------|----------------------|
| 1ª conjugação | 190/354 | 53% | .70 |
| 2ª conjugação | 132/260 | 50% | .38 |
| 3ª conjugação | 46/96 | 47% | .37 |

A variável conjugação verbal foi considerada relevante para implementação da perífrase por Tesch (2011, p. 134) no jornal A Gazeta em 1970, contudo os resultados encontrados em sua pesquisa não comprovaram a hipótese formulada. Embora os verbos de 1ª conjugação não tenham desfavorecido a forma analítica de futuro, peso relativo .68, a forma

perifrástica foi mais recorrente nos verbos de 3º conjugação com peso reativo .76. Os verbos de 2º conjugação, como se previa, desfavoreceram a perífrase com peso relativo .33.

Para melhor entender o porquê os verbos de 3ª conjugação favoreceram a perífrase, Tesch (2011, p. 135) achou pertinente analisá-los mais detalhadamente e pode perceber que “a extensão lexical desses verbos pode ter influenciado esse resultado, pois sessenta por cento dos dados foram ao lado de verbos trissílabos e quarenta por cento de verbos dissílabos.”

4.3.6 Papel temático do sujeito

A hipótese para este grupo de fatores era a de que o sujeito agente favoreceria o futuro perifrástico, o sujeito paciente inibiria a perífrase e o sujeito experienciador se manteria em situação intermediária. O traço de agentividade é muito importante no processo de gramaticalização da forma perifrástica de futuro, pois o verbo *ir*, em seu sentido pleno, seleciona um sujeito [+ agente].

Seguem exemplos de sujeito agente e de sujeito experienciador:

Sujeito agente:

- (71) Quando chegar em casa, TOMAREI banho... (3ª Série do Ensino Médio, escola particular)

Sujeito experienciador:

- (72) O meu trabalho provavelmente SERÁ na área de arquitetura... (3ª Série do Ensino Médio, escola particular)

Encontramos apenas 8 ocorrências em que o sujeito é paciente, todas favorecendo o futuro simples como ocorrência categórica (*KnockOut*). Assim, foram retiradas da rodada final. Seguem esses dados abaixo:

- (73) Independente do curso que irei escolher e do local que a universidade se LOCALIZARÁ desejo mudar de cidade... (2ª Série do Ensino Médio, escola pública)

- (74) A minha casa SERÁ bem frequentada pelos meus amigos. (2ª Série do Ensino Médio, escola pública)
- (75) A minha vida no futuro SERÁ bem Planejada. (2ª Série do Ensino Médio, escola particular)
- (76) O aniversário SERÁ comemorado no restaurante... (2ª Série do Ensino Médio, escola particular)
- (77) Esta é uma questão que SERÁ resolvida no próximo fim de semana. (3ª Série do Ensino Médio, escola particular)
- (78) A decisão que SERÁ tomada é muito importante para meu futuro. (3ª Série do Ensino Médio, escola particular)
- (79) Meu tempo SERÁ destinado à revisão... (3ª Série do Ensino Médio, escola pública)
- (80) Lidarei com pacientes cuja saúde SERÁ bastante debilitada. (3ª Série do Ensino Médio, escola pública)

Vale salientar que no *corpus* analisado há 8 ocorrências de oração sem sujeito, todas favorecendo o futuro simples como ocorrência categórica. Tais dados também foram retiradas da rodada final, veremos detalhadamente mais adiante ao analisarmos o grupo de fatores tipo de sujeito.

Observamos, a partir dos dados analisados, que o futuro perifrástico realmente é favorecido pelo sujeito agente com peso relativo .54, uma vez que há um maior comprometimento entre o sujeito agente e a ação verbal. O sujeito experienciador desfavorece a perífrase com peso relativo .36, como ilustrado na Tabela 11, a seguir:

Tabela 11: Aplicação da perífrase e papel temático do sujeito

| Fatores | Total de ocorrências | Percentuais | Peso relativo |
|------------------------|-----------------------------|--------------------|----------------------|
| Sujeito agente | 312/558 | 55% | .54 |
| Sujeito experienciador | 56/136 | 41% | .36 |

Os resultados encontrados por Oliveira (2006), em sua tese de doutorado, comprovam, através dos resultados das EFs nos 70, a hipótese de que o sujeito agente favorece o uso perífrase com peso relativo .60. Os seus dados mostram-nos ainda que o sujeito paciente desfavorece a perífrase com peso relativo bastante baixo .26, enquanto o sujeito experienciador é visto pela autora em posição intermediária, já que, embora não favoreça a perífrase, tem um peso relativo intermediário .39.

A hipótese levantada é confirmada também por Almeida e Oliveira (2012), registradas em seu artigo “A expressão variável do futuro verbal na escrita padrão de Feira de Santana – BA: uma análise sociolinguística”, as quais mostram que o sujeito agente favorece o uso da perífrase com peso relativo .64, já que haveria um maior comprometimento em relação ao futuro e um maior grau de certeza da realização da ação num tempo posterior ao momento da fala, pois ele é quem realizaria essa ação (OLIVEIRA, 2006, p. 117). As autoras expõem ainda que o sujeito paciente desfavorece a perífrase com peso relativo .32 e o sujeito experienciador se coloca em posição intermediária, com peso relativo .49.

4.3.7 Natureza semântica do verbo

A hipótese aventada para natureza semântica do verbo foi totalmente comprovada, uma vez que acreditávamos que os verbos que indicam processo e evento favoreceriam a perífrase, enquanto os verbos que indicam estado e os cognitivos a desfavoreceriam.

Seguem exemplos desses tipos de verbo:

Verbo de processo:

- (81) No domingo ESTUDAREI biologia, matemática e física. (3ª Série do Ensino Médio, escola particular)

Verbo de evento:

- (82) Assim que eu voltar da longa viagem, DORMIREI bastante. (3ª Série do Ensino Médio, escola particular)

Verbo cognitivo:

- (83) Ai eu LEMBRAREI também que agora eu sou adulta... (3ª Série do Ensino Médio, escola particular)

Verbo estativo:

- (84) A minha casa SERÁ uma maravilha para viver. (3ª Série do Ensino Médio, escola particular)

Os resultados estão apresentados na Tabela 12:

Tabela 12: Aplicação da perífrase e natureza semântica do verbo

| Fatores | Total de Ocorrências | Percentuais | Peso relativo |
|----------------|-----------------------------|--------------------|----------------------|
| Processo | 226/399 | 56% | .57 |
| Evento | 36/67 | 53% | .56 |
| Estado | 102/231 | 44% | .38 |
| Cognição | 4/13 | 30% | .20 |

Os verbos que indicam processo são os favorecedores para a perífrase, com peso relativo .57. Seguidos pelos verbos que indicam evento, com peso relativo .56. Os verbos estativos desfavorecem a variante inovadora, apresentam o peso relativo .38, assim como os cognitivos, que inibem a forma perifrástica com peso relativo bastante baixo .20.

Os dados analisados por Oliveira (2006), na década de 90, contrariaram a hipótese de que os verbos que indicam processo favoreceriam a perífrase. Em seus dados, percebemos que a perífrase foi favorecida pelos verbos que indicam cognição, com peso relativo .98, e por verbos que indicam evento, com peso relativo .76.

Oliveira (2006) acredita que são muito poucos dados ainda para explicações mais conclusivas, entretanto, assim como observado pela autora, podemos notar que tanto os verbos que indicam evento como os verbos cognitivos implicam um sujeito humano, fator fundamental no processo de gramaticalização da forma perifrástica *ir* + infinitivo, o qual pode ter influenciado nos resultados encontrados na sua pesquisa.

Já Figueredo e Oliveira (2013) confirmam a hipótese aqui levantada, registrada em seu artigo intitulado “A expressão do futuro verbal em Irará-BA”. As autoras mostram que os verbos que indicam processo favorecem a perífrase com *pelo* relativo .80, enquanto os verbos que indicam estado inibem a perífrase com *peso* relativo bastante baixo .26. Em seus dados não há presença de verbos de evento e cognição.

4.3.8 Tipo de sujeito

O grupo de fatores tipo de sujeito foi considerado assumindo-se como hipótese que o sujeito lexical favoreceria o uso do futuro perifrástico, enquanto os sujeitos inexistentes, ou seja, os verbos impessoais, favoreceriam o futuro sintético.

Seguem exemplos dos tipos de sujeito encontrados:

Sujeito pronominal:

- (85) No próximo fim de semana, eu certamente UTILIZAREI para trabalhar... (3ª Série do Ensino Médio, escola particular)

Sujeito desinencial:

- (86) VOU TENTAR ser sempre humilde... (3ª Série do Ensino Médio, escola particular)

Sujeito lexical:

- (87) No entanto, as dificuldades encontradas ao longo do caminho SERÃO apenas vestígios... (3ª Série do Ensino Médio, escola particular)

Houve apenas oito ocorrências de oração sem sujeito no *corpus* analisado, todas com futuro simples, esses dados foram retirados da rodada do programa GoldVarb X. Seguem os dados:

- (88) ...HAVERÁ um teste de biologia. ((1ª Série do Ensino Médio, escola particular)
- (89) ...além das aulas de rotina, HAVERÁ prova no dia seguinte. (1ª Série do Ensino Médio, escola particular)
- (90) ...HAVERÁ aula de biologia as 08:10... (1ª Série do Ensino Médio, escola particular)
- (91) No domingo pela manhã HAVERÁ encontro do grupo de juventude espírita... (2ª Série do Ensino Médio, escola particular)
- (92) ...Como em todos os aniversários, HAVERÁ o parabéns pra você... (2ª Série do Ensino Médio, escola particular)
- (93) ... eu irei ao colégio, pois HAVERÁ aula (2ª Série do Ensino Médio, escola particular)
- (94) ... pois no dia seguinte HAVERÁ atividade (2ª Série do Ensino Médio, escola particular)
- (95) ...mas não HAVERÁ satisfação maior, para mim, do que saber que me desgastarei tanto por uma causa nobre. (3ª Série do Ensino Médio, escola particular)

Nos dados analisados, não há a presença de sujeitos oracionais e indeterminados. Há a presença de sujeitos lexicais com peso relativo .66, confirmando nossa hipótese de que os sujeitos lexicais favoreceriam a perífrase. O sujeito pronominal, com peso relativo .49 está

muito próximo do ponto neutro, não favorece nem inibe a perífrase, enquanto os sujeito desinencial, peso relativo .45, não favorece a perífrase, como podemos observar na Tabela 13:

Tabela 13: Aplicação da perífrase e tipo de sujeito

| Fatores | Total de ocorrências | Percentuais | Peso relativo |
|---------------------|-----------------------------|--------------------|----------------------|
| Sujeito pronominal | 44/73 | 60% | .49 |
| Sujeito desinencial | 251/495 | 50% | .45 |
| Sujeito lexical | 72/134 | 53% | .66 |

4.3.9 Tipo de verbo

Nessa variável, os dados foram distribuídos em verbo principal, verbo modal, verbo aspectual e verbo auxiliar (verbo *ser* em construções passivas), conforme os exemplos a seguir:

Verbo principal:

- (96) VOU ESTUDAR, fazer as atividades do colégio... (3ª Série do Ensino Médio, escola particular)

Verbo modal:

- (97) Não vai ser todas as vezes que VOU PODER dizer sim... (3ª Série do Ensino Médio, escola particular)

Verbo aspectual:

- (98) COMEÇAREI a estudar física, pois exige um pouco mais... (3ª Série do Ensino Médio, escola particular)

Verbo auxiliar (passivo):

- (99) A minha casa SERÁ construída por um bom engenheiro. (1ª Série do Ensino Médio, escola pública)

O grupo de fatores tipo de verbo foi considerado assumindo-se como hipótese que os verbos modais, aspectuais e auxiliares (passivos) – por conterem o traço de modalidade, também presente na forma analítica – desfavoreceriam a perífrase verbal, que seria favorecida pelos verbos principais.

A hipótese não foi confirmada completamente, uma vez que os verbos principais, que deveriam favorecer a forma analítica de futuro, estão próximos do ponto neutro, com peso relativo .52. Já os verbos modais que deveriam desfavorecer a perífrase, obtiveram o peso relativo mais alto, .62. Entretanto, confirmamos a hipótese, parcialmente, ao encontrarmos pesos relativos baixos, .22, para dados de perífrase com verbos auxiliares. Vale ressaltar que talvez o desvio da hipótese aventada se deva a má distribuição dos dados nesse grupo de fatores. Notamos ainda que as perífrases apresentadas através dos verbos modais ocorrem com o mesmo verbo, como vemos nos exemplos abaixo:

- (100) Ao nascer do sol, VOU PODER levantar para por velas no altar. (1ª Série do Ensino Médio, escola particular)
- (101) Infelizmente não VOU PODER demorar. (1ª Série do Ensino Médio, escola particular)
- (102) Nem todas as pessoas da minha família VÃO PODER ir. (1º Série do Ensino Médio, escola particular)
- (103) Não VOU PODER curtir muito, pois vou dançar... (1ª Série do Ensino Médio, escola pública)
- (104) VOU PODER viajar. (3ª Série do Ensino Médio, escola pública)
- (105) Não vai ser todas as vezes que VOU PODER dizer sim... (3ª Série do Ensino Médio, escola particular)

Percebemos que o verbo poder tem comportamento semelhante em todas as sentenças, ou seja, favorece a perífrase. Abaixo, seguem os resultados para todos os tipos de verbo.

Tabela 14: Aplicação da perífrase e tipo de verbo

| Fatores | Total de ocorrências | Percentuais | Peso relativo |
|------------------|-----------------------------|--------------------|----------------------|
| Principal | 348/643 | 54% | .52 |
| Modal | 6/12 | 50% | .62 |
| Aspectual | 1/4 | 25% | .44 |
| Auxiliar passivo | 13/51 | 25% | .22 |

A variável tipo de verbo também foi considerada relevante no trabalho de Almeida e Oliveira (2012, p. 2444). As autoras acreditavam que os verbos principais deveriam favorecer a perífrase, enquanto os modais selecionariam o futuro simples, devido à extensão fonológica destes verbos, os quais se apresentam com uma ou duas sílabas, já que quanto menor a quantidade de sílabas, maior a ocorrência de futuro simples.

Contudo os pesos relativos revelaram que os verbos aspectuais são os favorecedores da perífrase com peso relativo .86, seguido, estranhamente, do verbo auxiliar passivo com peso relativo .71.

Assim como no presente trabalho, houve poucos dados de verbos modal, aspectual e auxiliar. Desta forma, as autoras acreditam, assim como nós, que a quantidade de dados é muito pequena para que se possa tirar conclusões satisfatórias em relação à implementação da perífrase.

4.4 GRUPOS DE FATORES NÃO-SELECIONADOS

Segue a análise dos grupos de fatores que não foram selecionados pelo GoldVarb X. Apesar de não serem considerados relevantes pelo programa, analisá-los nos faz entender melhor quais são os fatores que estimulam o uso de uma variante em detrimento de outra. Os grupos são: extensão fonológica do verbo, pessoa verbal, animacidade do sujeito, presença/ausência de clítico, presença/ausência de futuridade fora do verbo, projeção de futuridade, paralelismo sintático-discursivo, faixa etária, sexo/gênero, escolaridade.

4.4.1 Extensão fonológica do verbo

A hipótese aventada para este grupo foi a de que os verbos com maior número de sílabas favoreceriam a perífrase, enquanto os monossilábicos favoreceriam o futuro simples. É importante ratificar que consideramos o número de sílabas do verbo no infinitivo, já que é a esta forma que será acrescentada ao verbo *ir*, na construção perifrástica.

No *corpus* analisado, houve a presença de verbos monossilábicos, dissilábicos, trissilábicos e polissilábicos. Os verbos com uma única sílaba, como havíamos imaginado, inibiram a perífrase – das 210 ocorrências, 122 foram de futuro simples e apenas 88 de futuro perifrástico. Os verbos com três sílabas foram os que mais favoreceram a forma analítica de futuro – das 209 ocorrências, 124 foram de futuro perifrástico, 59% dos dados analisados, como podemos observar na Tabela 15, a seguir:

Tabela 15: Uso da perífrase e extensão fonológica do verbo

| Fatores | Total de ocorrências | Percentuais |
|---------------------------|----------------------|-------------|
| Verbos com uma sílaba | 88/210 | 41% |
| Verbos com duas sílabas | 142/256 | 55% |
| Verbos com três sílabas | 124/209 | 59% |
| Verbos com quatro sílabas | 14/35 | 40% |

Cumpramos observar que os resultados para verbos com quatro sílabas causam um pouco de estranheza, pois os verbos polissilábicos, por serem mais extensos, deveriam ser mais usados com o futuro perifrástico. Talvez esse resultado seja reflexo da baixa quantidade de dados presente nos *corpus* – das 35 ocorrências, 14 fora de futuro perifrástico, 40% dos dados analisados.

4.4.2 Pessoa verbal

A hipótese para este grupo de fatores era que a primeira pessoa verbal, por ser mais marcada e a que expressa um maior comprometimento do sujeito com a ação verbal a ser realizada, favoreceria a perífrase. No *corpus* analisado, não houve ocorrências de P2 (segunda pessoa do singular) nem de P5 (segunda pessoa do plural).

Seguem exemplos das pessoas verbais encontradas no *corpus* analisado:

P1 - 1ª pessoa do singular:

(106) ...eu IREI para Salvador na sexta-feira para a casa do meu primo, onde vai ser o aniversário. (3ª Série do Ensino Médio, escola pública)

P3 - 3ª pessoa do singular:

(107) ...a decoração da festa VAI SER toda do E.C Bahia por causa do meu fanatismo... (3ª Série do Ensino Médio, escola pública)

P4 - 1ª pessoa do plural:

(108) A pedido da Let depois IREMOS AJUDAR ela a escolher um presente... (3ª Série do Ensino Médio, escola pública)

P6 - 3ª pessoa do plural:

(109) Meus pais ESTARÃO sempre comigo... (3ª Série do Ensino Médio, escola particular)

Nossa hipótese foi parcialmente comprovada, uma vez que os dados nos revelaram que P4 (primeira pessoa do plural) favorece a forma analítica de futuro: das 39 ocorrências, 24 foram de futuro perifrástico, 61% dos dados analisados. Já P1 (primeira pessoa do singular) não favoreceu nem inibiu a perífrase: das 480 ocorrências, 247 foram de perífrase, 51% dos dados. Abaixo, seguem os resultados para todas as pessoas:

Tabela 16: Uso da perífrase e pessoa verbal

| Fatores | Total de ocorrências | Percentuais |
|----------------------------|-----------------------------|--------------------|
| P1 – 1ª pessoa do singular | 247/480 | 51% |
| P3 – 3ª pessoa do singular | 83/163 | 50% |
| P4 – 1ª pessoa do plural | 24/39 | 61% |
| P6 – 3ª pessoa do plural | 14/28 | 50% |

4.4.3 Animacidade do sujeito

A hipótese para este grupo de fatores era a de que o sujeito [+ animado] deveria favorecer a perífrase verbal, uma vez que confere um maior grau de certeza e de compromisso em relação à ação verbal. Já o sujeito [- animado] desfavoreceria a forma perifrástica.

Seguem exemplos dos fatores controlados:

Sujeito [+ animado]:

(110) No próximo fim de semana, eu **VOU CONTINUAR** fazendo as mesmas coisas de sempre. (3ª Série do Ensino Médio, escola particular)

Sujeito [- animado]:

(111) A minha vida no futuro **VAI DEPENDER** das minhas decisões... (3ª Série do Ensino Médio, escola particular)

Diferentemente dos trabalhos de Oliveira (2006) e Santos (2012), este grupo de fatores não foi selecionado. Mesmo os valores percentuais sendo muito próximos, a forma perifrástica é mais usada com sujeito [+ animado] (52% dos dados) do que com sujeito [- animado] (51%), como podemos observar na Tabela 17, abaixo:

Tabela 17: Uso da perífrase e animacidade do sujeito

| Fatores | Total de ocorrências | Percentuais |
|----------------|-----------------------------|--------------------|
| [+ animado] | 297/564 | 52% |
| [- animado] | 71/138 | 51% |

4.4.4 Presença/ausência de clíticos

Analisamos a presença/ausência de clíticos, apesar de esse grupo de fatores não ter sido selecionado como relevante em pesquisas anteriores, consideramos importante controlá-lo. Seguem exemplos dos fatores controlados:

Presença de clítico:

(112) No próximo fim de semana, eu TENTAREI ME dedicar mais aos estudos. (3ª Série do Ensino Médio, escola particular)

Ausência de clítico:

(113) Nos próximos anos BUSCAREI ingressar no curso superior... (3ª Série do Ensino Médio, escola pública)

Consideramos como hipótese que a presença do clítico favoreceria a perífrase verbal, pois o falante evitaria a próclise em posição inicial de frase e, sobretudo, a mesóclise com as formas de futuro simples. Usando a perífrase, os brasileiros manteriam a próclise, seu uso vernacular, pois o clítico, vindo entre o verbo auxiliar *ir* e o infinitivo, seria proclítico, prosodicamente, ao verbo principal.

Essa hipótese se confirma nos resultados, pois os valores percentuais de uso de perífrase foram de 60% na presença de clíticos e de 51% em sua ausência, como vemos na Tabela 18, abaixo:

Tabela 18: Uso da perífrase e presença/ausência de clíticos

| Fatores | Total de ocorrências | Percentuais |
|----------------------|-----------------------------|--------------------|
| Presença de clíticos | 24/40 | 60% |
| Ausência de clíticos | 344/670 | 51% |

4.4.5 Presença/ausência de futuridade fora do verbo

Acreditávamos que a presença de marca de futuridade fora do verbo (oração temporal, advérbio de tempo ou contexto discursivo) favoreceria a perífrase, visto que o verbo auxiliar, na perífrase de futuro, estando no presente, não traz consigo a marcação temporal, sendo necessária a presença de outro constituinte de valor temporal. Já o futuro simples, por ser marcado temporalmente, seria mais utilizado na ausência de qualquer outra marca de futuridade.

Seguem exemplos dos fatores controlados nessa variável:

Presença de oração temporal:

- (114) ... vejo os meus familiares falando que quando eu crescer TEREI um grande futuro... (3ª Série do Ensino Médio, escola particular)

Presença de advérbio (ou locução) de tempo:

- (115) Para o domingo, ainda não tenho planos específicos, no entanto creio que IREI MANTER, como de costume, aproveitando para fazer as atividades... (3ª Série do Ensino Médio, escola particular)

Futuridade no contexto discursivo:

- (116) Vou passar no vestibular da Universidade Federal da Bahia e passar cinco anos estudando Direito, FAREI pós-graduação e mestrado (3ª Série do Ensino Médio, escola particular)

Ausência de futuridade fora do verbo:

(117) ... creio que todos os meus sonhos IRÃO SE REALIZAR. (3ª Série do Ensino Médio, escola pública)

Percebemos, na tabela abaixo, que os valores percentuais ratificam, de certa forma, a hipótese aventada, pois o maior percentual de uso da forma perifrástica ocorre com a presença de um advérbio de tempo (53%). Entretanto o percentual de 50% de perífrase com a ausência de marca de futuridade fora do verbo aponta para neutralidade do uso do futuro simples nesse contexto.

É importante salientar que o próprio contexto do texto já é no futuro. Os discentes produziram dois textos, o primeiro em que expunham os seus planos para o próximo fim de semana e o segundo sobre o que fariam em um futuro mais distante, quando crescessem. Desta forma, o contexto textual por si já é cheio de marcas de futuro associadas a advérbios de tempo e verbos no futuro.

Tabela 19: Uso da perífrase e presença/ausência de futuridade fora do verbo

| Fatores | Total de ocorrências | Percentuais |
|---------------------|-----------------------------|--------------------|
| Oração temporal | 12/26 | 46% |
| Advérbio de tempo | 150/278 | 53% |
| Contexto discursivo | 2/4 | 50% |
| Ausência | 204/402 | 50% |

4.4.6 Projeção de futuridade

Esta variável, apesar de não ter sido selecionada pelo programa GoldVarb X, comprova a hipótese aventada, já que os dados nos revelam que a perífrase é mais usada com o futuro próximo (52% dos dados) do que em contexto de futuro distante (49%), como vemos na Tabela 20, abaixo:

Tabela 20: Uso da perífrase e projeção de futuridade

| Fatores | Total de ocorrências | Percentuais |
|-----------------|-----------------------------|--------------------|
| Futuro próximo | 232/442 | 52% |
| Futuro distante | 136/268 | 49% |

Consideramos dados de futuro próximo os colhidos em redações sobre o próximo final de semana e como dados de futuro distante os colhidos em redações sobre a vida dos alunos em sua fase adulta.

Oliveira (2006), em sua tese de doutorado, comprova através dos resultados dos DIDs nos anos 70 que o futuro próximo favorece a perífrase, tendo como peso relativo .91, enquanto o futuro distante desfavorece, tendo peso relativo .28. A hipótese também se confirma para fala mais formal, em que 90% dos dados em forma analítica indicam um futuro próximo ao ponto de fala.

4.4.7 Paralelismo sintático-discursivo

A hipótese para a variável paralelismo sintático-discursivo era a de que as construções com ocorrência única (isolada) desfavoreceriam a forma analítica de futuro, assim como aquelas que aparecessem em cadeia (sobretudo as precedidas de perífrase) favoreceriam o futuro perifrástico.

Seguem exemplos dos fatores controlados:

Ocorrência única (isolada):

(118) Assim ESTAREI, constantemente, em contato com meus pais... (3ª Série do Ensino Médio, escola particular)

1ª ocorrência de uma série:

(119) Como eu não costumo sair, tenho quase certeza que VOU FICAR em casa, então vou ler um pouco... (3ª Série do Ensino Médio, escola particular)

Após forma idêntica:

- (120) Como eu não costumo sair, tenho quase certeza que vou ficar em casa, então
VOU LER um pouco... (3ª Série do Ensino Médio, escola particular)

Após forma diferente:

- (121) ... depois arrumarei meu quarto, logo após, IREI ME BANHAR. (3ª Série do
Ensino Médio, escola particular)

Os dados percentuais, expostos na Tabela 21, abaixo, mostram-nos que as primeiras ocorrências de uma série são as que mais favorecem a perífrase verbal com 58% dos dados, seguido das ocorrências isoladas, 47%. Percebemos que os valores percentuais para 1ª ocorrência de uma série não indicam mais uso da perífrase, diferentemente dos resultados encontrados por Oliveira (2006) e por Tesch (2011).

Tabela 21: Uso da perífrase e paralelismo sintático-discursivo

| Fatores | Total de ocorrências | Percentuais |
|----------------------------|-----------------------------|--------------------|
| Ocorrência isolada | 217/368 | 47% |
| 1ª ocorrência de uma série | 57/119 | 58% |
| Depois de forma idêntica | 71/172 | 41% |
| Depois de forma diferente | 23/51 | 45% |

Muito provavelmente, esses resultados são fruto da má distribuição dos nossos dados, concentrados em ocorrência isolada, aquela que não era precedida por outra forma dentro do mesmo parágrafo.

Tesch (2011) tem o grupo de fatores paralelismo sintático-discursivo como o primeiro grupo selecionado pelo programa GoldVarb X. Os resultados encontrados em seu trabalho evidenciam que as ocorrências isoladas e as primeiras de uma série são as que mais favorecem o uso da forma perifrástica, (.70) e (.69), respectivamente.

4.4.8 Faixa etária

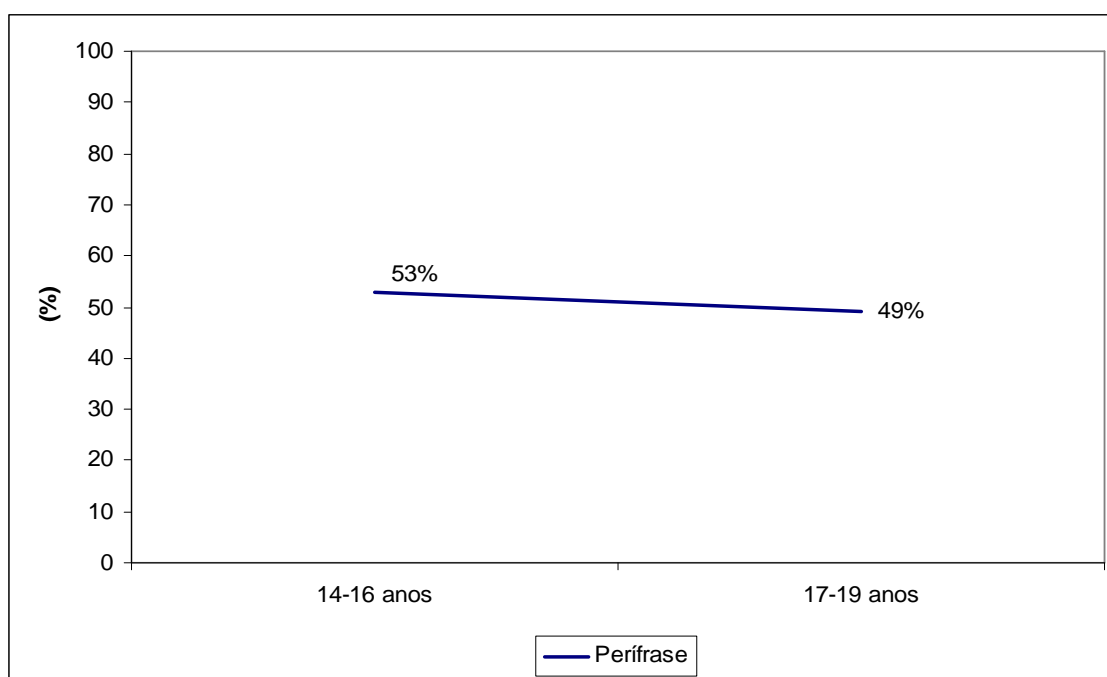
A faixa etária, importante variável social, foi selecionada como um dos grupos de fatores que favorece a perífrase verbal. Confirma-se a hipótese aventada, a de que os mais jovens empregam mais a perífrase verbal, enquanto os mais velhos utilizam mais o futuro sintético.

Tabela 22: Uso da perífrase e faixa etária

| Fatores | Total de ocorrências | Percentuais |
|---------|----------------------|-------------|
| 14 a 16 | 234/439 | 53% |
| 17 a 19 | 134/271 | 49% |

Percebemos que quanto mais jovem o aluno maior a utilização da forma analítica na escrita escolar - 53% dos alunos usam a perífrase nas produções, enquanto a faixa etária mais velha, de 17 a 19 anos, utiliza menos perífrase na escrita de textos escolares – 49%, como podemos observar no Gráfico 3, a seguir:

Gráfico 03: Uso da perífrase e faixa etária



Apesar de as faixas etárias aplicadas na pesquisa serem muito próximas, o que dificulta a relação entre o resultado desta pesquisa a trabalhos anteriores (GIBBON, 2000; OLIVEIRA, 2006; TESCH, 2011), é valido apresentá-los.

Gibbon (2000) ratifica a importância da variável faixa etária. Em sua pesquisa, controlou três faixa etárias, que foram rodadas separadamente, mas, por apresentarem comportamento estatístico parecido, os fatores jovens (14-24) anos e meia idade (25-49 anos) foram amalgamados. Os resultados obtidos comprovam que os mais jovens favorecem a perífrase com peso relativo .57, enquanto os mais velhos inibem a perífrase com peso relativo .40.

Oliveira (2006), em sua pesquisa, confirma a importância da variável faixa etária e comprova a hipótese de que os jovens empregam o futuro perifrástico, enquanto os mais velhos revelam um maior índice de futuro simples. A autora analisou textos orais e textos escritos da década de 70 e da década de 90.

Para os anos 70, há dois tipos de textos orais, elocuições formais (EFs) e diálogos entre informante e documentador (DIDs), que pertencem ao *corpus* do Projeto NURC. Os primeiros representam uma fala mais monitorada (aulas universitárias e palestras); os últimos representam uma fala menos monitorada, (o informante conversa com o pesquisador). Ilustram, portanto, modos de interação diferentes. Assim, as EFs são consideradas textos mais formais e os DIDs são considerados textos mais informais, embora não possam ser considerados efetivamente representativos do vernáculo. Para os anos 90, só há um tipo de texto oral, os DIDs. (OLIVEIRA, 2006 p. 106-107)

“Trata-se de um grupo de fatores de grande importância, pois a estratificação das variantes em tempo aparente permite identificar o curso do fenômeno em estudo: se se trata de variação estável ou de mudança em curso” (OLIVEIRA, 2006, p. 129). Esta variável foi selecionada na análise dos dois estilos de fala, tendo sido a perífrase favorecida inclusive nos textos orais de elocuições formais (EFs):

Os resultados obtidos revelam que, nas EFs, os pesos relativos sinalizam uma configuração de mudança em progresso, pois os mais jovens têm o maior peso relativo (.64), os mais velhos inibem a perífrase (.37) e os falantes da faixa intermediária se mantêm neutros (.51). (OLIVEIRA, 2006, p. 130)

Tesch (2011), no *corpus* PortVix, modalidade oral da língua, distribuiu os dados em quatro faixas etárias: 07 a 14 anos, 15 a 25 anos, 26 a 49 anos e 50 anos em diante. Essa variável não foi selecionada, mas, ainda assim, os resultados percentuais nos mostram que a hipótese proposta é verdadeira:

Embora as diferenças percentuais sejam bastante sutis nas quatro faixas etárias analisadas, percebe-se que os resultados condizem com nossa hipótese, uma vez que informantes mais jovens utilizam com maior frequência a forma perifrástica e, à medida que aumenta a idade, diminui essa frequência, passando de 87.4% na faixa etária de 07 a 14 anos a 75.4% nos informantes com 50 anos ou mais. (TESCH, 2011, p. 172)

4.4.9 Sexo/gênero

A hipótese adotada para este grupo de fatores era a de que as mulheres liderassem a implementação da perífrase, uma vez que as formas analíticas de futuro não são estigmatizadas. Observamos, entretanto, que esta variável não é relevante para a escolha das variantes verbais, uma vez que os dados nos mostram que os homens fazem mais uso da perífrase, 60% dos dados, do que as mulheres, 48% dos dados, como apresentado na Tabela 23, abaixo:

Tabela 23: Uso da perífrase e sexo/gênero

| Fatores | Total de ocorrências | Percentuais |
|----------------|-----------------------------|--------------------|
| Masculino | 130/216 | 60% |
| Feminino | 238/494 | 48% |

Tesch (2011) sugere, a partir da análise dos seus dados, que o fenômeno da variação verbal não esteja mais relacionado à avaliação social, já que homens e mulheres utilizam praticamente com a mesma frequência a forma perifrástica (inovadora).

Em sua pesquisa, a diferença entre o uso da perífrase entre homens e mulheres não chega a 3%, ou seja, os valores percentuais não se distinguem ao compararmos o comportamento de homens e mulheres em relação à escolha da variante de futuro verbal.

Em nossa pesquisa, percebemos também que, ainda que haja uma diferença percentual no uso da perífrase entre homens e mulheres, ambos os sexos utilizam bastante a perífrase. Desta forma, entendemos que homens e mulheres avaliam positivamente o futuro perifrástico.

4.4.10 Escolaridade

A hipótese aventada para este grupo de fatores era que quanto maior o nível de escolarização, maior o uso das formas padrão, uma vez que são estas que possuem o maior prestígio social.

A partir de conversas com os docentes e análises dos planos de curso dos colégios Social de Aprendizagem e Cultura e Estadual Joaquim Inácio de Carvalho, observamos que as formas verbais são apresentadas aos alunos de forma mais complexa na 2ª série do Ensino Médio. Acreditava-se, pois, que as produções textuais produzidas por alunos da 2ª série desfavoreceriam a perífrase, uma vez que os discentes seriam mais monitorados para escrever a forma padrão imposta pelas gramáticas – o futuro simples.

Supúnhamos que este grupo de fator seria selecionado como relevante pelo programa computacional GoldVarb X e que a análise individual das turmas seria necessária, entretanto os valores percentuais nos mostraram que esse grupo de fator não é preponderante para a implementação da perífrase nas turmas de Ensino Médio.

Nossa hipótese não foi confirmada, a série que mais desfavorece a perífrase é a 3ª série do Ensino Médio, 44% dos dados. A 1ª série do Ensino Médio e 2ª série do Ensino médio têm os percentuais iguais – 55% dos dados. O que nos faz acreditar que as séries não influenciam no uso da perífrase verbal, isso se deve, provavelmente, ao fato desta variante não sofrer estigma social, ambas as formas de futuro, perifrástico ou simples, são benquistas pelos discentes.

É importante esclarecer que, apesar das formas verbais serem apresentadas aos discentes da 2ª série do Ensino Médio de forma mais complexa, os alunos que cursam a 3ª série do

Ensino Médio estão se preparando para as provas de vestibular e ENEM. Tais provas exigem um monitoramento maior da escrita, já que elas serão corrigidas seguindo o padrão formal da língua imposto pelas gramáticas normativas, o que justifica o baixo valor percentual de uso das perífrases por alunos concluintes do Ensino Médio, como observamos na Tabela 24, abaixo:

Tabela 24: Uso da perífrase e escolaridade

| Fatores | Total de ocorrências | Percentuais |
|----------------|-----------------------------|--------------------|
| 1º Série | 152/273 | 55% |
| 2ª Série | 112/202 | 55% |
| 3ª Série | 104/235 | 44% |

4.5 CRUZAMENTO ENTRE GRUPO DE FATORES SOCIAIS

Por ser comum haver interação entre variáveis, consideramos importante cruzar alguns grupos de fatores sociais para se verificar uma possível interação entre eles. Os resultados seguem abaixo:

4.5.1 Faixa etária x escolaridade

Esse novo grupo de fatores não foi selecionado pelo programa GoldVarb X, logo não é um grupo considerado relevante para a implementação da perífrase. Observamos que não houve nenhuma alteração dos grupos de fatores selecionados. O input inicial de aplicação da regra de futuro perifrástico permaneceu o mesmo – 0,52, assim como o input final – 0,53.

Todavia, podemos perceber pelos valores percentuais que os alunos da 2ª série do Ensino Médio com a faixa etária de 17 – 19 anos são os que mais usam a perífrase verbal - 77%, seguido pelos discentes da 3ª série do Ensino Médio com a faixa etária de 14 – 16 anos

– 72% dos dados. Os estudantes da 3ª série do Ensino Médio com 17 – 19 anos são os que mais desfavorecem a perífrase, apenas 38% dos alunos. Nos dados analisados, não há a presença de discentes da faixa etária de 17 - 19 anos na 1ª série do Ensino Médio.

Tabela 25: Uso da perífrase e escolaridade x faixa etária

| Fatores | Total de ocorrências | Percentuais |
|-------------------------------------|-----------------------------|--------------------|
| Alunos na 1ª série com 14 – 16 anos | 152/273 | 55% |
| Alunos na 2ª série com 14 – 16 anos | 51/123 | 41% |
| Alunos na 3ª série com 14 – 16 anos | 31/43 | 72% |
| Alunos na 2ª série com 17 – 19 anos | 61/79 | 77% |
| Alunos na 3ª série com 17 – 19 anos | 73/192 | 38% |

Constatamos que os alunos da 2ª série do Ensino Médio, pertencentes à faixa etária 17-19 anos, usam consideravelmente a perífrase em suas produções textuais. O fato de os professores trabalharem as formas verbais mais intensamente nessa série não inibiu o uso da perífrase. Entretanto, apesar de as faixas etárias serem muito próximas, achávamos que os alunos mais novos seriam os favorecedores da perífrase, mas, nessa série, são os mais velhos que utilizam mais a forma analítica de futuro. Isso se deve, provavelmente, a má distribuição dos dados.

Vale ressaltar, contudo, que os alunos da 3ª série do Ensino Médio, pertencentes à faixa etária de 17 – 19 anos são os que mais desfavorecem a forma analítica de futuro, assim como nos resultados anteriores em que escolaridade e faixa etária foram analisados individualmente.

4.5.2 Faixa etária x gênero/sexo

O cruzamento entre faixa etária e gênero/sexo não foi relevante para a implementação da perífrase. Observamos que não houve nenhuma alteração dos grupos de fatores

selecionados. O input inicial de aplicação da regra de futuro perifrástico permaneceu o mesmo – 0,52, assim como o input final – 0,53.

Os homens com 17 - 19 anos favoreceram a perífrase em 65% dos dados. Os homens mais jovens, faixa etária 14 - 16 anos, também favorecem a perífrase em 56% dos dados. As mulheres mais velhas, faixa etária 17-19, são as que desfavorecem a perífrase em 41%, como podemos observa na Tabela 26:

Tabela 26: Uso da perífrase e faixa etária x gênero/sexo

| Fatores | Total de ocorrências | Percentuais |
|---------------------------|-----------------------------|--------------------|
| Mulheres com 14 – 16 anos | 162/311 | 52% |
| Homens com 14 – 16 anos | 72/128 | 56% |
| Mulheres com 17- 19 anos | 76/183 | 41% |
| Homens com 17 – 19 anos | 58/88 | 65% |

4.5.3 Gênero/sexo x escolaridade

Esse grupo de fatores também não foi selecionado pelo programa GoldVarb X, não houve nenhuma alteração dos grupos de fatores selecionados. O input inicial de aplicação da regra de futuro perifrástico permaneceu o mesmo – 0,52, assim como o input final – 0,53.

Esse cruzamento nos mostrou que os homens na 2ª série do Ensino Médio são os que mais utilizam a perífrase – 72% dos dados, assim como nos dados analisados anteriormente, os homens favoreceram a perífrase verbal. A 3ª série do Ensino Médio continua desfavorecendo a forma analítica de futuro. Observamos que nessa série são as mulheres que menos usam a perífrase – 40% dos dados, como observamos na Tabela 27:

Tabela 27: Uso da perífrase e sexo/gênero x escolaridade

| Fatores | Total de ocorrências | Percentuais |
|-----------------------------|-----------------------------|--------------------|
| Mulheres na 1ª série do E.M | 113/200 | 56% |
| Mulheres na 2ª série do E.M | 55/123 | 44% |
| Mulheres na 3ª série do E.M | 70/171 | 40% |
| Homens na 1ª série do E.M | 39/73 | 53% |
| Homens na 2ª série do E.M | 57/79 | 72% |
| Homens na 3ª série do E.M | 34/64 | 53% |

4.5.4 Gênero/sexo x zona residencial

Esse grupo de fatores foi selecionado pelo programa GoldVarb X. O input inicial de aplicação da regra de futuro perifrástico permaneceu o mesmo – 0,52, assim como o input final – 0,53, o nível de significância, entretanto, mudou foi 0,049 e o *log likelihood* foi – 393,917.

Esse novo grupo foi selecionado como o segundo mais importante para a implementação de perífrase. Os pesos relativos nos revelam que os homens da zona urbana são os que mais utilizam a perífrase verbal nas produções textuais – peso relativo .67, já os homens da zona rural, como supúnhamos, são mais conservadores, inibem a forma analítica de futuro com peso relativo .34.

Observamos que na escrita escolar a perífrase verbal não chega a ser totalmente desfavorecida. Mesmo os professores monitorando a escrita das produções, incentivando o uso da forma sintética de futuro, considerada a padrão, os discentes utilizam consideravelmente a forma perifrástica. Os pesos relativos para o uso da perífrase entre homens e mulheres são próximos. A perífrase só é realmente desfavorecida pelos homens da zona rural, que além de serem mais conservadores, como já havia dito, tem uma menor mobilidade e menos contato com redes midiáticas, o que desfavorece o acesso as formas perifrásticas. Devemos salientar também que há uma má distribuição dos informantes, o que influencia para que tenhamos valores percentuais diferentes dos pesos relativos.

Tabela 28: Aplicação da perífrase e gênero/sexo x zona residencial

| Fatores | Total de ocorrências | Percentuais | Peso relativo |
|-----------------------|-----------------------------|--------------------|----------------------|
| Mulher da zona urbana | 139/344 | 40% | .45 |
| Mulher da zona rural | 99/150 | 66% | .43 |
| Homem da zona urbana | 88/137 | 64% | .67 |
| Homem da zona rural | 42/79 | 53% | .34 |

CONCLUSÕES

Propusemo-nos, ao escrever esta dissertação, analisar a variação entre as formas de expressão de futuro em redações escolares de escolas públicas e privadas, nas turmas de primeira e segunda e terceira séries do Ensino Médio na cidade de Irará-BA. As variantes encontradas no *corpus* analisado foram o futuro simples, o futuro perifrástico com *ir* no presente + infinitivo, o futuro perifrástico com *ir* no futuro + infinitivo, o presente do indicativo e o futuro gerundivo.

Dos 719 dados presentes na rodada geral, 342 foram de futuro simples e 368 de perífrase. Por haver apenas 2 dados de presente e 7 dados de futuro gerundivo, eles foram retirados da rodada final. Podemos rever tais dados na tabela abaixo, a qual retoma os resultados explicitados na rodada geral.

Tabela 29: Síntese da rodada geral das variantes de futuro verbal

| Dados | Futuro simples | <i>ir</i> no presente + infinitivo | <i>ir</i> no futuro + infinitivo | Presente | Futuro gerundivo | Total |
|--------------|-----------------------|---|---|-----------------|-------------------------|--------------|
| Ocorrências | 342 | 264 | 104 | 2 | 7 | 719 |
| Percentual | 47% | 36% | 14% | 1% | 2% | 100% |

Os resultados encontrados na rodada binária (futuro simples ~ futuro perifrástico), a partir do controle de vários grupos de fatores linguísticos e sociolinguísticos, revelam que a variante inovadora (o futuro perifrástico), que ocorre mais costumeiramente na língua falada, também se faz presente na língua escrita escolar.

Ainda que o futuro simples seja predominante, ficou evidente, através dos dados apresentados, que há um processo de mudança em curso no sentido de a forma de futuro simples, mais usada em textos escritos por falantes ditos “cultos”, ser substituída pela forma perifrástica, comumente encontrada na fala, que sofre menos pressões normativas, como

podemos rever na tabela abaixo, que resume os dados, em termos de percentuais, encontrados para as variantes de futuro simples e perifrástico nas produções escolares na cidade de Irará.

Tabela 30: Síntese da rodada binária das variantes de futuro verbal

| Dados | Futuro simples | Futuro perifrástico | Total |
|--------------|-----------------------|----------------------------|--------------|
| Ocorrências | 368 | 342 | 710 |
| Percentual | 52% | 48% | 100% |

Entendemos que a predominância do futuro simples em redações escolares está associada à “obrigatoriedade” de o discente aplicar a língua padrão, considerando que esta é principal referência para o ensino de língua portuguesa.

Todavia o percentual de 48% de uso do futuro perifrástico encontrado nos resultados finais desta pesquisa aponta que a forma inovadora, praticamente implementada na língua falada, começa a adentrar a língua escrita escolar.

Percebemos que a implementação do futuro perifrástico ocorre de forma lenta, mas progressiva, e que seu contexto de entrada, nos grupos considerados relevantes para o programa GoldVarb X, é o que envolve:

- tipo de escola – primeira selecionada pelo GoldVarb X, essa variável nos revelou que os alunos de escola privada, nas produções textuais, utilizam menos perífrase do que os de escola pública, comprovando nossa hipótese, uma vez que acreditamos que as escolas particulares monitoram mais a escrita dos discentes.
- paradigma verbal – segunda selecionada pelo GoldVarb X, essa variável também confirmou nossa hipótese. Os verbos regulares favorecem a perífrase, enquanto os irregulares, que possuem uma ou duas sílabas, em geral, inibem a regra de aplicação da perífrase.
- zona residencial – terceira selecionada pelo GoldVarb X, essa variável também confirmou a hipótese aventada. Os moradores da zona urbana, por terem uma maior mobilidade e mais acesso às redes midiáticas,

onde a forma inovadora já se faz presente e não é discriminada, favorecem a perífrase nas produções escolares.

- estatuto sintático do verbo – quarto grupo selecionado pelo programa GoldVarb X, essa variável não comprovou nossa hipótese, já que acreditávamos que os verbos transitivos favoreceriam a perífrase, entretanto foram os verbos intransitivos os que favoreceram a perífrase. Assim como Almeida e Oliveira (2012), acreditamos que isso se deva ao fato de os verbos intransitivos estarem associados ao traço de agentividade do sujeito.

- conjugação verbal – quinto grupo considerado relevante pelo programa GoldVarb X, essa variável confirmou a nossa hipótese, uma vez que os verbos de 1ª conjugação, os mais frequentes na língua, favorecem a perífrase verbal, diferentemente dos verbos de 2ª e 3ª conjugações, os quais inibem a perífrase.

- papel temático do sujeito – sexto grupo selecionado pelo GoldVarb X, nessa variável houve apenas oito ocorrências em que o sujeito era paciente, todas com o futuro sintético (*knockout*), o que conduziu à sua retirada da rodada final. O sujeito agente favoreceu a perífrase verbal, comprovando a hipótese aventada, assim como o sujeito experienciador inibiu a perífrase.

- natureza semântica do verbo – sétimo grupo considerado importante pelo GoldVarb X, confirmamos nossa hipótese para essa variável, já que os verbos que indicam evento e processo favoreceram a perífrase verbal, enquanto os verbos que indicam estado e os cognitivos a inibiram, como supúnhamos.

- tipo de sujeito – oitavo grupo selecionado pelo programa GoldVarb X, comprovamos também nossa hipótese para essa variável, pois o sujeito lexical favoreceu a perífrase. Os sujeitos pronominal e desinencial apresentaram pesos relativos próximos ao ponto neutro, ou seja, não inibiram e nem favoreceram a perífrase. As oitos ocorrências de sujeito inexistente foram retiradas da rodada final, pois todas favoreciam o futuro simples, com

ocorrência categórica (*knockout*). Vale ressaltar ainda que nos dados analisados não houve a presença de sujeitos oracionais nem indeterminados.

- tipo de verbo – nono grupo selecionado pelo GoldVarb X, essa variável comprovou parcialmente a hipótese aventada, já que os verbos principais, que deveriam favorecer a forma analítica de futuro, apresentaram pesos relativos muito próximos do ponto neutro e os verbos modais, que deveriam inibir a perífrase, foram os que mais a favoreceram. Confirmamos a hipótese apenas em relação aos verbos auxiliares, uma vez que estes apresentaram pesos relativos baixos para dados de perífrase, como supúnhamos.

Em relação ao processo de gramaticalização de *ir* + infinitivo, observamos que há uma extensão semântica de movimento no espaço para movimento no tempo. Notamos que o *ir* como verbo auxiliar deixou de ser pleno, abandonando sua acepção concreta e livre, passando a ter uma acepção mais abstrata e posição fixa.

Vale salientar que os resultados apresentados nesta pesquisa ratificam os encontrados em importantes trabalhos referenciados no capítulo 1, indo além, ao explicitar que os discentes, ainda que sejam “obrigados” a aplicar a língua padrão imposta pelos manuais escolares, utilizam bastante em suas produções textuais a forma perifrástica de futuro, até então mais comum na fala e em textos não formais.

Entretanto este trabalho não está concluído. O futuro verbal merece pesquisas mais apuradas em diferentes aspectos que aqui não foram refinados. É importante que a expressão do futuro verbal seja analisada em diferentes gêneros textuais, assim como há a necessidade, em trabalhos futuros, de analisar as perífrases gerundivas, pois, ainda que neste trabalho haja poucos casos, sua presença nas produções escolares releva que os discentes já as usam e que seus contextos de usos precisam ser analisados.

REFERÊNCIAS

ABAURRE, M. L. M.; ABAURRE M. B. M.; PONTARA, M. **Português: contexto, interlocução e sentido**. 2 ed. São Paulo: Moderna, 2013.

ALMEIDA SANTOS, P. T. **Só um instante, senhora, que eu vou tá verificando se o livro tá disponível na editora: gerundismo, preconceito e a expansão da mudança**. 100 f. Dissertação (Mestrado em linguística) Universidade Federal de Brasília, Brasília, 2008.

ALMEIDA, Fernanda dos Santos; OLIVEIRA, Josane Moreira. A expressão variável do futuro verbal na escrita padrão de Feira de Santana - BA: uma análise sociolinguística. **Anais do II CIDS - Congresso Internacional de Dialectologia e Sociolinguística: diversidade linguística e políticas de ensino**, 2, 2012, Belém. São Luís: EDUFMA, 2012, p. 2437- 2448.

ALKMIN, Tânia Maria. Sociolinguística – Parte I. In: MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Anna Christina (Org). **Introdução à linguística 1: domínios e fronteiras**. São Paulo: Cortez, 2001, p. 21 a 47.

BECHARA, Evanildo. **Moderna gramática portuguesa**. 37. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2003 [1961].

BAGNO, M. (Org.). **Norma linguística**. São Paulo: Loyola, 2001.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **Nóis chegemu na iscola, e agora? – Sociolinguística e educação**. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.

BRAGANÇA, Marcela L. L. **A gramaticalização do verbo IR e a variação de formas para expressar o futuro do presente: uma fotografia capixaba**. 146 f. Dissertação (Mestrado) Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da Universidade Federal do Espírito Santo, 2008.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais ensino médio: Linguagens, códigos e suas tecnologias**. Brasília: MEC/SEF, 1998.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais, Língua Portuguesa, 5ª a 8ª série**. Brasília: MEC/SEF, 1998.

CÂMARA JR., J. M. **História e estrutura da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Padrão, 1975.

_____. **Estrutura da língua portuguesa**. Petrópolis: Vozes, 1980 [1970].

_____. **Dicionário de língua e gramática.** 23 ed. Petrópolis: Vozes, 2002.

CARVALHO, Cristina dos Santos; SILVA, Eliêda de Matos. Usos do verbo achar na fala popular de Salvador: gramaticalização e contexto morfossintático. In: LOPES, Norma da Silva; BULHÕES, Lígia Pelon de Lima; CARVALHO, Cristina dos Santos (Org). **Sociolinguística: estudos da variação, da mudança e da sócio-história do português brasileiro, sociolinguística paramétrica, sociofuncionalismo.** Feira de Santana: UEFS Editora, 2013, p. 37-62.

CASTILHO, Ataliba. T. A gramaticalização. **Estudos Linguísticos e Literários**, n. 19 Salvador: UFBA, p. 25-64, mar. 1997.

_____. **A língua falada no ensino de português.** 3ª ed. São Paulo: Contexto, 2001.

_____. **Nova gramática do português brasileiro.** São Paulo: Contexto, 2010.

CECÍLIO, Sandra Regina; MATOS, Cleusa Maria Alves. Heterogeneidade linguística no ensino de Língua Portuguesa. COLÓQUIO DE ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS, IIIº CELLI, 2007, Maringá. **Anais...** Maringá, 2009, p. 2051-2058.

COELHO, Paula Maria Cobucci Ribeiro. **O tratamento da variação linguística no livro didático de português**, 2007. 162 f. Dissertação (Mestrado em Linguística). Pós-Graduação em Linguística, Universidade de Brasília, Brasília, 2007.

CUNHA, Celso; CINTRA, Luís F. L. **Nova gramática do português contemporâneo.** 3 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001 [1985].

DUARTE, Fábio B. Caso, função sintática e papéis temáticos. **Revista Duc In Altum.** Muriaé, Faculdade Santa Marcelina, v. 6, n. 1, 2006. Disponível em: <http://www.letras.ufmg.br/fbonfim/publicacoes/Caso,%20Funcao%20Sintatica%20e%20Papeis%20Tematicos.pdf>. Acesso em: 23 ago. 2013.

FARACO, Carlos; MOURA, Francisco. **Gramática.** 18 ed. São Paulo: Ática, 1999.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Dicionário Aurélio básico da língua portuguesa.** 4 ed. Curitiba: Positivo, 1997.

FIGUEREIDO, Joana Gomes dos Santos; OLIVEIRA, Josane Moreira. A expressão do futuro verbal em Irará-Ba. **Revista (Con) Textos Linguísticos.** Espírito Santo, v.7, n.8, p. 36-50, 2013.

FREITAG, Raquel Meister Ko. O controle dos efeitos estilísticos dos papéis sociopessoais e do sexo/gênero na entrevista sociolinguística. **Anais do II CIDS - Congresso Internacional de**

Dialetologia e Sociolinguística: diversidade linguística e políticas de ensino, 2, 2012, Belém. São Luís: EDUFMA, 2012, p. 289-296.

GIBBON, Adriana de O. **A expressão do tempo futuro na língua falada de Florianópolis: gramaticalização e variação**. Florianópolis: UFSC, 2000. 252 p. Dissertação (Mestrado em Linguística), Curso de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2000.

GONÇALVES, S. C. L.; LIMA-HERNANDES, M. C.; CASSEB-GALVÃO V. C. RODRIGUES, A. T. C. (Org.). **Introdução à gramaticalização: princípios teóricos e aplicação**. São Paulo: Parábola, 2007.

GONÇALVES, F. B. **“Tudo” em Natal: definitude, implicaturas e contribuições para o ensino de língua materna**. 98 f. Dissertação (Mestrado) - Pós-Graduação em Estudos da Linguagem da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 2010.

GONÇALVES, Alcione. O processo de gramaticalização do verbo ir no português brasileiro: um estudo diacrônico. **Revista Domínios de linguagem**, v. 6, n. 1, Minas Gerais, p. 393-417, jul. 2012.

GORSKI, Edair Maria; COELHO, Izete Lehmkuhl. Variação linguística e ensino da gramática. **Working Papers em Linguística**, Florianópolis, v. 10, n.1, p. 73-91, jan-jun. 2009.

GRYNER, Helena. Emergência do futuro perifrástico no português carioca: o princípio da marcação. **Veredas**, v. 6, n. 2, jul./dez. 2002, p. 149-160.

HOPPER, P. J. On some principles of grammaticalization. In: TRAUGOTT, E; HEINE, B. (Ed.). **Approaches to Grammaticalization I**. Amsterdam: John Benjamins, 1991, p. 17-35.

HOPPER, Paul; TRAUGOTT, Elizabeth. **Grammaticalization**. Cambridge: Cambridge University Press, 1993.

HOUAISS, Antônio et alii. **Dicionário de língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

INFANTE, Ulisses. **Curso de gramática aplicada aos textos**. 2. ed. São Paulo: Scipione, 1995.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Disponível em: <<http://www.cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php?lang=&codmun=291450&search=bahia|jarar>>. Acesso em: 02 jun. 2013.

LABOV, William. **Principles of linguistic change – internal factors**. Cambridge: Blackwell, 1994.

_____. **Padrões sociolinguísticos**. Tradução de BAGNO, Marcos; SCHERRE, Maria Marta Pereira; CARDOSO, Caroline Rodrigues. São Paulo: Parábola, 2008 [1972].

LAVANDERA, Beatriz R. **Where does the sociolinguistic variable stop?** *Language in Society*, 7. Londres, 1978, p. 171-182.

LEMLE, M. Heterogeneidade dialetal: um apelo à pesquisa. **Tempo Brasileiro**, Rio de Janeiro, n.3, p. 60-93, abr. 1978.

LINS, Maria da Penha Pereira. **Gramaticalização de agora**. Disponível em: <<http://periodicos.ufes.br/contextoslinguisticos/article/view/5099/38312007>>. Acesso em: 10 mar. 2013.

LUFT, Celso Pedro. **Moderna Gramática Brasileira**. 14 ed. São Paulo: Globo, 2000.

LUFT, Celso. **Língua e liberdade: uma nova concepção de língua materna e seu ensino**. Porto Alegre: L&PM, 2008.

MEILLET, Antoine. L'évolution des formes grammaticales. *Scientia*, 12.26:6.1912. Repr. in A. Meillet, **Linguistique historique et linguistique général**. 1:13 – 148. Paris: Champion, 1948.

MENON, Odete P. da S. Perífrase com o verbo IR: variação e gramaticalização. In: **PUSCH, C. D. ; WESCH, A.. Verbal periphrasen in de (ibero) romanischen Sprachen**. Hamburg: Helmut Buske Verlag. p. 77-88. 2003.

MOLLICA, M. C. Fundamentação teórica: conceituação e delimitação. In: MOLLICA, M. C.; BRAGA, M. L. (Org.). **Introdução à sociolinguística: o tratamento da variação**. 2ª ed. São Paulo: Contexto, 2004, p. 9-14.

OLIVEIRA, Josane Moreira. **O futuro da língua portuguesa ontem e hoje: variação e mudança**. Rio de Janeiro: UFRJ, 2006. 254 p. Tese (Doutorado em Língua Portuguesa), Programa de Pós-Graduação em Letras Vernáculas, Faculdade Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2006.

_____. **A variação do futuro verbal em português: teste de percepção/atitude na cidade de Feira de Santana-BA**. 2011. Disponível em: <http://www.tabuleirodeletras.uneb.br/secun/numero_03/pdf/no03_artigo08.pdf>. Acesso em: 23 abr. 2014.

_____. A expressão variável do futuro verbal na escrita: Brasil e Portugal em confronto. **Revista da ABRALIN**, v. Eletrônico, n. Especial, p. 367-383. 1ª parte 2011. Disponível em: <http://www.abralin.org/site/data/uploads/revistas/2011-vol-especial-1o-parte/a-expressao-variavel-do-futuro.pdf>. Acesso em: 9 mar. 2013.

OLIVEIRA, Josane Moreira; OLINDA, Silva Rira Magalhães. A trajetória do futuro perifrástico na Língua Portuguesa: séculos XVIII, XIX e XX. **Revista da BRALIN**, Natal, UFRN, v.7, n.2, p. 97117, jul./dez. 2008. Disponível em: <<http://www.abralin.org/site/data/uploads/revistas/2008-vol-7-n-2/04-josane-moreira-e-silviarita1.pdf>>. Acesso em: 9 mar. 2013.

PAIVA, Maria da Conceição. A variável gênero/sexo. In: MOLLICA, Maria Cecília; BRAGA, Maria Luiza (Org.). **Introdução à sociolinguística: o tratamento da variação**. 4. ed. São Paulo: Contexto, 2012, p. 33-42.

PEREIRA, Marli Hermenegilda. **Reanálise e gramaticalização de conectores temporais: uma análise em tempo real**. Tese (Doutorado em Linguística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2005.

POGGIO, Rosauta Maria Galvão Fagundes. **Processos de gramaticalização de preposições do latim ao português: uma abordagem funcionalista**. Salvador: EDUFBA, 2003.

POSSENTI, Sírio. **Por que (não) ensinar gramática na escola**. Campinas: Mercado de Letras/ ALB, 2004.

ROCHA LIMA, Carlos H. **Gramática normativa da língua portuguesa**. 43 ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2003 [1957].

ROSARIO, Ivo da Costa. **Gramaticalização - uma visão teórico-epistemológica. 2010**. Disponível em: <http://www.pgletras.uerj.br/palimpsesto/num11/dossie/palimpsesto11_dossie02.pdf>. Acesso em: 10 mar. 2013.

SAID ALI, M. **Gramática histórica da língua portuguesa**. São Paulo: Melhoramentos, 1964 [1931].

SAID ALI, M. **Gramática secundária da língua portuguesa**. São Paulo: Melhoramentos, 1966 [1923].

SANTOS, Josete Rocha. **A variação entre as formas de futuro do presente no português formal e informal falado no Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: UFRJ, 2000 (Dissertação de Mestrado).

SANTOS, Patrícia Tavares de Almeida. **Só um instante, senhora, que eu vou tá verificando se o livro tá disponível na editora: gerundismo, preconceito e expansão da mudança**, 2008. 131 f. Dissertação (Mestrado em Linguística). Pós-Graduação em Linguística, Instituto de Letras, Universidade de Brasília, Brasília, 2008.

SANTOS, Jucélia Bispo. **Etnicidade e memória entre quilombolas em Irará-Bahia**. 222 f. Dissertação (Mestrado) Programa de Pós-Graduação em Estudos Étnicos e Africanos, Universidade Federal da Bahia – UFBA, Salvador, 2008.

SANTOS, Eduardo Pereira. **A expressão da futuridade verbal em Santo Antônio de Jesus: uma análise variacionista**. Salvador: UNEB, 2012. 152 p. Dissertação (Mestrado em Estudo de Linguagens), Programa de Pós-Graduação em Letras, Departamento de Ciências Humanas, Universidade do Estado da Bahia, Salvador, 2012.

SANKOFF, David; TAGLIAMONTE, Sali; SMITH, Eric. **Goldvarb X: a variable rule application for Macintosh and Windows**. Toronto: University of Toronto, 2005.

SCHERRE, Maria Marta Pereira. Paralelismo linguístico. **Revista de Estudos da Linguagem**, Belo Horizonte, v. 7, n. 2, p. 29-59, 1998. Disponível em: <http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/relin/article/view/2293/2242>. Acesso em: 23 abr. 2014.

SILVA, Rita do Carmo Polli. **A representação do tempo futuro em textos escritos: análises em tempo real de curta e de longa duração**, 2010. 262 f. Tese (Doutorado em Letras e Artes). Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2010.

SILVA, Denize Elena Garcia. O paralelismo dentro dos processos discursivos e gramaticais na fala e na escrita. **Revista do Gelne**, ano 1, nº 1, p. 69-75, 1999. Disponível em: http://www.gelne.ufc.br/revista_ano1_no1_13.pdf. Acesso em: 23 abr. 2014.

SOARES, Magda. **Para além do discurso**. Presença Pedagógica, Belo Horizonte, v. 1, n. 2, p. 5-17, mar./abri. 1995.

TAVARES, M. A. **A gramaticalização de e, aí, daí e então: estratificação/variação e mudança no domínio funcional da sequenciação retroativo-propulsora de informações – um estudo sociofuncionalista**, 2003. 285 f. Tese (Doutorado). Pós-Graduação em Linguística da Universidade de Santa Catarina, Florianópolis, 2003.

TESCH, Leila Maria. **A expressão do tempo futuro no uso capixaba: variação e gramaticalização**. Rio de Janeiro: UFRJ, 2011. 192 p. Tese (Doutorado em Linguística), Pós-Graduação em Linguística, Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2011.

WEINREICH, Uriel; LABOV, William; HERZOG, Marvin I. **Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística**. Tradução de: Marcos Bagno. São Paulo: Parábola Editorial, 2006 [1968].